

08/10/2019

**Grande Imprensa**

**FOLHA DE S. PAULO - SP**

[Tutela democrática](#)

[Os esquecidos nas políticas educacionais](#)

[Grupos de esquerda elegem metade dos conselheiros tutelares em SP](#)

[Saiba como votar para os conselhos tutelares](#)

[Governo precisa vir para conversar, diz relatora do Fundeb na Câmara](#)

[Ministro da Educação critica reportagens da Folha sobre maconha medicinal](#)

**O ESTADO DE S. PAULO - SP**

[Retrocessos](#)

[Kroton muda estrutura e passa a se chamar Cogna](#)

[Instituto Mauá investe em aprendizado na prática e parcerias com o mercado](#)

**MUITOS CAMINHOS NO ENSINO SUPERIOR**

[Pressão excessiva causa transtornos](#)

[Fique atento ao Enem](#)

[Mais perto do emprego](#)

[Uma vaga longe de casa](#)

[Quando a mudança é para mais perto](#)

[De olho nos problemas](#)

[Protagonismo em alta](#)

[Abordagem holística](#)

[Um mundo de opções](#)

**O GLOBO - RJ**

[Ministro denunciado não constrange, diz Weintraub](#)

**VALOR ECONÔMICO - SP**

[Frase do dia](#)

**Imprensa Estadual**

**A CRÍTICA - AM**

[Ensino de Ciências](#)

**DIÁRIO DE CUIABÁ - MT**

[Em MT, apenas três cursos alcançam conceito 5 no Enade](#)

**O POPULAR - GO**

[Weintraub afirma fazer faxina no MEC](#)

**O TEMPO - MG**

[É difícil encanador passar fome, afirma Weintraub](#)

**Agências de notícias e sites**

**FOLHA1**

[Uenf sob análise de ex-reitores](#)

**AGÊNCIA ESTADO**

[MEC vai lançar novo programa para ensino técnico e promete aumentar vagas em 80%](#)

**G1**

[Kroton cria nova holding para administrar 4 unidades de negócios](#)

[Pesquisa da Ufla cria tecnologia para beneficiar e melhorar a qualidade dos queijos](#)

**PORTAL EXAME**

[Weintraub diz fazer “faxina” no MEC e que realiza muito com pouco dinheiro](#)

**PORTAL ISTOÉ**

[Ministro diz fazer ‘faxina’ no MEC e que realiza muito com pouco dinheiro](#)

[Kroton muda estrutura e passa a se chamar Cogna](#)

**REUTERS BRASIL**

[Kroton cria holding para administrar segmentos de negócios, mudará código na bolsa](#)

## **TERRA**

[MEC lançará programa técnico e promete aumentar vagas em 80%](#)

[As mudanças necessárias no ensino e o conceito híbrido](#)

## **UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS**

[Conselho da UFFS pede saída de nomeado por Bolsonaro; reitor contesta](#)

[Sob Bolsonaro, MEC estuda liberar curso de direito a distância](#)

Agências de notícias e sites

## **A CRÍTICA - MS**

[MEC e Capes oferecem mais 679 bolsas de pós-graduação](#)

## **EL PAÍS - BRASIL**

[Pedro Ferreira de Souza - "Há subsídio do Estado para a saúde dos mais ricos no Brasil"](#)

## **JORNAL DA CIÊNCIA**

[Ciências sociais contribuem para o desenvolvimento do País, confirma estudo](#)

## **SÍNTESE**

[TRF4 - Estudante que acumulou duas bolsas por erro administrativo não é obrigado a ressarcir UFSC](#)

## **VOZ DA BAHIA**

[Pesquisadora baiana cria inseticida natural para combater o mosquito da dengue](#)

## **AGÊNCIA ESTADO**

[Ministro entrega ônibus escolares comprados na gestão anterior e diz fazer muito com pouco](#)

## **CONGRESSO EM FOCO**

[Relatora discute Fundeb com governadores e minimiza impacto orçamentário](#)

## **CORREIO WEB**

[UFG é a primeira pública a oferecer curso de inteligência artificial](#)

## **G1**

[Está cheio de doutor sem emprego, mas é difícil encanador passar fome, diz Weintraub ao defender ensino técnico](#)

## **R7**

[Ciência é campo de resistência e de combate às desigualdades na AL, diz pesquisador colombiano](#)

## **Imprensa Estadual**

## **CORREIO DA BAHIA - BA**

[Pesquisadora baiana cria inseticida natural para combater o mosquito da dengue](#)

Agências de notícias e sites

## **GAZETA DE PIRACICABA**

[Plástico biodegradável](#)

## **GOVERNO DE SP**

[Unesp firma parceria com a Universidade da Califórnia em diversas áreas](#)

## **SEGS - PORTAL NACIONAL**

[Capes abre seleção para financiar dez projetos de pesquisa entre Brasil e Portugal](#)

[Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos do Itai está com inscrições abertas](#)

## **R7**

[Provas do Supletivo e do Enceja começam segunda-feira na Funase](#)

[Estado de São Paulo adere ao programa de escolas militares](#)

## **FOLHA DE S. PAULO - SP - EDITORIAL**

**Tutela democrática**

**Polarização faz crescer interesse em conselhos destinados a proteger menores**

Seria um contrassenso dar por antidemocrática a mobilização para eleger Conselhos Tutelares, no domingo (6), Brasil afora. Quanto maior a participação na vida comunitária, melhor —desde que não se traduza em aparelhamento dessas instâncias por grupos sectários.

Os conselhos, diz a lei, são órgãos autônomos e permanentes encarregados de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente. Denúncias de maus-tratos e evasão escolar figuram entre suas principais atribuições.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/10/tutela-democratica.shtml>

topo ↕

## **FOLHA DE S. PAULO - SP - OPINIÃO**

### **Os esquecidos nas políticas educacionais**

#### **Alta parcela de jovens e adultos não entende o que lê**

No Brasil de hoje, 38 milhões de pessoas com 15 anos ou mais não conseguem acompanhar este artigo porque não sabem ler nem escrever ou porque não adquiriram as habilidades necessárias para o pleno domínio da língua: não conseguem identificar palavras, entender pequenos textos, anotar informações. Correspondem a 29% da população jovem e adulta e são as mais esquecidas pelo poder público.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/10/os-esquecidos-nas-politicas-educacionais.shtml>

topo ↕

## **FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO**

### **Grupos de esquerda elegem metade dos conselheiros tutelares em SP**

#### **Eleição precisará ser refeita em Pinheiros, Pirituba e Lajeado por problemas na votação**

Thiago Amâncio

São Paulo

Em reação à presença de religiosos nos Conselhos Tutelares (órgãos responsáveis por zelar pelos direitos das crianças e dos adolescentes), a eleição que aconteceu no domingo (6) para conselheiro tutelar contou com forte campanha de grupos de esquerda para eleger candidatos progressistas.

Deu certo: pelo menos metade dos eleitos em São Paulo figuravam em listas na internet elaboradas por ativistas, movimentos sociais ou partidos políticos de esquerda.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/10/grupos-de-esquerda-elegem-metade-dos-conselheiros-tutelares-em-sp.shtml>

topo ↕

## **FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO**

### **Saiba como votar para os conselhos tutelares**

#### **Veja quem pode votar e qual o local**

São Paulo

Os Conselhos Tutelares terão neste domingo (6) eleições pelo país.

Esta será a segunda vez em que há eleição direta e unificada para os postos. A primeira foi em 2015. A nova regra também possibilitou que os conselheiros possam se candidatar quantas vezes quiserem. Antes, era previsto um mandato de quatro anos com apenas uma recondução.

Criados pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) em 1990, os Conselhos Tutelares são órgãos autônomos responsáveis por receber denúncias de violações de direitos e notificar o Ministério Público e o Judiciário, solicitar a troca de guarda familiar, fiscalizar e articular políticas públicas para menores, entre outras coisas.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/10/como-funciona-a-eleicao-para-os-conselhos-tutelares.shtml>

topo ↕

## **FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO**

**Governo precisa vir para conversar, diz relatora do Fundeb na Câmara**  
**Deputada Professora Dorinha (DEM-TO) admite mudanças no texto que prevê aumento na contribuição federal, mas pede que saída seja negociada**  
Brasília

Assim que veio a público a minuta da PEC (Proposta de Emenda à Constituição) que renova o Fundeb, e prevê um aumento do gasto da União na educação básica, o governo Jair Bolsonaro (PSL) foi para o ataque.

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, convocou, no dia 19 do mês passado, entrevista coletiva para dizer que foi pego de surpresa e que estuda encaminhar ao Congresso um texto próprio.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/10/governo-precisa-vir-para-conversar-diz-relatora-do-fundeb-na-camara.shtml>

topo ↕

## **FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO**

**Ministro da Educação critica reportagens da Folha sobre maconha medicinal**  
**Série foi publicada antes de a Anvisa apresentar sua proposta de regulamentação sobre o tema**  
São Paulo

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, criticou nesta segunda-feira (7) a série de reportagens da Folha sobre maconha medicinal.

No Twitter, afirmou: “Perguntar não ofende: será que a ‘maravilhosa’ família Frias planeja investir no fornecimento legal de maconha aos nossos filhos? Quanto vão ganhar? Quem será o banqueiro parceiro? Vão pedir grana ao BNDES? Eles estimulam os filhos deles a consumir drogas ou apenas os nossos?”

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/10/ministro-da-educacao-critica-reportagens-da-folha-sobre-maconha-medicinal.shtml>

topo ↗

## O ESTADO DE S. PAULO - SP - ECONOMIA & NEGÓCIOS

### Retrocessos

ESCREVE ÀS TERÇAS-FEIRAS ECONOMISTA E SÓCIA DA CONSULTORIA OLIVER WYMAN. O ARTIGO REFLETE EXCLUSIVAMENTE A OPINIÃO DA COLUNISTA

Quando o assunto é equilíbrio fiscal, a história mostra que, uma vez perdido o eixo, os problemas vêm em cascata – e crescem de forma exponencial com o tempo. Além disso, assim como é muito difícil consertar, é extremamente fácil estragar. Ao contrário do que acontece em outros países do mundo, nossa institucionalidade ainda é frágil e não consegue evitar pioras ou retrocessos, muitos deles visíveis apenas para os olhares atentos, pois seus impactos negativos só vão se materializar à frente.

O Espírito Santo, sob a gestão de Paulo Hartung, tornou-se exemplo de equilíbrio fiscal e eliminou de vez a falsa dicotomia entre gestão fiscal responsável e conquistas sociais. Juntamente com a única nota A do Tesouro Nacional, veio também o primeiro lugar no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). O Estado, que ocupava a 14.<sup>a</sup> colocação em 2014, alavancou a qualidade da educação básica capixaba graças ao Programa Escola Viva, bandeira de campanha do então candidato a governador. A primeira unidade foi implantada na Grande São Pedro, região de grande vulnerabilidade social de Vitória, já em 2015. Escola em tempo integral com foco no aluno, na Escola Viva, a evasão escolar é menor e a aprovação maior. Não por coincidência, os resultados vieram. No ensino superior, por outro lado, foram as bolsas de estudo que permitiram o acesso de jovens carentes a universidades privadas, sem o peso (e o custo) de se gerir diretamente uma universidade pública (ensino superior, lembremos, é responsabilidade do governo federal). Na saúde, as Organizações Sociais foram a base que permitiu a expansão do atendimento médico de qualidade pelo interior do Estado, reduzindo a dependência de deslocamentos para a capital.

Mas foi na segurança pública que o Espírito Santo de Paulo Hartung enfrentou seu mais complexo desafio. O governador não cedeu diante de uma greve policial. As greves nas atividades primordiais se consagraram País afora com o mecanismo criminoso de se conseguir aumentos salariais. Com esse objetivo, a falência do Estado não conta e aumentos são concedidos ao arrepio da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). Mas o então governador do Espírito Santo não cedeu; o STF declarou a greve ilegal e o Ministério Público moveu uma ação responsabilizando as associações que representam os policiais para que ressarcissem o prejuízo gerado pela greve. Policiais grevistas foram punidos e o Estado continuou na sua trajetória de reequilíbrio das contas, reduzindo o comprometimento da receita com despesa de pessoal e cumprindo a LRF.

Mas o Espírito Santo de hoje é outro. A nova gestão ameaça fechar as Escolas Vivas sob alegação de que são muito caras. Ao mesmo tempo, anuncia a criação de uma universidade estadual que, sabemos, se presta mais à politicagem do que à educação. Se o foco é permitir o acesso da população jovem a um curso superior, que se aumente as bolsas, ação muito mais eficaz e mais zelosa com os recursos públicos. No limite, que se transfira recursos para universidades federais, que estão sucumbindo com seus orçamentos totalmente comprometidos com salários – destino inequívoco da tal universidade estadual, caso a ideia venha a vingar. Na saúde, uma fundação pública de direito privado foi criada, em projeto que tramitou em regime de urgência na

Assembleia, para administrar os hospitais estaduais, inclusive com responsabilidade sobre compras e licitações. É a contramão do que se fez com sucesso no passado recente e que se deveria ampliar, que é a administração privada já consagrada e a redução do Estado, foco sabido de ineficiência e corrupção.

No caso dos policiais, o retrocesso foi ainda mais grave. O governo propôs e aprovou anistia aos policiais militares punidos ou processados administrativamente por envolvimento na greve e jogou por terra o efeito disciplinador de um episódio tão duro da história recente capixaba. A população foi usada como refém numa luta sindical, mas, ainda assim, governador e Legislativo local acharam por bem isentar de responsabilidade os 2.622 militares que respondiam a processos administrativos e os 23 que foram expulsos. E ainda lhes premiaram com o pagamento retroativo de seus salários.

As ações recentes não chegam a surpreender. Basta resgatar as declarações do secretário de Fazenda do governo Casagrande, no início do ano, em que a ideia da LRF estadual, elaborada pelo governo anterior, foi classificada de armadilha. Pelo visto não entendem que a institucionalização da responsabilidade fiscal é uma ferramenta de consistência e perenidade das boas políticas de Estado. Afinal, é isso que garante que o cidadão possa colher os frutos do avanço em vez de ter de pagar o custo dos retrocessos.

Nossa institucionalidade ainda é frágil e não consegue evitar piora na área fiscal

topo 

## **O ESTADO DE S. PAULO - SP - ECONOMIA & NEGÓCIOS**

### **Kroton muda estrutura e passa a se chamar Cogna**

#### **Controladora terá quatro empresas e vai criar fundo para investir em soluções inovadoras em educação**

A Kroton anunciou ontem uma nova estrutura de negócios. A holding passará a se chamar Cogna Educação e terá sob seu guarda-chuva quatro empresas, bem como a Cogna Ventures, fundo de investimento em venture capital (empresas fechadas) para investimentos em soluções tecnológicas em educação, que será criado em 2020.

A marca Kroton ficará em uma das empresas, voltada a soluções para consumidores final no ensino superior (B2C). Já a Platos servirá para atender outras empresas (B2B), em ensino superior. Em educação básica, haverá a Saber e a Vasta.

Segundo Rodrigo Galindo, presidente da agora Cogna Educação, a nova estrutura dará mais autonomia e flexibilidade a cada unidade de negócio. A investidores e analistas, ele apresentou uma série de oportunidades de crescimento nos quatro segmentos. De acordo com ele, o grupo pode acessar um mercado potencial de R\$ 174 bilhões.

A Kroton quer conquistar instituições de ensino que queiram expandir suas operações para o ensino a distância (EAD) em graduação e pós-graduação. A ideia é oferecer uma plataforma de tecnologia, que agrega 11 serviços como atendimento de departamentos administrativos e produção de conteúdo, até a captação de alunos.

Quem ficará à frente da “nova Kroton” é Roberto Valério, hoje diretor de ensino superior no grupo. Segundo ele, os 9% de participação de mercado ainda representam um percentual baixo e aquém do potencial da Kroton, que está “preparada” para capturar novas oportunidades.

De acordo com ele, o segmento tem tendência positiva. Em projetos novos, a companhia vê a operação evoluindo acima do esperado, além de necessidade menor de recursos para investimentos.

Segundo Galindo, a companhia estima que o mercado de B2B para ensino superior no Brasil seja de R\$ 34 bilhões – do qual a companhia tem apenas 0,3%.

topo ↕

## **O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPECIAL**

### **Instituto Mauá investe em aprendizado na prática e parcerias com o mercado**

Em constante transformação, o mercado de trabalho hoje exige mais do que conhecimentos técnicos. Profissionais precisam de competências socioemocionais e visão de negócios. E o preparo para esse desafio está fora da sala de aula convencional, afirma o reitor do Instituto Mauá de Tecnologia (IMT), José Carlos de Souza Jr.: “O segredo está na mistura das diferenças”.

Foi o que aconteceu quando a instituição se abriu para novas áreas. Além de nove cursos de Engenharia, o IMT tem ainda Administração e Design. “Criamos ambientes para todos os alunos trabalharem juntos. Essa troca de conhecimento proporcionou soluções técnicas, de empreendedorismo e inovação”, explica o reitor.

Outra particularidade do IMT é a infraestrutura. Além de mais de 120 laboratórios abertos (que atendem a todos os cursos), a instituição implementou o projeto Smart Campus. Todos os espaços contam com acesso à internet das coisas (Iot, na sigla em inglês para internet of things). “As aulas podem acontecer em qualquer lugar”, diz Souza. “Temos uma plataforma aberta com medições e monitoramentos online de diferentes dados.”

topo ↕

## **O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPECIAL**

### **MUITOS CAMINHOS NO ENSINO SUPERIOR**

**Entre tantas possibilidades, aluno que conclui o ensino médio tem pela frente a árdua missão de optar por uma carreira, instituição e modalidade de curso superior, que pode ser presencial ou a distância**

• Faculdade pública ou privada? Curso presencial ou EAD? No Brasil ou no exterior? Guia mostra diversas portas e rumos a seguir.

Se por um lado o avanço da tecnologia e a evolução dos cursos de graduação trouxe mais opções e facilidades no acesso ao ensino superior, por outro todas essas variedades causam cada vez mais confusão na cabeça dos jovens. Isso porque, com tantos formatos (presencial ou a distância) e instituições disponíveis (públicas, privadas, em outras cidades ou países), parece uma missão – quase – impossível escolher um único caminho.

A falta de orientação vocacional sólida ao longo do ensino médio e do cursinho tem levado a uma evasão alta nos primeiros anos de faculdade. É o que aponta pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Segundo os dados, 49% dos alunos desistiram do curso no primeiro ano em uma instituição pública e 53% em faculdades particulares. Os dados analisados são de 2010 a 2015.

A confusão no momento de decidir a futura carreira, em geral no meio da adolescência,

é comum. Luana Sevarolli, de 16 anos, quase fez a escolha errada. “Eu sempre fui muito bem em tudo na escola, e sempre quando você vai bem em tudo te associam a uma pessoa de Exatas.” A aluna do Colégio CPV pensava em fazer vestibular para Engenharia, mas no 2.º ano do ensino médio se encantou pelo teatro e agora está decidida a tentar uma vaga em Artes Cênicas.

“Quando eu estava no 2.º ano, entrei em uma crise, de não saber mais o que fazer porque eu não gostava realmente das coisas que iria aprender em Engenharia”, conta. “Fiquei tentando negar muito que queria fazer teatro. Mas chegou um momento em que a única parte feliz da minha semana é quando eu estava fazendo teatro. Resolvi mudar mesmo.”

Antes de tomar essa decisão, Luana buscou ajuda. “Fiz dois anos de orientação vocacional. Não é só um teste que você faz. São cerca de cinco semanas de cur

Eu penso ‘Será que eu vou me arrepender depois?’ Vou ter o trabalho de sair e começar tudo de novo Eliezer de Paula, aluno do Cursinho da Poli na dúvida sobre que carreira seguir

Insegurança. Eliezer de Paula ainda não conseguiu fazer uma escolha segura sobre a carreira. Mesmo depois de concluir o ensino técnico, o estudante de 20 anos não desistiu da sua ideia inicial de fazer Medicina. Em 2018, ele decidiu se inscrever no Cursinho da Poli. “Fui para lá com Medicina na cabeça. Só que ali conheci outras áreas e pessoas, gente que trabalhou no mercado financeiro, por exemplo, e criei interesse pela área. Comecei a pensar em Economia, Engenharia. Acabei ficando na dúvida entre esses três cursos.”

O estudante chegou a prestar vestibular no ano passado, mas não passou. Em 2019, ainda no cursinho, a dúvida sobre que profissão seguir permanece. Ele recebeu uma proposta para estudar Medicina na Argentina, o que o fez focar um pouco mais nessa área durante os estudos. Mas tem medo de fazer a escolha errada. “Eu penso ‘Será que eu vou me arrepender depois?’ Vou ter o trabalho de sair e começar tudo de novo. Se eu for para outro Estado, vou ter de largar tudo. O meu maior medo é abandonar a minha família”, afirma o aluno.

topo ↕

## O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPECIAL

### Pressão excessiva causa transtornos

### **Pesada carga de estudos, medo de não conseguir entrar para a faculdade e indecisão sobre a carreira podem levar a problemas de saúde. Papel de pais e professores é importante para diminuir cobranças**

A rotina de estudos, o medo de não conseguir a vaga desejada e a incerteza na escolha da profissão são fatores que, se não forem controlados pelos estudantes, podem provocar transtornos e até doenças. O sorriso na foto não mostra, mas Izabella Nascimento, de 19 anos, é uma das muitas estudantes que hoje passam por essa fase cheia de pressões. Com o objetivo de entrar em Medicina, ela dedica a maior parte do dia para estudar e fazer simulados do cursinho, que, segundo ela, é bem exigente com os alunos. “Há pouco tempo comecei a desenvolver ansiedade. Passava noites inteiras sem dormir pensando que minha vida profissional depende de quatro ou cinco horas de prova. Estudo muito, mas e se eu não passar? Se me der um branco na hora?”

Apesar da cobrança exterior, Izabella afirma que a pressão maior, muitas vezes, não vem nem do cursinho nem da família. “Eu me cobro demais. A minha família me apoia, eu me dedico no cursinho, mas sempre acho que não estou fazendo o suficiente”, conta. Para tentar mudar esse comportamento, Izabella buscou ajuda médica. Em vez de usar medicamentos, procurou um tratamento com florais. Essas essências funcionam como terapia complementar contra doenças e desequilíbrios emocionais e podem ser usadas com a recomendação de um profissional de Saúde.

Para quem tem dificuldade em equilibrar a preparação para as provas com suas necessidades físicas e mentais, a orientação é buscar a ajuda de um profissional, como psicólogo ou psiquiatra “É muito importante tentar se organizar com a rotina de estudos, não deixar muitas coisas acumuladas, fazer atividades físicas, cuidar do sono e da alimentação”, recomenda Fernanda Marques Saraiva, psiquiatra especializada em infância e adolescência. Outro recurso importante para evitar problemas pode ser conversar: “ter um bom diálogo com os pais, saber expor suas angústias e dificuldades, ou procurar um psicólogo ou outro profissional se necessário”, diz Fernanda.

A médica conta que, nos últimos anos, tem atendido mais adolescentes com ansiedade, síndrome do pânico e depressão. “A falta de sono, que dá origem a outras desordens e ao estresse, acaba levando a todas essas doenças”, explica. “O jovem hoje tem muito desse imediatismo, de querer tudo para ontem, e não é bem assim. Ele tem de pensar que não é porque da primeira vez deu errado que vai ser assim para sempre.”

Diante disso, o incentivo de pais e professores pode ajudar muito. Segundo a médica, é importante que a família converse com o jovem para tirar o excesso de cobrança e para criar uma rotina equilibrada de estudos. Já os professores podem ajudar com orientação vocacional e fazendo com que os alunos entendam que o processo precisa ser levado do modo mais leve possível. “É importante criar um espaço no qual o estudante possa se expressar, falar de suas angústias e dificuldades”, diz Fernanda. / L.R.

Passava noites inteiras sem dormir pensando que minha vida profissional depende de quatro ou cinco horas de prova. Estudo muito, mas e se eu não passar? Izabella Nascimento, que quer Medicina e passou a ter crises de ansiedade

topo ↕

## **O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPECIAL**

### **Fique atento ao Enem**

#### **Universidades federais e estaduais de São Paulo oferecem vagas pelo Sisu, sistema de seleção do MEC. Algumas usam exclusivamente as notas do Enem, e outras dão bônus conforme o desempenho no exame**

Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ganhou muita importância na última década – em alguns casos, chegou até mesmo a substituir vestibulares extremamente tradicionais. Hoje, as seis grandes universidades públicas do Estado de São Paulo adotam, de diferentes formas, as notas do exame como forma de ingresso por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), do Ministério da Educação (MEC). Por isso, é importante estar atento ao calendário de provas do Enem e também conhecer as regras específicas de ingresso para cada uma das instituições para saber como se candidatar corretamente a uma vaga.

Gratuito e aberto duas vezes ao ano, o Sisu é um programa que considera as notas do Enem para selecionar candidatos para estudarem em instituições públicas (federais e

estaduais). Uma das últimas universidades a adotar a seleção também via Sisu, a Universidade de São Paulo (USP) oferece 2.830 das suas 11.260 vagas em 2020 para quem pretende usar as notas do Enem.

Estudante do cursinho Etapa, Lucas Rodrigues de Aguiar, de 21 anos, tem um objetivo: ser aprovado no curso de Medicina da USP. “Eu decidi isso no 2.º ano do ensino médio, e a partir daí a minha rotina mudou bastante”, conta o aluno, que dedica em média 10 a 12 horas por dia à rotina de estudos.

Ele já fez o Enem em anos anteriores e agora se prepara para fazer a prova novamente. “Quando a nota do Enem passou a contar para universidades públicas, o exame ganhou bastante importância para mim”, conta. Além de fazer as provas da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), ele também poderá tentar entrar na USP usando as notas do exame do MEC. “O Sisu ajuda muito a conquistar uma vaga, principalmente em um curso concorrido como Medicina, mesmo que seja em outras instituições”, afirma.

Adoção integral. Duas instituições públicas paulistas adotaram integralmente o Sisu como forma de seleção: a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Universidade Federal do ABC (UFABC). Na UFSCar, o desempenho no Enem é o único fator levado em consideração como forma de ingresso desde 2011. Desse modo, os candidatos são selecionados uma vez por ano, no primeiro semestre, por meio do Sisu.

O estudante que deseja concorrer às vagas da instituição deve realizar as provas do Enem e aguardar a divulgação das notas. Em janeiro, o MEC abre as inscri

Vou tentar várias faculdades públicas, até fora de São Paulo, como a Unicamp André Machado, aluno do Colégio CPV

ções para os alunos se candidatarem a vagas nas instituições públicas por meio do Sisu. Ainda assim, é importante estar atento ao regulamento interno da UFSCar, que publica um edital para ingresso nos cursos de graduação na primeira semana de janeiro. Para 2020, a universidade vai ofertar 2.897 vagas em 65 cursos, em seus quatro câmpus.

A UFABC também segue o calendário e as regras do Sisu. Quando as inscrições são abertas, os estudantes devem escolher uma das opções de cursos interdisciplinares: o Bacharelado em Ciência e Tecnologia ou o Bacharelado em Ciências e Humanidades.

Sistemas mistos. A Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), por sua vez, adotaram sistemas mistos, com parte das vagas reservadas a ingresso por meio do Sisu.

Na Unesp, o desempenho do Enem pode entrar com a nota do vestibular da instituição para compor o resultado final do candidato. Por isso, quem deseja usar a nota do Enem na Unesp deve indicar que realizou o exame na ficha de inscrição do vestibular tradicional. A partir daí, a nota final é calculada com uma fórmula que combina o resultado do aluno na prova de conhecimentos gerais da instituição com o Enem.

Existem dois sistemas de ingresso na Unifesp: o misto – que exige realização do Enem e das provas próprias da instituição (para Ciências Biológicas, Engenharia Química e Medicina) – e a seleção via Sisu. Há ainda o Vestibular EAD para curso a distância.

Já a Unicamp oferece aos estudantes duas formas de seleção: via vestibular tradicional, que encerrou inscrições em setembro, ou ingresso direto usando a nota do Enem. Mas atenção: no segundo caso, além de se candidatar via Sisu, o aluno tem também de se inscrever na página da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (Comvest), no período de 21 de outubro a 21 de novembro.

O estudante André Machado está de olho em uma das vagas da instituição estadual em Campinas. “Vou tentar várias faculdades públicas, até fora de São Paulo, como a Unicamp”, diz o aluno do Colégio CPV. Ainda muito novo, com apenas 16 anos, ele segue em dúvida sobre o curso que pretende seguir no ensino superior. “Na minha sala, muita gente mais velha do que eu ainda não sabe o que fazer. Acho que isso é normal. Nesta fase é tudo muito cobrado, mas é difícil pensar assim tão jovem no que você quer ser para o restante da vida.” Por isso, ele se inscreveu para concorrer a vagas em três graduações bem diferentes. “Eu vou prestar para Ciências Sociais, Artes Cênicas e Relações Internacionais”, conta o estudante.

Em todo o País. Mais de cem universidades espalhadas pelo Brasil oferecem vagas pelo Sisu. Algumas instituições possuem notas mínimas para determinados cursos. A exigência principal, porém, é que o estudante não pode zerar a nota de redação do Enem. No primeiro semestre de 2019, foram ofertadas 235.461 vagas em 6.435 cursos de 129 instituições públicas. Já no segundo semestre foram 59.028 vagas em 1.731 cursos de 76 instituições.

topo ↕

## **O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPECIAL**

### **Mais perto do emprego**

#### **Em torno de 70% dos alunos que se formam nas unidades da Faculdade de Tecnologia de São Paulo têm vaga certa em uma empresa. Setores que mais absorvem tecnólogos incluem agronegócios e têxtil**

O cenário de oportunidades profissionais no Brasil não é dos melhores. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o País conta atualmente com quase 13 milhões de desempregados. Diante desse quadro, estudar em uma das unidades da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec) pode ser uma oportunidade de ter acesso a uma formação mais próxima ao mercado de trabalho, de duração mais curta (três anos) e gratuita.

Pela agilidade na formação e com ensino especializado, os estudantes de cursos com formação em tecnólogo saem prontos para o mercado de trabalho. “Uma coisa muito importante é que as Fatecs têm convênios com grandes empresas, o que possibilita aos alunos fazerem estágio e já terem uma vaga de emprego certa quando saírem do curso”, afirma o coordenador de Ensino Superior de Graduação do Centro Paula Souza, Rafael Ferreira Alves. Segundo ele, 70% dos estudantes das Fatecs conseguem emprego ao fim do curso. “O objetivo da Fatec é formar um profissional já alinhado com os interesses da empresa, por isso essa parceria empresa-curso. Os estudantes têm aulas com profissionais capacitados e especializados naquela área específica da tecnologia”, explica o coordenador.

Setores como agronegócio, têxtil e automobilístico são alguns dos que mais contratam profissionais com curso superior em tecnólogo. Como os benefícios são promissores, a procura pelos cursos é acirrada. “São milhares de candidatos que se inscrevem a cada ano. Isso significa que a Fatec continua sendo uma opção importante tanto para quem quer ter sucesso no mercado de trabalho futuramente quanto para as empresas que querem crescer com profissionais especializados”, afirma o coordenador.

O Estado de São Paulo tem hoje 73 unidades da Fatec, com cerca de 80 mil estudantes matriculados. O número de vagas disponíveis para o primeiro semestre de 2020 será divulgado quando as inscrições para o vestibular começarem, em 15 de outubro. De acordo com Ferreira Alves, em torno de 15 mil vagas costumam ser abertas a cada novo processo de seleção, realizado semestralmente.

topo ↕

## O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPECIAL

### Uma vaga longe de casa

**Estudantes apostam na graduação fora do Brasil para ter acesso a ensino de qualidade, às vezes pagando menos. Mas atenção: é recomendado pesquisar para decidir se essa escolha tem mesmo vantagem**

Vagas menos concorridas, modelos acadêmicos mais flexíveis e a possibilidade de conhecer outras culturas levam jovens brasileiros a sair do País para fazer faculdade. Em alguns casos, até mesmo os custos – da mensalidade e de vida – são atrativos no exterior. Mas, antes de fazer as malas, é preciso pesquisar bastante para encontrar uma opção que seja realmente vantajosa.

Portugal tem sido um dos principais destinos dos universitários brasileiros por causa do idioma, pelo preço relativamente baixo dos cursos (entre 3 mil e 7 mil euros ao ano) e pela facilidade do processo de admissão. Em 2014, um acordo permitiu que o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) fosse adotado como critério de seleção e, depois disso, cerca de 40 universidades e outros institutos superiores já aceitam a nota da prova. No primeiro semestre deste ano, dados oficiais mostram que 13.295 brasileiros estavam inscritos em cursos superiores do país. Além desses, havia outros 3.282 estudantes com nacionalidade portuguesa que concluíram o ensino médio no estrangeiro – muitos deles brasileiros com dupla cidadania.

Depois de vários anos sonhando em fazer algum intercâmbio para ter uma experiência com outras culturas, Giovanna Sá, de 19 anos, conseguiu realizar o desejo: há um ano ela estuda Artes Visuais no Instituto Universitário de Maia (Ismai), no norte de Portugal. “Pensei em fazer cinema na USP (Universidade de São

Paulo), mas não conseguiria passar no vestibular. A mensalidade de uma faculdade privada em São Paulo sairia mais do que o dobro do que eu pago aqui. E o custo de vida em São Paulo também seria maior do que em Maia”, conta ela, que é de Santos, no litoral paulista. “Por tudo isso, quando acabei o colégio, percebi que tinha chegado a hora de sair.”

Pela Europa. A mudança da casa dos pais para o outro lado do Atlântico não tem sido sempre fácil, mas Giovanna diz que foi a escolha certa. “Falo muito com minha mãe para matar a saudade e sempre lembro a mim mesma do porquê vim, do aprendizado que viver em outra cultura proporciona”, afirma a estudante. Giovanna vai aproveitar o programa Erasmus, que permite intercâmbio entre instituições de ensino da Europa com

o aproveitamento de todos os créditos, para fazer um semestre na Croácia.

Para o diretor-geral da unidade Pueri Domus Verbo Divino, Deivis Pothin, a vontade de sair do Brasil é natural porque o adolescente de hoje é “globalizado”. “Ele já é um cidadão global, conectado com o mundo, conhece youtuber de Cingapura, discute sobre o que está acontecendo em Barcelona”, diz. Pothin também defende que as boas escolas do País preparam para a faculdade tão bem quanto as internacionais. “Nossos alunos podem competir de igual para igual com alunos de qualquer outro país do mundo.”

Embora estudar no exterior tenha vantagens, não é a melhor opção para todo mundo. “Tem de pensar se realmente vale a pena, por exemplo, fazer Publicidade em Portugal, sendo que o Brasil é um país premiado na

área, com ótimas faculdades. Em carreiras que exigem validação de diploma, é ainda mais complicado. Quem faz Medicina, para atuar no Brasil, precisa fazer o Revalida (exame para validar o diploma), o que nem de longe é simples”, alerta Daniel Perry, coordenador do cursinho pré-vestibular Anglo. “Mas se o projeto é mesmo mudar de país, aí vale a pena em qualquer curso.”

Ao lado. Ainda que exista o desafio da validação do diploma, muito brasileiros decidem cursar Medicina na Argentina por não haver vestibular, nem mensalidade nas instituições públicas, como a Universidade de Buenos Aires. As únicas exigências são o certificado de ensino médio e uma prova de espanhol. O governo argentino não divulga o número de brasileiros matriculados nas faculdades locais, mas quem trabalha com o setor garante que o número vem crescendo.

Thaís Fuertes, da assessoria Universitários Buenos Aires, conta que a saudade é a maior dificuldade dos jovens. “Quase sempre é a primeira vez em que estão saindo da casa dos pais e já vêm para uma cultura diferente, um clima mais frio. Quando têm a primeira reprovação, alguns desanimam, acham que não está valendo tanto esforço”, relata Thaís. Apesar dos desafios, ela garante que a maioria conclui o curso e, em geral, fica pela Argentina ou se muda para a Espanha, que aceita o diploma argentino.

Nos Estados Unidos, fluência no inglês e seleção desafiam

Ter portas – e vagas – abertas a estudantes estrangeiros é uma prática comum também em grandes universidades dos Estados Unidos. Em Yale, por exemplo, uma das mais bem conceituadas, os alunos de outros países são 22% do total do corpo discente. O processo de seleção e o domínio do inglês, contudo, costumam ser entraves para se matricular em uma delas, explica Natalia Nomura, diretora de Admissões da EF Academy. “Sair do País é uma decisão difícil, mas vemos que muita gente nem tenta por falta de informação mesmo.”

João Pedro Pinto, de 22 anos, que acabou de se formar em Relações Públicas na Universidade do Sul da Flórida, conseguiu certa facilidade para o ingresso universitário porque, junto com o ensino médio brasileiro, sua escola, o Pueri Domus Verbo Divino, ofereceu o programa International Baccalaureate (IB), reconhecido por universidades de 140 países do mundo. Para ele, o principal atrativo foi o modelo diferente do ensino superior. “Não sabia o que queria fazer de faculdade, cheguei a prestar Direito mais porque meus pais são formados em Direito. Então comecei a procurar outras saídas”,

conta. Nos Estados Unidos, as faculdades costumam oferecer um ciclo básico de disciplinas e, só mais tarde, o estudante decide no que vai se graduar.

A decisão de sair do País, a princípio, assustou a família. “Quando falei em estudar fora, minha mãe entrou em pânico. Mas ela e meu pai viram como eu poderia ficar feliz e me apoiaram”, diz. Já nos Estados Unidos, para ajudar na adaptação, ele se envolveu nas atividades universitárias. “Eles fazem uma semana de orientação em que você conhece todo mundo que está chegando de fora. No primeiro ano, morei no câmpus. E trabalhei em duas instituições ligadas à universidade”, conta ele, que está empregado em uma dessas instituições até hoje. / L.A.

“Não sabia o que queria fazer, cheguei a prestar Direito mais porque meus pais são formados em Direito. Então comecei a procurar outras saídas João Pedro Pinto, que se formou em Relações Públicas na Universidade do Sul da Flórida, onde o aluno faz um ciclo básico de disciplinas e depois decide no que vai se graduar

topo ↕

## O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPECIAL

### Quando a mudança é para mais perto

### Mudar-se dentro do Brasil – de cidade e até de Estado – é a solução encontrada por alguns alunos para conseguir entrar em cursos concorridos em universidades de qualidade

O sonho de fazer cursos concorridos, como Medicina, Engenharia e Direito, em uma faculdade pública bem conceituada, leva estudantes paulistas a cruzarem fronteiras também dentro do território brasileiro. Usando a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é possível ter acesso a instituições de qualidade em outros Estados, por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu).

Depois de três anos de cursinho, Stella Zancheta, de 22 anos, decidiu ir para a Universidade Federal do Ceará (UFC) para estudar para a tão sonhada carreira na Medicina. “Conversando com um coordenador do Anglo, ele me questionou se estaria disposta a ir mais longe, falou para olhar os rankings das melhores universidades do Brasil, pesquisar sobre as cidades”, lembra Stella, que tomou a decisão com base na qualidade da instituição e no clima de região. “Pesou o fato de ser um curso com ênfase na humanização da Medicina. E também porque não gosto de frio nem queria morar numa cidade pequena”, explica.

Mesmo já tendo experiência de morar sozinha — saiu da casa dos pais em Itapira, no interior paulista, no ensino médio para fazer curso técnico em Enfermagem em Campinas —, sair do Estado de São Paulo foi um desafio para ela. “Eu tive medo por estar tão longe da família, não conhecer ninguém. Mas os colegas de faculdade foram muito receptivos e os professores também ajudam muito quem é de fora”, elogia a estudante de São Paulo.

Daniel Perry, coordenador do Anglo, recomenda aos vestibulandos sair do Estado quando querem seguir em carreiras muito concorridas. “É interessante se abrir a outras oportunidades em vez de ficar tentando uma universidade específica”, sugere Perry. Mas ele ressalta que o primeiro critério deve ser a reputação da faculdade. “A principal preocupação tem de ser com a qualidade acadêmica. Se a cidade é legal, mas a instituição não é tão boa, não adianta”, afirma o coordenador.

A distância de casa, da família e dos amigos deve ser encarada pelo aluno como uma oportunidade de amadurecimento. E também como uma oportunidade para uma dedicação plena à vida universitária. Assim que terminou o ensino médio na Móbile, Maya Goldfajn, hoje com 20 anos, foi fazer um intercâmbio de dez meses em Israel. Na volta ao Brasil, começou o curso de Direito na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV-RJ), longe dos pais e irmãos. Sua rotina é quase toda vivida dentro da instituição de ensino. “Vivo a faculdade de maneira muito intensa. Estudo, fui fundadora da Atlético, jogo todos os campeonatos esportivos, faço iniciação científica, participo sempre de palestras”, conta Maya.

“Pesou o fato de ser um curso com ênfase na humanização da Medicina. E também porque não gosto de frio nem queria morar numa cidade pequena Stella Zancheta, que saiu de São Paulo para estudar na Universidade Federal do Ceará

topo ↕

## O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPECIAL

### De olho nos problemas

**Em uma época de polarização e muitos desafios na sociedade, cursos desta área procuram formar alunos capazes de trabalhar em equipe com profissionais de outros campos para mudar a realidade**

### ESPECIAL PARA O ESTADO

A contemporaneidade traz uma série de desafios para a sociedade e, conseqüentemente, para os profissionais que lidam diretamente com ela. Por isso, cursos de Humanas buscam dar aos alunos uma formação sólida, interdisciplinar e conectada à realidade. Coordenador de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Vitor Andrade diz que a procura pelo curso cresceu nos últimos anos. “Percebemos que os alunos querem entender um pouco mais a sociedade, os modelos de governança, e nos parece que o curso de Direito tem seguido esse caminho.” A área atrai perfis variados. “Temos alunos com inclinação para atividade pública, empresarial, advocacia de escritório, com posicionamentos políticos mais ou menos fortes, com veia econômica ou que querem trabalhar com o terceiro setor. Em comum, são interessados em promover mudança relevante para o País a partir do conhecimento.”

O curso de Arquitetura da Fundação Armando Alvares Penteado (Faap) também investe na conexão entre teoria e realidade. Desde o primeiro ano, os alunos têm experiências na cidade, desenvolvendo projetos para áreas como a Praça do Arco, na Consolação, e o Minhocão, em Santa Cecília. “Estudos apontam que os grandes centros são cada vez mais tendência”, afirma o coordenador do curso, Marcos Costa. “Explorar a cidade de São Paulo é uma oportunidade única para se aprender arquitetura.” O professor destaca ainda a importância da interdisciplinaridade. “O arquiteto vai interagir com diversos atores, como engenheiros, políticos e empresas”, diz. “É fundamental que tenha conhecimento de outras áreas e senso crítico.”

O coordenador do curso de Administração do Insper, Guilherme Martins, concorda sobre a importância de se trabalhar com os problemas da sociedade. “No primeiro semestre, todos os cursos juntos, Engenharia, Administração e Economia, recebem um tema de trabalho, como por exemplo ‘vendedores ambulantes’. Aí, precisam aprender a identificar o problema, por que ele existe e como pode ser solucionado.” Segundo o professor, a área de métricas está em alta em gestão, mas os dados não falam por si. “O administrador precisa interpretar, entender e cruzar informações.”

Pedro Eymael, estudante de Relações Internacionais da FGV

“Relações Internacionais é o curso tradicional para quem gosta de História e Geografia. Eu sempre tive o objetivo de trabalhar com alguma coisa relacionada à cooperação entre os países, sempre fui interessado em lidar com problemas que atingem não só uma nação, mas um conjunto, como o crime organizado, a questão ambiental e doenças como o ebola, que não respeitam fronteiras. Escolhi Relações Internacionais porque foi o curso que chegava mais perto desse meu objetivo e também pela oportunidade de trabalhar tanto no setor privado quanto no público, assim como em ONGs e organismos internacionais.

Muita gente acaba escolhendo RI porque não sabe muito o que fazer, mas não foi o meu caso. Sempre tive noção de quais eram as instituições mais tradicionais na área. Quando soube que a FGV ia abrir o curso, fiquei interessado. É uma instituição que já tem nome, qualidade e grande produção de pesquisas.

Tenho boas expectativas para o mercado de trabalho porque no curso aprendemos não só conteúdos, que são importantes, mas também habilidades. Temos uma matéria chamada Oficinas Profissionais, em que aprendemos como escrever, como usar o Excel, como apresentar um discurso, muitas habilidades que faltam no mercado de trabalho hoje.”

topo ↕

## **O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPECIAL**

### **Protagonismo em alta**

**Estudantes precisam ir além da aptidão com números e se preparar para as funções de gestão e liderança que vão desenvolver no futuro. Dinamismo e habilidades socioemocionais também são valorizados**

A imagem do gênio que passa horas trabalhando no computador e resolvendo sozinho todos os problemas já não existe mais. Em Exatas, o trabalho em equipe se torna cada vez mais uma realidade e, por isso, os estudantes têm de estar dispostos a desenvolver características como liderança e protagonismo. “As empresas veem o engenheiro de produção como o profissional que vai resolver os problemas da forma mais rápida e eficiente, com redução de custos e envolvendo o menor número possível de processos”, afirma a coordenadora do curso de Engenharia da Produção da Universidade São Judas Tadeu, Thaís Cavalheri dos Santos. “Por isso, o aluno não pode deixar de ter um perfil de gestão.” Para prepará-la, a São Judas aposta em um currículo que exige muito trabalho em equipe. “Esses desafios são propostos com base em problemas práticos, reais, enfrentados pelas empresas no dia a dia”, conta.

Patricia Barboza, coordenadora de Engenharia Civil na Universidade Presbiteriana Mackenzie, afirma que, antes de tudo, o engenheiro é um líder, “seja de dez ou de 10 mil pessoas”, diz. “A capacidade de lidar com pessoas, trabalhar em grupos, ter organização e planejamento é fundamental.” Os alunos vivenciam a prática desde o primeiro semestre. “Temos parcerias com empresas, que trazem cases reais para as nossas disciplinas. Também temos projetos de extensão que buscam levar o conhecimento da universidade para a comunidade”, conta. “As atividades são extracurriculares e, assim, estimulamos a prática do protagonismo dos estudantes, a partir dessa liberdade de escolher o que eles querem fazer.”

Coordenador de Engenharia de Computação no Instituto Mauá de Tecnologia, Everson

Denis ressalta a importância de desenvolver pensamento crítico, criatividade e habilidades socioemocionais. “O aluno precisa ter um mindset mais dinâmico, ajustado às atualizações tecnológicas”, afirma. O curso da instituição tem acompanhado essas necessidades por intermédio de atividades complementares, que somam de 60 a 70 horas por semana. “Nós apresentamos desafios e problemas e buscamos integrar com outras áreas de conhecimento”, diz. “É uma formação ampla que permite ao aluno uma atitude inovadora.”

Ana Beatriz de Carvalho, aluna de Ciências da Computação no Senac  
“Eu estava estudando Relações Internacionais, mas vi que não era o que realmente queria. Decidi mudar por causado mercado de trabalho e porque não estava feliz com adinâmica do curso. Pesquisei bastante para decidir anova graduação, principalmente a demandado mercado e em que área seu poderia atuar. Também pesquisei sobre as melhores faculdades que ofereciam o curso de Ciências da Computação, o que cada uma delas tinha, os valores e a localização. A boa avaliação do MEC (Ministério da Educação) foi um dos critérios de decisão. Também buscava um curso dinâmico, e o Senac proporciona isso. Durante as aulas, nunca faço a mesma coisa, cada projeto tem algo diferente, sempre preciso me atualizar na área e em tudo o que está acontecendo no mundo. O curso me permite aprender linguagens novas.

Ag rad é muito boa e desafiadora, os professores são prestativos e me auxiliam bastante. O interessante é que sempre temos vários projetos em grupo e isso aproxima os alunos. Atualmente, por exemplo, estamos desenvolvendo um jogo 2D.

As minhas expectativas para o mercado de trabalho são as melhores possíveis. Existem muitas vagas voltadas para a área de TI e, atualmente, as pessoas vivem em função da tecnologia.”

topo ↕

## O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPECIAL

### Abordagem holística

**Profissional de Saúde lida com desafio de integrar novas tecnologias ao trabalho, sem deixar de lado o atendimento humano. Acesso à informação pode ajudar população a entender importância de se cuidar**

Hoje considerado essencial nos cursos de Saúde, o atendimento integral e humanizado ganha um impulso com novas tecnologias. Para que ambos se complementem, ao invés de se excluir, as faculdades precisam preparar alunos com base em princípios éticos, capacidade de diferenciar informações verdadeiras e falsas e muito conhecimento da realidade em que vão atuar.

Segundo o coordenador do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, José Eduardo Lutaif Dolci, o médico atual tende a ser generalista. “O profissional deve ter uma visão ampla da Medicina, até porque transita em vários ambientes”, explica. “Deve estar apto para atuar em situações de complexidades diversas, sempre tendo uma visão próxima ao paciente, sendo capaz de transmitir a segurança de um tratamento humanístico e tecnicamente impecável.” O professor destaca que o aluno deve ser capaz de lidar com as informações disponíveis na internet. “A democratização das informações é clara, e o papel da faculdade e do egresso é fazer uma intermediação entre o que é certo e errado”, afirma.

A área de Biomedicina é uma das mais impactadas pelo desenvolvimento da tecnologia.

Coordenador do curso da Anhembi Morumbi, Ramon Bossardi Ramos afirma que o profissional da área precisa estar sempre na ponta da inovação. Atualmente, uma das tendências mais fortes é o estudo da biologia molecular. “É onde a análise do DNA, por exemplo, vai influenciar em um diagnóstico mais preciso e, portanto, de uma medicina mais personalizada”, afirma Ramon. Estar em constante atualização, no entanto, não significa deixar de lado a empatia. “Em Saúde temos de pensar sempre no paciente, ou seja, em como esse exame mais desenvolvido pode melhorar a sua vida”, diz.

A recente popularização de blogs, sites e influencers que dão dicas sobre atividades físicas não fez a formação em Educação Física perder importância – pelo contrário. “Quanto mais informação a população tem, mais percebe a importância de ter ao seu lado um profissional capacitado”, afirma o coordenador do curso da Uninove, Alessandro Freitas. Para ele, o acesso aos fatos e às novas tecnologias beneficia o profissional da área, mas exige que se mantenha atualizado.

Andressa Helena Silva, aluna de Odontologia na Universidade Metodista

“Pensei em fazer Direito, mas ao mesmo tempo gostava muito das matérias da área de Saúde. Estudei em uma escola técnica, e ela oferecia feiras em que profissionais falavam sobre suas áreas. Em uma, conheci um pouco mais sobre Odontologia. Fiz um ano de cursinho. Na época, estava pensando em Medicina. Vi outra palestra sobre Odontologia, e foi aí que surgiu o interesse real em entender como a profissão funcionava na prática. Descobri os vários ramos.

Foi o momento de procurar a faculdade. É muito importante visitar a instituição. Uma coisa que me fez escolher a Metodista foi que os alunos têm estágio em clínicas do primeiro ao último ano, de maneira individual. Fora isso, considerei a organização da faculdade, o câmpus, a oferta de cursos extracurriculares, a existência de laboratórios e salas multimídia. Os professores também são altamente capacitados, e é muito importante avaliar isso também.

O primeiro ano tem aulas mais gerais, no segundo surgem as específicas e a parte laboratorial, que prepara o aluno para entrar em contato com paciente. A partir do terceiro ano, existem estágios, que nós chamamos de clínicas. Na grade de Odontologia, também recebemos uma formação mais social, que inclui aulas de Sociologia, Ética e Libras.”

topo ↕

## O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPECIAL

### Um mundo de opções

**Com o desenvolvimento de tecnologias, profissionais desta área têm campos de atuação ampliados. Textos para mídias digitais e conteúdos para sites são alguns exemplos de novos trabalhos possíveis**

A linguagem perpassa todas as atividades humanas. Por isso, além de formar professores, os cursos da área buscam aprimorar a comunicação, dominar tecnologias e estimular o diálogo entre campos de atuação. Coordenadora de Letras – Inglês e Português do Centro Universitário FMU, Beatriz Santana reforça que o curso não forma o profissional para atuar em uma única frente. “Letras é um campo bem amplo, muito mais do que imagina o aluno quando começa o curso. Ele pode atuar em literatura, no ensino, como redator, escritor, revisor”, diz. “Muitas vezes o aluno procura o curso com a ideia de ser professor, mas descobre um universo de possibilidades.” Com a evolução

da tecnologia, estudantes enfrentam desafios, mas ganham espaço. “As mídias digitais têm exigido bastante análise discursiva, que ajuda a entender o comportamento das pessoas na rede. O profissional também tem a oportunidade de trabalhar com meios eletrônicos e alimentar sites de empresas.”

Criado em 2018, o curso de Cinema e Audiovisual da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) acompanha as novidades tecnológicas e prepara o aluno para os negócios. “Ainda há um juízo de valor muito forte sobre o cineasta como aquela pessoa excêntrica, que cria histórias para o cinema tradicional, mas o perfil hoje é extremamente variado”, afirma a coordenadora do curso, Gisele Jordão. “Temos alunos que se interessam por desenho e cinemática de games, plataformas interativas e realidade virtual.” Para ela, a faculdade deve preparar os alunos para áreas e linguagens que ainda nem foram descobertas. “O mercado audiovisual tem crescido, expandido para diversas áreas que precisam dele para crescer”, afirma. “Quando imaginamos isso a longo prazo, sabemos que, em uma sociedade como a que vivemos, mediada por imagens, a tendência é que as oportunidades continuem a aparecer.”

Pedagogia também se transforma neste contexto tecnológico. Coordenador do curso da Universidade Paulista (Unip), o professor Nonato Assis de Miranda afirma que hoje é uma exigência que os profissionais da área tenham domínio de Tecnologias de Informação (TI). “Os alunos chegam à escola já dominando essas tecnologias. O professor tem de aprender a usar e se apropriar delas para o ensino”, diz.

Lucas Machado Nascimento, estudante de Artes na Belas Artes  
“Quando eu me formei no ensino médio, eu estava também fazendo Comunicação Visual na Etec (Escola Técnica Estadual) e o curso de Artes da Belas Artes sempre foi meu desejo, mas eu não acreditava que poderia fazer porque não tinha dinheiro e ser artista não é fácil. Acabei indo para o lado do design, marketing, mercado, trabalhei na área comercial, até que desisti de tudo e fui me dedicar ao meu sonho.

Para mim, a infraestrutura da Belas Artes se destaca. Os ateliês, estúdios e técnicos extremamente talentosos fazem essa faculdade ser especial. São poucas com essa estrutura. O dia a dia é bem movimentado. As matérias práticas exigem dedicação. Faço monitoria, sou parte do time da Galeria 13, entidade do curso de Artes. Lá, desenvolvemos atividades para os alunos e auxiliamos na exposição de TCC, a Creative Collectibles, que dura dois meses. Estar na Galeria 13 me fez ver outras possibilidades além de ser artista. Vejo que posso trabalhar com produção, montagem de exposição, curadoria. São inúmeras as opções.

Minha dica para quem vai escolher curso e faculdade é ‘siga seu instinto’. Tentei fugir pensando em retorno rápido, mas esqueci do principal. Estava infeliz fazendo algo do que não gostava. Hoje tenho muita vontade de trabalhar e me ver em tudo o que faço.”

topo ↕

## **O GLOBO - RJ - O PAÍS**

**Ministro denunciado não constrange, diz Weintraub**

**Titular da Educação defende permanência de Álvaro Antônio no governo e afirma que é preciso haver provas para condená-lo**

SÃO PAULO

Depois de virar alvo de uma investigação da Polícia Federal, junto com mais dez pessoas, Álvaro Antônio foi denunciado, na última sexta-feira, pelo Ministério Público

(MP) de Minas Gerais por crimes eleitorais e associação criminosa vinculada a candidaturas-laranja do PSL, que teriam desviado recursos do fundo eleitoral no ano passado. O esquema foi denunciado pelas próprias candidatas, em depoimentos prestados ao MP.

Após a notícia do indiciamento vir a público, o porta-voz da Presidência da República, Otávio do Rêgo Barros, informou que Bolsonaro decidiu manter o ministro no cargo, apesar das acusações que pesam contra ele. Álvaro Antônio nega qualquer irregularidade e fala em campanha difamatória.

Durante um evento para entrega de ônibus escolares em São Paulo, Weintraub afirmou ser “100% a favor do combate à corrupção e contra pessoas que desviaram recursos,” mas defendeu que paguem pelo crime apenas quando houver “provas cabais, concretas,” em especial quando forem “condenadas pela Justiça.”

— Constrangimento? Não. Tem um monte de acusações, sobre um monte de pessoas, que você tem que provar na Justiça. Eu não sou polícia, Ministério Público, não sou juiz. Não falo sobre outros ministérios, falo pelo MEC — desconversou o ministro.

De acordo com o promotor Fernando Abreu, o processo tramitará no Judiciário mineiro, e não em Brasília, porque os fatos denunciados são anteriores ao mandato de deputado federal e ao cargo de ministro.

A investigação da Polícia Federal, avalizada pelo Ministério Público mineiro, apontou que o grupo do PSL utilizou recursos de candidaturas femininas falsas para custear despesas de outros candidatos do partido durante o pleito.

— Segundo a prova dos autos, o denunciado Marcelo era a cabeça principal dessa associação que foi montada para praticar a fraude na utilização dos recursos do fundo partidário eleitoral — afirmou o promotor Fernando Abreu na última sexta-feira.

Abreu lembrou ainda que além de presidente do partido, Marcelo era “detentor da liderança de fato do próprio partido, uma vez que a composição da estrutura da diretoria era toda ela ligada ao seu gabinete enquanto deputado federal”.

Segundo Abreu, a estrutura montada para desviar recursos envolvia três categorias de intermediários. A primeira atuava na cooptação de mulheres para que fossem candidatas-laranja, além de estabelecer ligações com as gráficas onde seriam produzidos os materiais.

A segunda categoria envolvia os donos de gráficas, que emitiam notas fiscais subfaturadas ou mesmo em nome de terceiros, com os recursos desviados do fundo partidário. A terceira categoria envolvia os próprios beneficiários dos recursos, candidatos que de fato disputavam a campanha, entre eles o próprio Álvaro Antônio, que foi beneficiado com parte dos recursos desviados para sua campanha a deputado federal.

## ENSINO TÉCNICO

Presente na cerimônia de entrega de ônibus escolares, o deputado federal Eduardo

Bolsonaro (PSL-SP), filho do presidente, também evitou comentar os problemas na Justiça envolvendo seu colega de partido. Ao ser questionado se Álvaro Antônio deveria prosseguir no governo, ele ficou em silêncio e encerrou uma entrevista que concedia a jornalistas, entrando no carro que o levou até o evento.

Durante o ato, Weintraub anunciou o lançamento do programa “Novos Caminhos”, iniciativa para ampliar o alcance do ensino técnico no Brasil. Segundo ele, a meta do governo é aumentar nos próximos três anos em até 80% o número de alunos em ensino técnico no Brasil.

Eduardo Bolsonaro evita comentar os problemas de Álvaro Antônio na Justiça

topo ↕

## VALOR ECONÔMICO - SP - OPINIÃO

### Frase do dia

Aí vem um preconceito de intelectualóides que acham que escola técnica não é boa porque ensina ofício, tem que ser doutor”.

— De Abraham Weintraub, ministro da Educação, ontem, em SP

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://valor.globo.com/opiniao/noticia/2019/10/08/12c54966-frase-do-dia.ghtml>

topo ↕

## A CRÍTICA - AM - GERAL

### Ensino de Ciências

O Programa de Pós-Graduação em Educação em Ensino de Ciências da Universidade do Estado do Amazonas promoverá de quarta a sexta-feira o 11º Simpósio de Educação em Ciências na Amazônia. O evento tem como público-alvo docentes pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação, professores da Educação Básica e interessados no ensino de Ciências.

topo ↕

## DIÁRIO DE CUIABÁ - MT - BRASIL

### Em MT, apenas três cursos alcançam conceito 5 no Enade

### O Enade é aplicado pelo governo federal aos estudantes que estão no último ano da graduação ou concluindo os cursos

Em Mato Grosso, apenas três cursos superiores alcançaram a nota máxima no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) de 2018. Nesta edição, direito da Universidade Federal (UFMT), tecnologia em gestão comercial da Unic, ambos em Cuiabá, e tecnologia em gestão de recursos humanos, do Centro Universitário de Várzea Grande (Univag), alcançaram o conceito “5”. O resultado foi divulgado na última sexta-feira (04), pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), ligado ao Ministério da Educação (Mec).

No Enade 2018, 8.821 cursos foram avaliados de um total de 1.791 instituições de educação superior públicas (227) e privadas (1.564), nas modalidades presencial e a distância. O “Conceito Enade” é um indicador de qualidade que avalia os cursos por intermédio dos desempenhos dos estudantes no exame aplicado pelo governo federal aos acadêmicos que estão no último ano da graduação.

Cada curso é avaliado a cada três anos e são classificados seguindo uma escala de 1 a 5. Ao todo, foram avaliados mais de 460 mil alunos. O exame conta com 40 questões no total, sendo que 25% são sobre a formação geral e 75% sobre o componente específico

de cada formação. A nota final do participante varia de 0 a 100.

Ainda na UFMT, os cursos com os melhores desempenhos foram serviço social, ciências contábeis, administração, comunicação social habilitação jornalismo e também publicidade e propaganda, todos com nota 04. A mesma pontuação (04) receberam as faculdades de administração, comunicação social e publicidade do Centro Universitário de Várzea Grande (Univag), bem como ciências contábeis, administração, tecnologia e marketing, os três da Faculdade Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia, em Barra do Garças.

O pior desempenho ficou por conta de cursos como o de direito da Faculdade Afirmativo (Fafi); psicologia, da Faculdade AUM; turismo, da Fauc, os três na capital; tecnologia em comércio exterior, do Instituto Federal (IFMT), em Pontes e Lacerda; administração, da Faculdade Católica Rainha da Paz, em Araputanga; e da Faculdade de Direito de Alta Floresta, que alcançaram apenas 01.

Na edição de 2018, a análise focou nos cursos de bacharelado em administração; administração pública; ciências contábeis; ciências econômicas; comunicação social – jornalismo / publicidade e propaganda; design; direito; psicologia; relações internacionais; secretariado executivo; serviço social; teologia; turismo. Também foram avaliados os cursos tecnólogos nas áreas de comércio exterior; design gráfico, de interiores e de moda; gastronomia; gestão comercial, financeira, da qualidade, de recursos humanos e gestão pública; logística; marketing, e processos gerenciais.

Ao divulgar o resultado do Enade, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, disse que alunos com baixo desempenho não deveriam se formar. “Não deveria ter o diploma. Eu acho que quem faz zero a 20% foi sabotar”, afirmou o ministro. Para ele, os resultados podem estar relacionados ao perfil dos alunos das universidades - vestibulares em instituições públicas tendem a ser mais concorridos – e a uma possível “sabotagem” dos participantes.

O ministro lembrou ainda que hoje só há punição para quem não faz a prova, que acaba sofrendo atraso na colação. Assim, o governo estuda mudar o edital do exame já para o ano que vem para poder divulgar os melhores resultados, como forma de incentivo para que os estudantes se empenhem durante o exame. "A gente tem uma série de sugestões, tudo vai passar pelo Congresso", comentou.

O Inep também divulgou o IDD (Indicador de Diferença entre os Desempenhos Observado e Esperado), que busca mensurar o valor agregado pelo curso ao desenvolvimento dos estudantes concluintes, considerando seus desempenhos no Enade e no Enem, como medida proxy (aproximação) das suas características de desenvolvimento ao ingressar no curso de graduação avaliado. Neste caso, conforme o MEC, 21% dos cursos presenciais e 10% a distância tiveram conhecimentos agregados para além do projetado.

RUF – Nos últimos oito anos, a UFMT subiu 18 posições na classificação das melhores universidades do país, segundo Ranking Universitário Folha (RUF), organizado pela Folha de S. Paulo. A reportagem, publicada no impresso que circulou ontem (7), mostra que a UFMT tem uma nota de 73,95 e ocupa a 33º posição no ranking geral. Em 2018, estava na 34ª colocação. Em 2012, ocupava o 51º lugar. A pontuação máxima é 100.

A universidade foi bem avaliada por donos de empresa, que preferem contratar alunos formados pela UFMT e ficou no 33º lugar no quesito mercado. Já no 39º lugar, o quesito ensino também foi bem avaliado ao levar em conta a opinião de professores do ensino superior pelo país e a nota de Enade, além de considerar o percentual de professores com doutorado e mestrado e regime de dedicação, se parcial ou integral.

topo ↕

## **O POPULAR - GO - BRASIL**

### **Weintraub afirma fazer faxina no MEC**

Em um grande evento com a presença de prefeitos, deputados estaduais e federais, o ministro Abraham Weintraub entregou ontem (7), 180 ônibus escolares para 144 municípios paulistas. Os veículos, no entanto, foram comprados no ano passado durante a gestão Michel Temer em uma grande licitação para mais de 2 mil unidades.

Com uma plateia de cerca de cem pessoas, o ministro fez mais um discurso em que criticou governos petistas e disse que a nova gestão federal está "fazendo uma faxina" no Ministério da Educação e mostrando que é possível fazer "muito com pouco dinheiro". "Esses ônibus não são do governo federal ou dos municípios. Ele veio do povo, do dinheiro suado do povo. A gente está mostrando que com pouco dinheiro ainda se faz muito neste País", disse.

A compra dos ônibus foi feita pelo programa Caminho da Escola, criado em 2007 e que já distribuiu veículos para diversos municípios. As unidades entregues ontem são ainda insuficientes para atender a demanda por transporte escolar no Estado de São Paulo, que apenas na rede estadual de ensino tem mais de 3,8 milhões de alunos.

A licitação e o empenho do recurso foram feitos em novembro do ano passado, quando o MEC era comandado por Rossieli Soares, agora secretário de Educação de São Paulo. "A economia com esta licitação foi de mais de 23% do valor original porque fizemos a compra em larga escala. Espero que a gente continue neste caminho, brigando por mais recurso para a educação e pela eficiência", disse.

Ao lado de Rossieli durante a cerimônia, Weintraub afirmou que sua equipe tem encontra do "muita coisa errada e desperdício" no MEC, "mesmo depois de vocês terem feito uma faxina inicial".

## **ATAQUES**

Mais uma vez com um discurso inflamado, Weintraub disse que em sua gestão o dinheiro público volta para os contribuintes e não para "safado comprar triplex", disse que não se deve mais "falar em educação pública, mas ensino. Quem dá educação é a família". Também afirmou que há "grupos empresariais muito piores" que se aproveitavam do "rumo errado para o qual o País caminhava".

O tom agressivo de sua fala tem agradado os mais próximos do presidente Jair Bolsonaro (PSL).

O deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), inclusive, aproveitou os dois minutos de fala que teve durante o evento para recomendar aos presentes que sigam o ministro no Twitter onde é conhecido por frases polêmicas e por fazer piadas contra o PT. "Ele inaugurou um novo estilo de ministro, que não se preocupa tanto com os modos e liturgia do cargo. E, sim, com resultados", disse. (Agência Estado)

topo ↕

## O TEMPO - MG - BRASIL

### É difícil encanador passar fome, afirma Weintraub

SÃO PAULO

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, voltou a criticar as universidades federais, ontem, em um evento em São Paulo, e defendeu o ensino técnico. Segundo o ministro, o governo federal vai lançar hoje um novo programa nacional para incentivar o ensino técnico no Brasil. “Nossa meta até o final do governo é aumentar em 80% o número de alunos no ensino técnico”, declarou. Weintraub foi categórico ao afirmar:

“A escola pode ensinar um ofício. Aí vem o preconceito desses intelectualoides que acham que escola técnica não é boa porque ensina ofício. Tem que ser doutor. Está cheio de doutor sem emprego, mas é difícil ter um bom encanador passando fome ou na fila do Bolsa Família. É difícil um eletricista, um técnico bom, que não consegue se virar”, afirmou ontem.

O Brasil registrou 12,6 milhões de desempregados no trimestre encerrado em agosto, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O ministro, de acordo com o G1, deu as declarações durante a entrega de 180 ônibus escolares a 144 municípios do estado de São Paulo no programa do Ministério da Educação (MEC) chamado “Caminhos da Escola”.

O investimento de R\$ 40,7 milhões foi liberado por meio de emendas parlamentares de deputados federais. Weintraub voltou a afirmar que a prioridade do governo Jair Bolsonaro (PSL) é a educação infantil e criticou as universidades federais, que já passaram por dois grandes contingenciamentos de verbas desde abril, que somam R\$ 6,1 bilhão.

## DISCURSO

Na semana passada, o MEC anunciou a liberação de R\$ 1,99 bilhão da pasta que será destinado, principalmente, para universidades e institutos federais. Ao todo, R\$ 3,8 bilhões ainda seguem bloqueados. “Tenho sofrido críticas porque falo que a Educação tem que ser prioritária para creches e pré-escola e não para universidade federal. Mas cada universidade federal dessas grandes custa mais de R\$ 3 bilhões por ano. Com uma delas, a gente põe todas as crianças na creche na pré escola”, diz.

topo ↕

## FOLHA1 - TEMPO REAL

### Uenf sob análise de ex-reitores

Saída da eleição a reitor mais polarizada dos 26 anos de história da Uenf, esta será passada em revista a partir das 18h desta quarta (09), no auditório do seu Centro de Convenções. Nele se dará a mesa “Os Desafios Institucionais da Uenf em Perspectiva Histórica”. Além do atual reitor e do eleito, respectivamente os professores Luís Passoni e Raúl Palacio, três ex-reitores promoverão o debate entre passado, presente e futuro da mais importante universidade de Campos e região: os professores Raimundo Braz Filho, Almy Júnior e Silvério Freitas. Antes, com respostas próprias às mesmas perguntas, os três falaram nesta entrevista das suas experiências, analisaram o pleito recente e os desafios que esperam a universidade concebida pelo antropólogo Darcy Ribeiro. Promoção do cientista político e professor da Uenf Hamilton Garcia, o evento é organizado pela Centro de Ciência e Tecnologias Agropecuárias (CCTA), com o apoio do Centro de Ciências do Homem (CCH), do Movimento Uenf Democrática e do Grupo

## Folha da Manhã.

Folha da Manhã – Qual seu maior legado na reitoria da Uenf?

Raimundo Braz – Contando com um excelente vice-reitor e uma competente e dedicada equipe de pró-reitores, assessores em todos níveis administrativos, diretores dos Centros CCT, CCTA e CCH, a diretoria e assessores da Casa de Cultura Villa Maria, foi possível estabelecer produtivo convívio acadêmico e científico com órgãos de fomento, como a Faperj, secretarias de educação e de ciência, institutos e universidades do estado do Rio de Janeiro, envolvendo inclusive o contexto nacional: CNPq, **Capes**, Finep. Nos casos de sucesso observados em tais empreendimentos encontram-se necessariamente a parceria e o consenso de todas as forças da sociedade que atuam no desenvolvimento regional. Assim, a participação efetiva da Prefeitura, do Sebrae no apoio à pequena e micro empresa, da Uenf e de outras instituições de ensino sediadas em Campos e regiões adjacentes, sem descuidar das demais representantes das sociedades organizadas locais, como Fundenor, Firjan, Acic e CDL, promovemos o desenvolvimento regional

Almy Junior – Acredito que nosso maior legado repousa na recuperação e ampliação a infraestrutura universitária. Foi um momento com avanços importantes como a recuperação da Casa de Cultura Villa Maria, a construção do restaurante universitário, criação de núcleos de pesquisa, e de conquistas importantes para os servidores.

Pautamos ações importantes para a expansão ao Noroeste e Macaé do modelo proposto por Darcy Ribeiro, principalmente após planejamento estabelecido no mandato do professor Raimundo Braz. Um aspecto importante que parece ter se perdido um pouco foi um ambiente de estímulo à iniciativa e à criatividade dos servidores, inclusive para ampliar sua formação. Conseguimos, à época, por exemplo, ver grupos de técnicos administrativos organizando eventos importantes em suas respectivas áreas. O projeto para expansão da Uenf no Noroeste e em Macaé, que ainda não vingou, e o retorno efetivo das ações da universidade via consórcio Cederj, foram importantes e são bases para o estabelecimento de ações para o desenvolvimento regional, que acredito ser o papel mais importante da nossa universidade.

Silvério Freitas – O maior legado na reitoria da Uenf foi o nosso esforço, juntamente aos diversos segmentos de servidores e discentes, para que a universidade se fizesse ouvir junto aos representantes do governo estadual e demais órgãos, federais, municipais e privados. Juntos, demos prosseguimento à consolidação e ampliação da Uenf, com a criação da Agência Uenf de Inovação (AgiUenf), da Diretoria de Informação e Comunicação (DIC), da Escola de Extensão, do Centro de Memória da Uenf, bem como a aprovação e criação de novos cursos de graduação e de pós-graduação nos diferentes colegiados, a ampliação da infraestrutura de ensino e pesquisa, extensão e inovação.

Folha – O que mudou da Uenf em seu tempo como reitor para a universidade de hoje?

Raimundo – Ocorreu, principalmente, maior condição para que a Uenf possa recepcionar, comemorar e sediar confraternizações a nível interno e a nível da sociedade campista, alimentando a cultura de boa convivência, proporcionado pela inauguração do Centro de Convenções. A construção e funcionamento do Restaurante Universitário foi outro avanço no sentido da convivência universitária. Sinto, infelizmente, uma redução do entusiasmo acadêmico e científico no contexto interno da comunidade universitária nos últimos anos, ocorrendo, provavelmente, em face da redução de recursos e outras facilidades disponibilizadas pelos órgãos de fomento para as atividades inerentes.

Almy – Pouca coisa. Talvez o que mais preocupa tem sido o acirramento e a divisão entre servidores que se ampliaram muito e isso tem se tornado um grande gargalo.

Apesar dos muitos avanços com as bases colocadas por Darcy, como demonstrado pelo

ranking da Folha de São Paulo (RUF) que saiu esta semana, e que nos coloca como a segunda melhor universidade brasileira entre aquelas com menos de 30 anos e a primeira entre aquelas consideradas pequenas em número de alunos, no qual estamos em 3º geral no número de artigo publicado e de teses por docentes, em 7º no número de citações por docentes, entre outras, ainda precisamos de muito mais. Muitos professores estão fora da pós-graduação e precisamos resolver esta questão, notadamente com aquilo que tem sido pautado, por meio da **Capes**, para a produção científica brasileira. Silvério – A crescente restrição orçamentária na universidade tem sido uma realidade em diversas ocasiões, causando limitações severas para a sua manutenção e o seu necessário crescimento, chegando ao ponto de atrasar e ou parcelar salários em 2016 e 2017. A escassez de verbas implica numa avaliação constante, ainda mais crítica e cuidadosa, do que vem a ser realmente prioritário dentro da universidade. Nesse contexto, a comunidade universitária tem que ser forçosamente interativa e, em conjunto, trabalhar o mais harmoniosamente possível. Acredito que a comunidade está mais consciente de que é preciso estar mais unida e fortalecida internamente para alcançar as conquistas necessárias.

Folha – A autonomia financeira, a partir dos duodécimos, é o principal pleito da Uenf? Como chegar lá?

Raimundo – A autonomia financeira é um pleito muito importante e faz parte de uma luta muito antiga. Agora parece-me que a próxima etapa depende predominantemente de ação administrativa do Governo do Estado, já que conta a aprovação da Alerj. Na nossa administração, a conquista de etapa da autonomia da Uenf, em 23 de outubro de 2001, envolveu vários atores, particularmente a nossa comunidade universitária e a mídia local. Na ocasião, a Uenf não conquistou autonomia plena, incluindo a financeira, mas certamente ultrapassou etapas importantes.

Almy – Tenho muitas preocupações com o modelo de autonomia financeira aprovada. Sem vinculação com a arrecadação estadual, como é a Faperj, por exemplo, acho que a nossa, se aplicada, é fragil. Se a Assembleia Legislativa não aprovar orçamentos que cubram efetivamente as despesas da universidade, estaremos sempre nas mãos do governador que estiver ocupando o cargo. Além disso, autonomia financeira pressupõe muita responsabilidade, vejamos o que aconteceu com as universidades paulistas, que têm autonomia financeira vinculada a percentual do orçamento, tem a responsabilidade com relação aos aposentados. A USP criou um fundo de segurança que chegou a ter R\$ 3 bilhões. E mesmo assim passaram muito aperto nos últimos anos, não conseguindo repor quadros, financiar projetos. E hoje, inclusive na Unesp, se fala em fechar alguns campi. Como será o debate sobre reposição salarial com autonomia fragilizada?

Silvério – A Uenf traz em seu DNA uma herança de lutas e conquistas, herdadas de seus idealizadores e fundadores, professores, cientistas, técnicos, estudantes, políticos, empresários e o povo de Campos e região, que sempre estiveram presentes com seu apoio nas horas necessárias. Com esse trabalho coletivo a Uenf chegará lá. Todos os reitores trabalharam para viabilizar a autonomia financeira da Uenf. Todavia, houve avanços e retrocessos. Agora, na gestão do professor Passoni, houve a aprovação dos duodécimos na Alerj, o que sem dúvida é um passo importante para a Uenf. Mas é necessário que isso seja viabilizado pelo Governo do Estado.

Folha – A pesquisa e a extensão, assim como o ensino gratuito e de qualidade, estão no tripé pensado por Darcy Ribeiro à Uenf. Como vê hoje essas três atividades?

Raimundo – A universidade gera novos conhecimentos através da pesquisa, forma profissionais de qualidade pela graduação e pós-graduação, monitora a qualidade do meio ambiente nas vizinhanças, oferece cursos anuais para produtor rural desde a nossa administração e estuda a qualidade de vida da população da região através da extensão,

além de formar e treinar profissionais para a Petrobras. Assim, a Uenf assumiu parceria importante na busca de caminhos alternativos para a nossa sociedade, inclusive quando não existir mais petróleo, que é um recurso natural finito. Portanto, essas três atividades encontram-se consolidadas e em pleno desenvolvimento na Uenf. Nos seus primeiros 11 anos de intensa existência, tempo muito curto para a vida de uma universidade, as atividades da Uenf concentraram-se na consolidação de seus cursos de graduação, dos programas de pós-graduação e na criação e fortalecimento dos grupos de pesquisa, que permitiram ao CNPq classificar a Uenf em primeiro lugar no cenário nacional na composição qualificada do número de doutores.

Almy – As atividades de ensino-pesquisa-extensão na Uenf ocorrem de um modo muito particular, talvez tenhamos um dos melhores no cenário acadêmico nacional, com uma extensão pujante. Entretanto, precisamos investir mais na qualidade do ensino e das pesquisas universitárias. Precisamos estar mais antenados com as mudanças que o mundo tem exigido. Neste ponto me preocupa muito o que estamos ensinando e como nossos jovens estão se preparando para o mundo, que cada vez mais exige menos diplomas e mais habilidades para o trabalho.

Silvério – A Uenf continua reconhecida pelo MEC como uma das melhores universidades brasileiras, no ranking nacional baseado no IGC (Índice Geral de Cursos da Instituição), que compila num único índice uma série de parâmetros de qualidade da totalidade dos cursos de graduação e pós-graduação. Tem um programa robusto na extensão universitária, tem uma iniciação científica muito forte, premiada várias vezes pela **Capes**. Todavia, dentro de seus 26 anos, a Uenf passou por diversos momentos de dificuldade. A partir de outubro de 2015, houve o agravamento desse quadro, piorando ainda mais em 2016 e 2017, com a falta de verbas suficientes para o custeio das atividades básicas e essenciais da universidade, assim como para os pagamentos dos servidores professores, técnicos administrativos, estudantes bolsistas e das empresas prestadoras de serviços, além da paralisação de muitos projetos de pesquisa, devido aos atrasos na liberação dos recursos da Faperj.

Folha – Desde sua fundação, em 1993, a Uenf sofre críticas por ser “olímpica”, afastada do cotidiano de Campos e região. O que esse olhar tem de certo e errado? Algo mudou nos últimos 26 anos?

Raimundo – A nossa administração tentou buscar e ampliar ao máximo a nossa integração com a comunidade do Norte e Noroeste Fluminense, tanto com os poderes públicos, quanto com a iniciativa privada e órgãos representativos da sociedade civil. Para nós, a comunidade externa e seus problemas sempre foram fontes de reflexão, inspiração e estímulos. É natural que cada cidadão sinta orgulho e defenda a universidade pública como um patrimônio seu, querendo uma convivência máxima na sua vida cotidiana. A convivência inicial da Uenf revelou-se aparentemente arrogante e conseguimos reduzir significativamente tal situação injustificável, procurando trazer a comunidade para conviver através da oferta de cursos e programa de atividade de extensão e participando de todos eventos realizados na cidade e região.

Almy – Este é o grande desafio de todas as universidades brasileiras. Várias delas estão em regiões que reclamam da ausência. Precisamos estar mais presentes nas ações do dia a dia, mas o que fará a diferença é o modelo de desenvolvimento que a região busca. Vou citar um exemplo da minha área, a agronomia: a Uenf nunca estará presente efetivamente na região se esta, a região, não tiver mecanismos que, primeiro, reconheça o diferencial e busque mecanismos para os profissionais formados pela nossa universidade continuem na região.

Silvério – Reconhecemos a dificuldade que a Uenf teve para se integrar à cidade nos primeiros anos e ainda tem. Todavia, olhando para o futuro e pensando no presente,

observamos um crescente número de estudantes de Campos e região que participam do curso de pré-vestibular, dos diversos cursos de graduação e da pós-graduação. Além dos egressos da Uenf fazendo a diferença aqui em Campos e região, diversos projetos de extensão, com participação da comunidade campista, e a Agência de Inovação incentivando incubação de novas empresas. É um processo lento, porém capaz de transformar a sociedade e a própria universidade.

Folha – Antagonizada publicamente pelo presidente Bolsonaro e boa parte dos seus eleitores, a universidade pública é encarada como domínio e centro de doutrinação da esquerda. Em que essa visão está correta ou equivocada? Por quê?

Raimundo – A verdadeira esquerda brasileira estava sendo construída por Leonel de Moura Brizola, Darcy Ribeiro. Os dois construíram a Uenf e criaram o programa Centros Integrados de Educação Pública (Cieps). Isso sem falar de Miguel Arraes, Valdir Pires, entre outros, que foram realmente perseguidos e tiveram que se ausentar do país pela imposição do regime ditatorial. Os cortes orçamentários e os contingenciamentos de recursos adotados pelos governos brasileiros nas dotações orçamentárias dos Ministérios de Educação (MEC) e de Ciência e Tecnologia (MCT) representam ameaças permanentes para a manutenção do ensino de qualidade oferecido pelas universidades públicas e para a sobrevivência de grupos de pesquisa formados através de grande esforço e dedicação individuais e institucionais. A relação de aproximadamente 500 pesquisadores no Brasil para cada milhão de habitantes é muito diferente da observada em outros países. Na Coreia do Sul esta relação é de 2.000 e no Japão de 6.000. A ausência de uma política consistente para o desenvolvimento educacional, científico e tecnológico no país contribui para a permanência de um ambiente desarticulado para a ciência e a tecnologia, provocando uma disritmia no processo de formação de recursos humanos e no sistema de atividade de pesquisa. No Brasil programa-se muito, investe-se pouco e não se cobra quase nada.

Almy – O momento político brasileiro, tanto de um lado quanto do outro, não tem dado espaço para debates mais produtivos. A imagem de que tudo é “à esquerda” dentro das nossas universidades tem fundamento no caráter questionador que a ciência tem e, às vezes, em movimentos reivindicatórios corporativos. De qualquer modo, é preciso trabalhar melhor, internamente, fazer uma autocrítica e deixar claro qual é nossa missão, com a construção do conhecimento, com o rigor científico, devolver à sociedade jovens com capacidade de promover mudanças que todos nós queremos e com autonomia e visão tecnológico-científica, antenados com um mundo que exige transformações rápidas. Evitar a partidarização, à esquerda ou à direita, é hoje o nosso maior desafio, não só nas universidades quanto em qualquer autarquia pública. Mas, as universidades estão sempre questionando modelos, na China, atualmente, questionam o modelo de desenvolvimento considerado à esquerda.

Silvério – Esta visão está equivocada. Mesmo que haja problemas em casos específicos, nas universidades impera um ambiente democrático, com diversidades de pensamentos e de ideias. A falta de prioridade dos governantes com relação à educação, ciência, tecnologia e inovação, compromete o presente e o futuro, indo na contramão do desenvolvimento do país. É sabido que a sociedade só se transforma positivamente com investimentos em educação, ciência e tecnologia, fato comprovado pelos exemplos de sucesso de muitos países que priorizaram investimento em educação e hoje estão recebendo os dividendos social e econômico.

Folha – Não só o Brasil, mas o mundo vive um negacionismo da ciência. Fatos científicos como o aquecimento global pela ação humana, a validade das vacinas, a ida do homem à Lua e até a forma redonda da Terra, hoje são abertamente questionados. Como a ciência deve reagir a esse obscurantismo?

Raimundo – Tais problemas podem ser resolvidos mediante um sistema educacional competente, amplo e consistente.

Almy – A ciência deve agir como sempre agiu, com o método e o rigor científico. Isso pereniza é o que tem garantido os fabulosos avanços que impactam positivamente a vida de todos nós. O momento é tenso, leigos questionando fortemente ações de quem se preparou para o tema é algo muito complexo. Se as universidades se fortalecerem no princípio científico, com a qualidade devida, este será apenas um momento de questionamentos e transição para um modus operandi que venha a superar o ceticismo advindo da desinformação.

Silvério – Com o avanço da tecnologia de informação, as pessoas passaram a ter acesso a muitas informações verdadeiras e falsas, em curtíssimo espaço de tempo. Desta forma, não há tempo suficiente para uma análise mais profunda. Muitas vezes as pessoas não têm formação adequada para entender estas informações e são levados a acreditar em coisas irreais. Encontrar uma estratégia de combate às informações falsas é um desafio neste momento.

Folha – Em períodos de dificuldade, como a crise financeira do estado do Rio em 2017, quando a Uenf teve salários atrasados e parte de seus profissionais recorreu à doação de cestas básicas para sobreviver, a universidade é questionada por não ser mais aberta à iniciativa privada. Como vê a questão?

Raimundo – O estabelecimento de uma interação das universidades com empresas não será alcançado sem a adoção de uma política consistente de investimento do empresariado em atividades de pesquisa e desenvolvimento, utilizando os conhecimentos apropriados decorrentes das investigações universitárias. Em tal contexto ampliado com a participação de diversos atores públicos e privados interessados, detectou-se imediatamente a necessidade do estabelecimento de mecanismos efetivos de transferência de tecnologia para permitir a tradução do conhecimento gerado na Uenf em bens tangíveis e intangíveis, transformando-os em empreendimentos com capacidade de atuação como uma das molas propulsoras para o desenvolvimento regional. A título de exemplo, veja o que ocorreu nos Estados Unidos com as patentes, que constituem produtos típicos do investimento empresarial em pesquisa e desenvolvimento, através da aplicação de conhecimentos produzidos no ambiente acadêmico: das mais de 53 mil patentes registradas nos EUA em 1994, apenas 3% surgiram das atividades universitárias. Para nós, a comunidade externa e seus problemas constituem fontes de reflexão, inspiração e estímulos para atividades de pesquisa e para a formação do profissional cidadão que desejamos. Estou convicto de que é através da sintonia com os problemas e as demandas da sociedade que a universidade se torna capaz de formar não apenas o profissional, mas também cidadão apto a dar conta das necessidades do setor produtivo e dos desafios sociais.

Almy – Este é um problema mais complexo, no nível da autonomia universitária.

Temos que fazer uma autocrítica, boa parte dos nossos movimentos internos universitários têm muitas dificuldades para entender e/ou apoiar parcerias com empresas privadas. O modelo universitário brasileiro tem muitas dificuldades com captação de recursos da iniciativa privada. Primeiro porque boa parte do que a iniciativa privada usa de tecnologia desenvolvida em outros países, que acabam por financiar o desenvolvimento científico nas matrizes das multinacionais. Outra que tanto nossas universidades quanto o setor empresarial têm enormes dificuldades de comunicação.

Mas temos coisas boas, se observarmos no RUF, num ranking com 198 universidades, a Uenf é a 23ª em publicações de artigos em colaboração com empresas.

Silvério – A Uenf é uma construção inspiradora, de diferentes pontos de vista. Do ponto de vista acadêmico, a universidade propôs inovar em termos de estrutura

organizacional, especialmente substituindo os antigos departamentos por laboratórios transdisciplinares, entre outras inovações propostas por Darcy Ribeiro, como o quadro de professores, todos com doutorado e dedicação exclusiva. Defende o ensino público, gratuito e de qualidade. É considerada uma das melhores universidades do país. A instituição tem que procurar, não somente em época de crise, outras parcerias com órgãos federais, estaduais e municipais e empresas privadas. Estes projetos e convênios são viabilizados pelas partes na Agência Uenf de Inovação (AgiUenf) para os devidos trâmites nos colegiados da universidade. A integração com todos os setores é sempre bem vida.

Folha – A Uenf saiu da eleição a reitor talvez mais disputada da sua história. Há quem tenha visto a vitória apertada de Raúl Palacio como o triunfo eleitoral dos técnicos e alunos sobre os professores. Houve uma luta de classes no pleito de 2019? Como cicatrizar as feridas?

Raimundo – O processo eleitoral da Uenf obedece à correspondente lei constitucional do Darcy Ribeiro: 70 % docentes, 15 % servidores não docentes e 15 % discentes. Assim, se a lei foi obedecida, não existe qualquer possibilidade de alguém ser eleito somente com votos de servidores não docentes e discentes, que totalizam 30%. Nestas circunstâncias, só se pode justificar tal resultado com base na ausência de docentes no processo eleitoral.

Almy – Eleições sempre são momentos de grande energia, às vezes com ações que não devem acontecer. Não vejo esta eleição com luta de classe, talvez precisamos clarear mais o projeto institucional com foco na formação, no desenvolvimento científico e tecnológico e na captação de recursos financeiros. Todos, cada um na sua função, estão inseridos nisso. Entendo que o tempo, e as ações dos vencedores do pleito, podem levar a um ambiente mais harmônico. A cicatrização só será possível com o engajamento de todos nas ações da universidade, no trabalho do dia a dia e com metas bem estabelecidas.

Silvério – Foi a vitória da democracia. Devemos combater preconceitos e respeitar a vontade da maioria e o resultado da eleição. O reitor eleito é para toda universidade; ele deve administrar para o bem comum. Deve respeitar e valorizar a experiência de todos que lutaram e continuam lutando para a consolidação da Uenf, na busca de uma universidade produtiva, mais humana, mais participativa. Também deve valorizar a inteligência e a garra dos jovens que representam o presente e o futuro desta universidade.

Folha – O jornalista Elio Gaspari volta e meia escreve missivas imaginárias de líderes do passado aos do presente. Se tivesse que escrever uma carta ao reitor eleito, o que diria?

Raimundo – Recomenda-se a preocupação permanente com a manutenção, fortalecimento e consolidação das atividades acadêmicas e científicas da instituição, respeitando sempre a hierarquia institucional e atendendo permanentemente as exigências do processo evolutivo e as necessidades e aspirações da sociedade. Nunca esquecer que a universidade é inquestionavelmente um patrimônio da sociedade e independente de pretensões partidárias, sindicalistas e outras entidades reivindicatórias personalizadas.

Almy – Difícil tal ação (risos). Mas diria: foco na capacitação técnico-científica dos nossos estudantes. A sociedade e nosso principal “produto”, o estudante, não vão nos perdoar, se não fizermos isso. Precisamos de um plano de metas bem claro, a defesa pura e simples da universidade pública e gratuita não nos ajuda mais. Precisamos prestar contas sempre. O Sistema de Pós-Graduação Brasileiro, com metas bem estabelecidas, com foco na qualidade científica, já é um caminho. As ações

administrativas e respeito aos procedimentos democráticos é que nos levará a passar por este momento difícil.

Silvério – Diria que, em respeito a todos aqueles que lutaram pela fundação e pela existência da Uenf com qualidade, tenho a certeza de que ela resistirá, e sairá deste período de crise mais fortalecida e preparada para novas conquistas. Que é necessário encarar a realidade atual, a crise econômica no país e, principalmente, no Estado do Rio de Janeiro, conforme alerta da CPI da Crise Fiscal da Alerj, e se colocar a serviço da comunidade universitária, independentemente do apoio ou não que recebeu nas eleições. Conclame a todos para se colocar a serviço da plenitude de todas as nossas potencialidades e seguir em frente, pois ainda temos muito que avançar. Busque novas estratégias, trabalhando de forma integrada com toda comunidade universitária e a população de Campos e região, para que se mantenham em mobilização, com determinação, lucidez e capacidade. E que não fiquemos conformados em lamentar as dificuldades. Mas, ao contrário, que possamos aprimorar rotinas, articular e empreender novos caminhos e continuar, cada um de acordo com sua aptidão, a defender o presente e o futuro da Uenf, que é uma obra-prima, uma joia rara, uma riqueza inesgotável, um bem público que tem muito a contribuir para o desenvolvimento social e econômico da região, do estado e do país. A percepção da riqueza deste processo é o que garante o respeito e a reverência à instituição, independentemente das controvérsias ou disputas que ocorrem no ambiente de uma universidade.

Folha – Incluindo seu tempo como reitor, de onde veio a Uenf? Onde está e para onde vai? O que o passado da universidade deve ensinar ao presente e ao futuro?

Raimundo – Todos nós sabemos que a Uenf surgiu de movimento de anseios e empenho da sociedade campista e da capacidade criativa e política de Darcy Ribeiro e Leonel de Brizola. A administração da Uenf deve trabalhar intensamente no fortalecimento, consolidação e desenvolvendo de programas e parcerias para o desenvolvimento municipal, regional e estadual, preservando sempre a atuação profissional nas três atividades de ensino, pesquisa e extensão, envolvendo a formação de recursos humanos qualificados e geração de novos conhecimentos. Os docentes ocupantes de cargos administrativos não podem descuidar das necessárias atividades científicas essenciais para manutenção do mérito profissional através de publicações de artigos, apresentações de trabalhos em reuniões científicas nacionais e internacionais e orientações/coorientações de alunos.

Almy – No preâmbulo do volume 1, do Plano Orientador da Uenf, escrito por Darcy Ribeiro ele diz: “Dos planos que fiz, nenhum se cumpriu como fora pensado. Mas sua existência deu coerência e diretriz à vida universitária que prefigurou. O futuro, felizmente, é sempre imprevisível e surpreendente. Sendo assim, saúdo daqui a Universidade Estadual do Norte Fluminense, que há de ser, no mundo das coisas, tal como a história a fará. Desejando que dê ouvidos para as diretrizes que proponho e que faça suas as ambições generosas que lhe atribuo”. Darcy queria uma universidade pautada pela ciência. Ele, em princípio, queria uma universidade para formar doutores. Sinto que estamos desviando este caminho, temos que retomar, com bases no que o mundo está nos exigindo. Precisamos de protagonismo dos estudantes na formação deles próprios. E isso só se consegue com disciplina, trabalho e foco. Temos uma fragilidade emocional atualmente que tem sido barreira para que este protagonismo floresça.

Silvério – A Uenf é uma construção coletiva singular, cuja história está cheia de personalidades célebres e heróis anônimos. A universidade nasceu de um movimento popular, que se organizou e conseguiu incluir a criação da Instituição na Constituição do Estado de 1989, recorrendo ao mecanismo de emendas propostas pelo público. O

sucesso deste esforço cívico significou uma grande quantidade de energia gasta por um grande número de pessoas. Hoje é uma instituição de ensino reconhecida no Estado do Rio de Janeiro, no país e internacionalmente. No futuro, espero uma instituição que tenha se expandido para outros municípios, conforme previsto em seu projeto de criação, com cursos atuais consolidados e criação de novos cursos e mantida a excelência no ensino, pesquisa, extensão e inovação.

Folha – O que pensa de iniciativas como a mesa de debate “Os Desafios Institucionais da Uenf em Perspectiva Histórica”, que se dará a partir das 18h desta quarta (09), reunindo o senhor, outros dois ex-reitores, o atual reitor e o eleito, promovido pelo cientista político e professor da universidade Hamilton Garcia, com apoio do Grupo Folha?

Raimundo – O programado debate “Os Desafios Institucionais da Uenf em Perspectiva Histórica” é uma proposta oportuna e positiva, já que a universidade precisa sempre ser repensada, discutida e avaliada para continuar no pleno atendimento da importante missão que lhe é conferida.

Almy – Achei a iniciativa excelente, infelizmente estarão ausentes ex-reitores nos quais destaco o primeiro, professor Wanderley de Sousa, tão importante na gênese da nossa Uenf; e o primeiro eleito, professor Salassier Bernardo. Acredito que a iniciativa e a liberdade para debatermos o que podemos fazer para sair do estado das coisas que estamos é fundamental para o desenvolvimento da Uenf e da região.

Silvério – Será uma excelente oportunidade para os ex-reitores, reitor atual e o reitor eleito compartilharem experiências e contribuir no diagnóstico dos problemas a superar pela nova reitoria. Parabéns ao professor da universidade Hamilton Garcia e ao Grupo Folha pela iniciativa.

topo ↕

## **AGÊNCIA ESTADO - TEMPO REAL**

**MEC vai lançar novo programa para ensino técnico e promete aumentar vagas em 80%**

**É difícil ver um encanador desempregado, passando fome ou na fila do Bolsa Família. É difícil ver um electricista que não consegue se virar, disse o ministro Abraham Weintraub**

SÃO PAULO - O ministro Abraham Weintraub anunciou o lançamento de um novo programa para ampliar as matrículas no ensino técnico. A nova ação foi batizada de Novos Caminhos. Promessa de campanha do presidente Jair Bolsonaro, a expansão da modalidade ficou estagnada neste ano e sofreu com o congelamento de recursos do Ministério da Educação.

O novo programa será lançado nesta terça-feira, 8. Em cerimônia nesta segunda, em São Paulo, o ministro defendeu a modalidade, mas não quis dar detalhes sobre a ação do MEC.

"A escola pode ensinar um ofício. Só que aí vem o preconceito de uns intelectualóides que dizem que a escola técnica é ruim porque não forma doutor. Tá cheio de doutor sem emprego por aí, mas é difícil ver um encanador desempregado, passando fome ou na fila do Bolsa Família. É difícil ver um electricista que não consegue se virar", disse.

Segundo Weintraub, o Novos Caminhos vai "turbinar" a expansão de vagas na modalidade para que, até o fim do mandato de Bolsonaro, o número de matrículas seja 80% maior do que é hoje.

O Estado apurou que o Consed, entidade que reúne os secretários de educação de todos os Estados do País, não foi consultado ou procurado para dar sugestões no programa. Os dirigentes lamentaram não ter participado do processo de elaboração, já que poderiam contribuir com as experiências que já têm em suas redes de ensino.

## Cenário

A modalidade teve uma explosão de matrículas a partir de 2011, quando foi criado o Pronatec. No entanto, em 2014, com a redução de recursos para programas educacionais, a ação foi enfraquecida e o número de vagas no programa caiu. No ano passado, eram 43 mil matriculados a menos que em 2014. A redução vai na contramão do que prevê a lei do Plano Nacional de Educação (PNE), que tem como meta triplicar as matrículas até 2014.

topo ↕

## G1 - TEMPO REAL

**Kroton cria nova holding para administrar 4 unidades de negócios**

**Cogna Educação irá supervisionar empresas focadas no ensino superior e no ensino fundamental e médio, como parte de uma remodelação organizacional.**

A empresa de educação Kroton está criando uma holding para supervisionar quatro empresas focadas no ensino superior e no ensino fundamental e médio, como parte de uma ampla remodelação organizacional.

A holding, Cogna Educação, será liderada pelo presidente-executivo Rodrigo Galindo, que disse a investidores e analistas durante evento em São Paulo que o grupo "tem muito espaço para crescer" frente à participação atual de 3,9% no mercado educacional do país, avaliado em R\$ 174 bilhões.

As ações da Kroton serão negociadas sob um novo código - COGN3 - a partir de 11 de outubro. No próximo ano, a holding também lançará um fundo de capital de risco com foco em educação, a Cogna Ventures, composta exclusivamente por seus próprios recursos.

"Este fundo de capital de risco investirá em participações minoritárias, parcerias, sempre buscando soluções disruptivas que possam ajudar uma das quatro empresas do grupo", afirmou Galindo. Ainda não há definição sobre o tamanho do fundo ou as metas em potencial, de acordo com ele.

As atividades de ensino superior da empresa, que incluem mais de 800 mil estudantes em 176 unidades e 1.410 polos de ensino à distância, continuarão operando sob a marca Kroton.

"Nossa participação de mercado neste segmento é de apenas 9,1% e vemos potencial para crescer ainda mais organicamente ou por meio de aquisições", disse o CEO, acrescentando que a geração de caixa da Kroton está começando a melhorar e que a divisão provavelmente continuará sendo a maior da holding nos próximos cinco anos ou mais.

A Saber, outra unidade da Cogna Educação, oferece ensino fundamental e médio, segmento em que o grupo tem uma participação de 1,2%, com planos de retomar aquisições e novos projetos assim que a nova estrutura organizacional estiver operando com eficiência.

"Gostaríamos de retomar (aquisições e greenfields) no próximo ano, mas não estabelecemos um prazo e o gatilho será termos uma plataforma bem azeitada", afirmou Galindo.

Uma terceira divisão, a Platos, atenderá clientes corporativos no ensino superior, enquanto a quarta, Vasta Educação, ajudará as escolas primárias e secundárias particulares a gerenciar suas operações, com materiais didáticos e sistemas de ensino.

Para Galindo, a Platos e a Vasta Educação têm potencial para expandir operações para outros mercados da América Latina, incluindo Peru, Colômbia e México, embora o foco deva continuar no Brasil a médio prazo.

Sob a nova estrutura da holding Cogna, acrescentou, todas as quatro unidades terão mais autonomia para administrar negócios e seus resultados serão publicados separadamente a partir do primeiro trimestre de 2020.

"Diferentes estratégias podem ser adotadas e estamos abertos a todas as possibilidades que possam gerar valor", afirmou Galindo quando perguntado se algumas das unidades poderiam considerar uma oferta inicial de ações (IPO) no exterior ou a entrada de fundos de private equity em sua composição acionária.

Como parte da reestruturação organizacional, os acionistas da Cogna Educação votarão em 18 de novembro a indicação de três novos membros do conselho de administração, incluindo Galindo.

A ação da Kroton acumula valorização de 23% até agora em 2019.

topo ↕

## **G1 - TEMPO REAL**

### **Pesquisa da Ufla cria tecnologia para beneficiar e melhorar a qualidade dos queijos**

**Uso de leveduras aprimora produto e tem ação probiótica; pesquisa já gerou pedido de patente.**

G1 Sul de Minas

Pesquisadores desenvolveram uma tecnologia que usa leveduras para melhorar a qualidade dos queijos no Programa de Pós-Graduação em Microbiologia Agrícola da Universidade Federal de Lavras (Ufla). O trabalho é inédito no Brasil e também estuda o papel probiótico desses microrganismos para os consumidores.

A pesquisa começou em 2014 com o mestrado de Rafaela Pereira Andrade. Há 5 anos, a doutoranda iniciava seus estudos sobre novas tecnologias na produção de queijos. Ela tem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

Seus estudos começaram com uma visita à região da Serra da Canastra que é conhecida por seus queijos artesanais premiados internacionalmente. Lá, ela coletou amostras de um queijo como referência, com o intuito de descobrir quais eram os papéis que as leveduras desempenhavam naquela amostra.

No laboratório, as leveduras foram isoladas, identificadas e caracterizadas por seus

aspectos tecnológicos. A partir de então, foram produzidos diversos lotes de queijos com essas leveduras.

"No meu mestrado as leveduras foram isoladas do processo de produção do queijo canastra. Em 2016, com início do doutorado, foram caracterizadas quanto ao seu potencial probiótico e também tecnologicamente. Foram então adicionadas no queijo de diversas formas e foi possível observar que essa adição das leveduras proporcionou um produto com melhor qualidade e aspecto sensorial. Elas produzem aroma e deixam o queijo com cheiro, sabor e textura melhores. Elas deixam o queijo mais saboroso", conta.

Ela explica que leveduras é o nome popular de fungos unicelulares comuns no processamento do queijo. Quando adicionadas na amostra, provocaram acréscimos de qualidade como aroma, sabor e textura.

"Após identificadas e caracterizadas, as leveduras foram adicionadas aos queijos de diversas formas e foi possível observar que essa adição proporcionou melhoria de qualidade e aspecto sensorial, o que originou no contexto do projeto uma patente e três publicações em revistas de renome internacional", diz Rafaela.

A pesquisadora explica que o queijo obtido em laboratório é macio por dentro e com casca firme, bem parecido com o queijo Canastra. Além de agregar padrão de qualidade ao queijo, os pesquisadores também avaliam o potencial funcional dos microrganismos.

## As características probióticas

Microrganismo probiótico é aquele que, quando ingerido, traz benefícios à saúde, como por exemplo, a regularização do intestino. Essa definição é dada por Whasley Ferreira Duarte, professor responsável pela pesquisa no Departamento de Biologia da Ufla. Ele, que é orientador de Rafaela, diz que quer comprovar o papel das leveduras na saúde dos consumidores de queijo.

"Essas leveduras estão no queijo Canastra e, como comemos o queijo de leite cru, ingerimos também esses microrganismos. Estas leveduras têm potencial probiótico e já realizamos diversos testes, inclusive em ratos. Em um futuro breve, esperamos poder testar essas leveduras em humanos e, se comprovados os benefícios, seria algo inédito em queijos no mundo", anseia Whasley.

Ele também fala de uma característica de ação química das leveduras que pode baratear a produção de queijos. "Como essas leveduras também degradam a lactose, os queijos produzidos com elas não precisam ser adicionados de lactase, o que diminui o custo de produção", destaca o professor.

Questionado se os novos queijos seriam também "queijos da canastra" feitos em Lavras (MG), o professor afirma que não.

"Embora sejam queijos artesanais de Minas, cada localidade tem uma característica de clima, solos e até de microrganismos próprios daquele local, que influenciam no sabor e no aroma do queijo", explica o professor Whasley.

## A Patente

Rafaela explica que o processo de usar leveduras para melhorar os queijos é muito comum na Europa. "Quando falamos no uso de levedura em queijos no Brasil ainda existe um certo preconceito. As leveduras são muito benéficas na produção. Na Europa têm várias empresas que comercializam culturas de leveduras para produção de queijo", compara.

Como no Brasil não há essa cultura do uso das leveduras, os pesquisadores viram então, uma oportunidade de negócio e pediram uma patente.

"Não há registro no Brasil do uso de fungos unicelulares ou leveduras para a produção de queijos. O processo de utilização de leveduras que, quando ingeridas vivas, trazem benefícios ao organismo do consumidor e também ao queijo, são tema dessa patente", fala Whasley.

A patente foi depositada no início de 2018 e está na última etapa da liberação. "Após os primeiros 18 meses de sigilo, a partir de novembro, a comercialização já pode começar. A carta patente tem duração de 10 anos e o processo de concessão do documento pode durar até nove anos", explica o professor.

Ele afirma que os lucros que poderão vir com o registro serão das instituições que participaram do financiamento da pesquisa.

"Uma vez que temos financiamento de recursos públicos e a instituição é detentora do conhecimento, numa eventual transferência de tecnologia de uma patente dessa, todos os órgãos de fomento envolvidos no financiamento e a instituição são os responsáveis diretos por qualquer recurso gerado", diz.

## A Queijaria

A Ufla recebeu do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) um parecer favorável para a construção de uma usina de beneficiamento de leite e uma queijaria no Centro de Desenvolvimento e Transferência de Tecnologias, que fica na Fazenda Palmital, em Ijaci (MG).

Para o Pró-Reitor de Planejamento e Gestão (Proplag) da UFLA, João Chrysostomo de Resende Junior, a ideia de criar uma queijaria surgiu fundamentada em outros produtos que já existem como a Cafeteria Escola CafESAL.

"A queijaria, além de permitir a produção de lácteos de alta qualidade, será um laboratório prático para estudantes de diversos cursos da Ufla, como engenharia de alimentos, medicina veterinária, zootecnia, entre outros. O objetivo é que os produtos sejam comercializados em um empório Ufla que será implantado no Centro de Convivência do câmpus", destaca.

O pró-reitor acrescenta que é necessário agregar valor ao leite produzido na Fazenda Palmital, "de maneira que a fazenda tenha melhor sustentabilidade financeira, além de melhorar o atendimento às atividades finais da instituição, que são o ensino, a pesquisa e a extensão".

Para o professor Whasley, esta é uma grande oportunidade para produzir queijos artesanais com o selo Ufla.

“Não temos só o potencial para uma queijaria, como também já possuímos pesquisas na universidade que mostram como é possível fazer queijos com excelente qualidade. Seria a primeira instituição a conseguir fabricar queijos com a marca de uma universidade federal”, afirma.

O professor conta que sua pesquisa e a implantação da queijaria são projetos distintos. “Agora que conseguimos adiantar uma parte do nosso projeto, ao mesmo tempo, a organização conseguiu isso. São caminhos que se cruzaram no contexto da produção de queijos, embora os dois projetos sejam totalmente diferentes. Num futuro próximo, quem sabe, podemos até trabalhar em sintonia”, vislumbra.

#### Recursos

“Parte dos recursos são financiados pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), que é o CEPE LEITE, com a construção de uma estrutura avançada para a produção leiteira, como free stall, ordenhadeira robotizada, dentre outros. Outra parte do projeto será financiado por verbas de arrecadação da própria da Ufla, como aquela oriunda da venda do leite”, esclarece.

Segundo João o prazo para que a produção de lácteos comece é de seis meses. “Agora, os projetos complementares serão elaborados e a obra será executada, bem como serão adquiridos os equipamentos necessários. A previsão é de começarmos a produzir lácteos em um prazo de seis meses”, espera.

[topo](#)

#### **PORTAL EXAME - TEMPO REAL**

#### **Weintraub diz fazer “faxina” no MEC e que realiza muito com pouco dinheiro O ministro Abraham Weintraub afirmou que sua equipe tem encontrado “muita coisa errada e desperdício” no MEC**

Em um grande evento com a presença de prefeitos, deputados estaduais e federais, o ministro Abraham Weintraub entregou nesta segunda-feira, 7, 180 ônibus escolares para 144 municípios paulistas. Os veículos, no entanto, foram comprados no ano passado durante a gestão Michel Temer em uma grande licitação para mais de 2 mil unidades.

Com uma plateia de cerca de 100 pessoas, o ministro fez mais um discurso em que criticou governos petistas e disse que a nova gestão federal está “fazendo uma faxina” no Ministério da Educação e mostrando que é possível fazer “muito com pouco dinheiro”. “Esses ônibus não são do governo federal ou dos municípios. Ele veio do povo, do dinheiro suado do povo. A gente está mostrando que com pouco dinheiro ainda se faz muito nesse País”, disse.

A compra dos ônibus foi feita pelo programa Caminho da Escola, criado em 2007 e que já distribuiu veículos para diversos municípios. As unidades entregues nesta segunda-feira são ainda insuficientes para atender a demanda por transporte escolar no Estado de São Paulo, que apenas na rede estadual de ensino tem mais de 3,8 milhões de alunos.

A licitação e o empenho do recurso foram feitos em novembro do ano passado, quando o MEC era comandado por Rossieli Soares, agora secretário de Educação de São Paulo.

“A economia com essa licitação foi de mais de 23% do valor original porque fizemos a compra em larga escala. Espero que a gente continue nesse caminho, brigando por mais recurso para a educação e pela eficiência”, disse.

Ao lado de Rossieli durante a cerimônia, Weintraub afirmou que sua equipe tem encontrado “muita coisa errada e desperdício” no MEC, “mesmo depois de vocês terem feito uma faxina inicial”.

## Ataques

Mais uma vez com um discurso inflamado, Weintraub disse que em sua gestão o dinheiro público volta para os contribuintes e não para “safado comprar triplex”, disse que não se deve mais “falar em educação pública, mas ensino. Quem dá educação é a família”. Também afirmou que há “grupos empresariais muito piores” que se aproveitavam do “rumo errado para o qual o País caminhava”.

O tom agressivo de sua fala tem agradado os mais próximos do presidente Jair Bolsonaro.

O deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), inclusive, aproveitou os dois minutos de fala que teve durante o evento para recomendar aos presentes que sigam o ministro no Twitter – onde é conhecido por frases polêmicas e por fazer piadas contra o PT. “Ele inaugurou um novo estilo de ministro, que não se preocupa tanto com os modos e liturgia do cargo. E, sim, com resultados”, disse.

topo 

## PORTAL ISTOÉ - TEMPO REAL

### Ministro diz fazer ‘faxina’ no MEC e que realiza muito com pouco dinheiro

Em um grande evento com a presença de prefeitos, deputados estaduais e federais, o ministro Abraham Weintraub entregou nesta segunda-feira, 7, 180 ônibus escolares para 144 municípios paulistas. Os veículos, no entanto, foram comprados no ano passado durante a gestão Michel Temer em uma grande licitação para mais de 2 mil unidades.

Com uma plateia de cerca de 100 pessoas, o ministro fez mais um discurso em que criticou governos petistas e disse que a nova gestão federal está “fazendo uma faxina” no Ministério da Educação e mostrando que é possível fazer “muito com pouco dinheiro”. “Esses ônibus não são do governo federal ou dos municípios. Ele veio do povo, do dinheiro suado do povo. A gente está mostrando que com pouco dinheiro ainda se faz muito nesse País”, disse.

A compra dos ônibus foi feita pelo programa Caminho da Escola, criado em 2007 e que já distribuiu veículos para diversos municípios. As unidades entregues nesta segunda-feira são ainda insuficientes para atender a demanda por transporte escolar no Estado de São Paulo, que apenas na rede estadual de ensino tem mais de 3,8 milhões de alunos.

A licitação e o empenho do recurso foram feitos em novembro do ano passado, quando o MEC era comandado por Rossieli Soares, agora secretário de Educação de São Paulo. “A economia com essa licitação foi de mais de 23% do valor original porque fizemos a compra em larga escala. Espero que a gente continue nesse caminho, brigando por mais recurso para a educação e pela eficiência”, disse.

Ao lado de Rossieli durante a cerimônia, Weintraub afirmou que sua equipe tem encontrado “muita coisa errada e desperdício” no MEC, “mesmo depois de vocês terem

feito uma faxina inicial”.

## Ataques

Mais uma vez com um discurso inflamado, Weintraub disse que em sua gestão o dinheiro público volta para os contribuintes e não para “safado comprar triplex”, disse que não se deve mais “falar em educação pública, mas ensino. Quem dá educação é a família”. Também afirmou que há “grupos empresariais muito piores” que se aproveitavam do “rumo errado para o qual o País caminhava”.

O tom agressivo de sua fala tem agradado os mais próximos do presidente Jair Bolsonaro.

O deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), inclusive, aproveitou os dois minutos de fala que teve durante o evento para recomendar aos presentes que sigam o ministro no Twitter – onde é conhecido por frases polêmicas e por fazer piadas contra o PT. “Ele inaugurou um novo estilo de ministro, que não se preocupa tanto com os modos e liturgia do cargo. E, sim, com resultados”, disse.

topo ↕

## PORTAL ISTOÉ - TEMPO REAL

### **Kroton muda estrutura e passa a se chamar Cognia**

A Kroton anunciou nesta segunda-feira, 7, uma nova estrutura de negócios. A holding passará a se chamar Cognia Educação e terá sob seu guarda-chuva quatro empresas, bem como a Cognia Ventures, fundo de investimento em venture capital (empresas fechadas) para investimentos em soluções tecnológicas em educação, que será criado em 2020.

A marca Kroton ficará em uma das empresas, voltada a soluções para consumidores final no ensino superior (B2C). Já a Platos servirá para atender outras empresas (B2B), em ensino superior. Em educação básica, haverá a Saber e a Vasta.

Segundo Rodrigo Galindo, presidente da agora Cognia Educação, a nova estrutura dará mais autonomia e flexibilidade a cada unidade de negócio. A investidores e analistas, ele apresentou uma série de oportunidades de crescimento nos quatro segmentos. De acordo com ele, o grupo pode acessar um mercado potencial de R\$ 174 bilhões.

A Kroton quer conquistar instituições de ensino que queiram expandir suas operações para o ensino a distância (EAD) em graduação e pós-graduação. A ideia é oferecer uma plataforma de tecnologia, que agrega 11 serviços como atendimento de departamentos administrativos e produção de conteúdo, até a captação de alunos.

Quem ficará à frente da “nova Kroton” é Roberto Valério, hoje diretor de ensino superior no grupo. Segundo ele, os 9% de participação de mercado ainda representam um porcentual baixo e aquém do potencial da Kroton, que está “preparada” para capturar novas oportunidades.

De acordo com ele, o segmento tem tendência positiva. Em projetos novos, a companhia vê a operação evoluindo acima do esperado, além de necessidade menor de recursos para investimentos.

Segundo Galindo, a companhia estima que o mercado de B2B para ensino superior no Brasil seja de R\$ 34 bilhões – do qual a companhia tem apenas 0,3%.

As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

topo ↕

## **REUTERS BRASIL - TEMPO REAL**

### **Kroton cria holding para administrar segmentos de negócios, mudará código na bolsa**

SÃO PAULO (Reuters) - A Kroton anunciou nesta segunda-feira a criação de uma holding que administrará quatro empresas separadas em uma ampla reestruturação corporativa visando um impulso tecnológico.

Presidente da Kroton, Rodrigo Galindo, em São Paulo 23/05/2013 REUTERS/Paulo Whitaker

A holding, que chamará Cogna Educação, será chefiada pelo atual presidente da Kroton, Rodrigo Galindo.

“Nós temos muito espaço para crescer em todos os segmentos que a companhia opera”, disse Galindo a investidores em evento, acrescentando que o grupo possui participação de apenas 3,9% no mercado educacional do país, avaliado em 174 bilhões de reais.

Como parte da reestruturação, as ações da Cogna serão negociadas na Bovespa sob o ticker “COGN3” a partir de 11 de outubro. A nova holding também lançará um fundo em 2020, Cogna Ventures, para investir em soluções para educação. O valor do fundo não foi informado.

“Esse fundo investirá em participações minoritárias, parcerias, sempre buscando soluções que podem ajudar uma das quatro empresas da holding”, disse Galindo.

As ações da Kroton exibiam queda de 1,44 por cento às 16h20, enquanto o Ibovespa recuava 1,6 por cento.

O movimento da Kroton é semelhante ao realizado meses atrás pela rival Estácio Participações, cuja holding trocou de nome e de código na B3 para Yduqs.

Na Cogna Educação, as operações de ensino superior continuarão sob a marca Kroton, na qual a empresa atualmente possui mais de 800 mil alunos em 176 faculdades e 1.410 centros de ensino à distância.

“Nossa participação de mercado neste segmento é de apenas 9,1% e vemos potencial para crescer mais organicamente ou por meio de aquisições”, disse Galindo, acrescentando que a divisão Kroton terá agora Roberto Valério como presidente.

No setor de educação básica, no qual o grupo possui participação de mercado de 1,2%, a Cogna Educação operará como Saber, com Paulo Serino atuando como presidente.

As outras empresas controladas pela holding serão focadas em serviços corporativos ao ensino superior (Platos) e a educação básica (Vasta Educação).

topo ↕

## **TERRA - TEMPO REAL**

### **MEC lançará programa técnico e promete aumentar vagas em 80%**

**É difícil ver um encanador desempregado, passando fome ou na fila do Bolsa Família. É difícil ver um electricista que não consegue se virar, disse o ministro Abraham Weintraub**

O ministro Abraham Weintraub anunciou o lançamento de um novo programa para ampliar as matrículas no ensino técnico. A nova ação foi batizada de Novos Caminhos. Promessa de campanha do presidente Jair Bolsonaro, a expansão da modalidade ficou estagnada neste ano e sofreu com o congelamento de recursos do Ministério da Educação.

O novo programa será lançado nesta terça-feira, 8. Em cerimônia nesta segunda, em São Paulo, o ministro defendeu a modalidade, mas não quis dar detalhes sobre a ação do MEC.

"A escola pode ensinar um ofício. Só que aí vem o preconceito de uns intelectualóides que dizem que a escola técnica é ruim porque não forma doutor. Tá cheio de doutor sem emprego por aí, mas é difícil ver um encanador desempregado, passando fome ou na fila do Bolsa Família. É difícil ver um electricista que não consegue se virar", disse.

Segundo Weintraub, o Novos Caminhos vai "turbinar" a expansão de vagas na modalidade para que, até o fim do mandato de Bolsonaro, o número de matrículas seja 80% maior do que é hoje.

O Estado apurou que o Consed, entidade que reúne os secretários de educação de todos os Estados do País, não foi consultado ou procurado para dar sugestões no programa. Os dirigentes lamentaram não ter participado do processo de elaboração, já que poderiam contribuir com as experiências que já têm em suas redes de ensino.

## Cenário

A modalidade teve uma explosão de matrículas a partir de 2011, quando foi criado o Pronatec. No entanto, em 2014, com a redução de recursos para programas educacionais, a ação foi enfraquecida e o número de vagas no programa caiu. No ano passado, eram 43 mil matriculados a menos que em 2014. A redução vai na contramão do que prevê a lei do Plano Nacional de Educação (PNE), que tem como meta triplicar as matrículas até 2014.

[topo](#)

## TERRA - TEMPO REAL

### As mudanças necessárias no ensino e o conceito híbrido

Assim como as profissões tradicionais estão sendo rapidamente redefinidas no mercado atual, os sistemas de ensino precisam se adaptar para atender à crescente demanda por habilidades duráveis e ao ciclo de utilização cada vez mais curto das habilidades técnicas. E o maior desafio está em atender a demanda cada vez mais latente por um ensino mais envolvente e mais digital.

O crescimento significativo do mercado de educação a distância mostra a necessária mudança na tradicional forma de ensinar. De acordo com dados da ABMES (Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior), o número de alunos matriculados nessa modalidade quase que dobrou em menos de dez anos, resultando 1.756.982 de matrículas em 2017, contra 838 mil em 2009.

O censo realizado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

Anísio Teixeira) em 2018, mostra que as matrículas em EAD no Brasil cresceram em 26,1% entre 2015 e 2017, enquanto na modalidade presencial houve uma queda de 1,6% no mesmo período.

Tal crescimento na modalidade a distância redefiniu também o perfil acadêmico do aluno que busca uma formação. E o fato é que não há mais espaço para aulas intermináveis e unilaterais professor-aluno. Nem há tempo para isso. A vida digital totalmente conectada a dispositivos móveis inteligentes redefiniram o papel do professor nas salas de aulas, tanto presenciais como online.

A interação de alunos em cursos a distância, especialmente quando se utiliza um ambiente virtual de aprendizagem, pode trazer diversos benefícios, como o maior engajamento dos estudantes, melhor acompanhamento do progresso da turma, além da participação em atividades e fóruns de debate que colaboram para uma formação profissional que prevê habilidades duráveis e não apenas técnicas.

Do outro lado da moeda, para o professor, a vantagem é tão ou mais significativa. A melhor utilização da tecnologia acontece quando ela permite que os professores façam o que sabem fazer de melhor: ensinar. Em plataformas digitais, os professores precisam estar preparados para lidar com as novas tecnologias - e tudo o que ela pode trazer de facilidades ao seu dia a dia -, bem como considerar a natureza peculiar da nova pedagogia de ensino online.

Alinhada a esta nova pedagogia, a tendência que mais ganha espaço entre os profissionais e instituições de ensino é o ensino híbrido, que é união da educação tradicional e daquela suportada por tecnologias online, para explorar ao máximo as capacidades e o potencial dos alunos, além de manter o interesse do mesmo, seja na instituição de ensino, seja em casa ou em qualquer outro local fazendo o uso de Ambientes Virtuais, conhecidos como AVA.

O ensino híbrido possui características únicas, que diferem do conceito já conhecido de semipresencialidade. Algumas ferramentas podem ser amplamente exploradas a fim de incluir os recursos tecnológicos para personalização e complemento das aulas. Tais como:

- **Rotação por Estações:** Ocorre quando a sala de aula é dividida em estações de trabalho, cada qual com seu início, meio e fim, para que os alunos possam começar de qualquer ordem, mas sendo todas ligadas a um tema central, e ao menos uma das estações deve utilizar tecnologias de educação, como o AVA para aplicação de questionários, jogos ou fazer os alunos participarem do fórum, por exemplo;
- **Sala de Aula Invertida:** A explanação do conteúdo tem a ordem invertida e primeiro os alunos buscam referências e materiais a respeito do conteúdo sugerido pelo professor, podendo inclusive responder um questionário para avaliar o nível do conteúdo antes de ir para a aula. Neste modelo ocorre um aprofundamento da matéria e do conhecimento, já que os alunos e o professor têm mais tempo para debaterem juntos o conteúdo durante a aula;
- **Laboratório Rotacional:** Trata-se de um dos modelos mais conhecidos dentro do ensino híbrido, onde o objetivo é dividir os alunos nos dois espaços de trabalho

existentes: o convencional (sala de aula) e o ambiente virtual de aprendizagem.

Ensinar por meio dessas ferramentas pode ser um passo significativo e estratégico para o processo de aprendizado orgânico e mais acessível, tanto para alunos quanto para o próprio educador. E ser acessível não é o único diferencial do modelo híbrido. Trata-se do formato que melhor se adapta à realidade dos alunos hoje.

Ministrar uma aula no modelo híbrido, com recursos tecnológicos, é uma verdadeira oportunidade de alcançar os alunos de maneiras antes vistas como difíceis ou impossíveis.

A educação precisa de modelos disruptivos para uma economia igualmente dinâmica e constantemente inovadora. Trata-se de uma ótima ocasião para participar de sua evolução e de compartilhar experiências, entusiasmos e dedicação, para deixar o ensino mais atraente e mais acessível a uma quantidade cada vez maior de alunos.

Por Peterson Theodorovicz, Diretor da D2L Brasil

topo ↕

## UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

### **Conselho da UFFS pede saída de nomeado por Bolsonaro; reitor contesta**

O Conselho Universitário da UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul) aprovou, no último dia 30, um pedido de destituição do reitor Marcelo Recktenvald. Terceiro colocado na lista tríplice para o cargo, ele foi nomeado pelo presidente Jair Bolsonaro (PSL) um mês antes, no dia 30 de agosto.

O reitor, no entanto, não reconhece o resultado da reunião do conselho e continua ocupando o cargo.

Até hoje, Bolsonaro não respeitou o nome mais votado da lista tríplice em pelo menos seis das 12 nomeações feitas para reitorias de universidades federais. A decisão não é ilegal, mas, nos últimos anos, o primeiro da lista vinha sendo escolhido por quem ocupava a Presidência.

O processo de nomeação de reitores de universidades e institutos federais é tema de uma audiência pública que será realizada amanhã, a partir das 10h, na Câmara dos Deputados, em Brasília.

A audiência foi marcada a pedido da deputada Margarida Salomão (PT-MG). No requerimento, feito no dia 20 de agosto, a parlamentar cita uma entrevista do ministro da Educação, Abraham Weintraub, ao site Poder360, em que ele defende a criação de uma lei que altere o processo de escolha dos reitores.

Estão previstas as participações de um representante do MEC, do presidente da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), João Carlos Salles, além de representantes de sindicatos dos trabalhadores e docentes das universidades e institutos federais.

### O pedido de destituição na UFFS

Para ser aprovado, o pedido de destituição de Recktenvald da reitoria da UFFS precisava receber votos de dois terços dos membros que formam o conselho. Sediada em Chapecó (SC), a universidade possui ainda campus em Cerro Largo, Erechim e

Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, e em Laranjeiras do Sul e Realeza, no Paraná.

A proposta de destituição do reitor recebeu 35 votos favoráveis, 12 contrários e duas abstenções.

Na avaliação do conselho e do Sinduffs, sindicato dos docentes da instituição, 51 dos 54 membros estavam aptos a votar. Isso porque, segundo eles, uma vaga que representa o campus Cerro Largo está vacante e tanto o reitor como o presidente da sessão em exercício não têm direito a voto. Nessa conta, a maioria se daria em 34 votos.

Na avaliação do reitor, no entanto, são 54 conselheiros com votos válidos. Nesse caso, a maioria se daria em 36 votos.

Para resolver o impasse, um recurso foi apresentado durante a sessão para decidir qual seria o entendimento sobre o número que constituiria a maioria. Após a apresentação do recurso, no entanto, alguns conselheiros se retiraram da sessão.

Com 41 presentes, foi aprovado o entendimento de que o número de conselheiros com votos válidos era de 51 —e, portanto, os dois terços necessários para que o pedido de destituição fosse aprovado era de 34 votos.

Para o conselheiro Vicente Ribeiro, "a decisão do Conselho Universitário expressa a vontade da ampla maioria da comunidade acadêmica". "Cabe agora ao presidente acatar essa decisão em respeito à democracia e à autonomia universitária", diz.

Procurada pelo UOL, a reitoria da UFFS disse que não foram obtidos votos suficientes para a aprovação e, por isso, o pedido de destituição não foi enviado para a Presidência da República, a quem caberia decidir sobre o caso. Ainda segundo o gabinete de Recktenvald, "não passa pela cabeça do reitor a ideia de deixar o cargo".

De fato, Recktenvald permanece ocupando o cargo. Somente hoje, ele assinou pelo menos cinco portarias na condição de reitor. Entre as ações, ele nomeou um assessor especial da reitoria para assuntos internacionais e também autorizou a convocação de uma estagiária para o campus Chapecó.

O nome de Recktenvald para a reitoria da UFFS foi recebido com protestos desde a sua indicação por Bolsonaro. Segundo a comunidade acadêmica, o atual reitor se apresentou, à época da elaboração da lista tríplice, como aquele que iria acabar com um suposto "aparelhamento ideológico" na instituição.

Em Chapecó, estudantes ocuparam o prédio da reitoria como forma de protesto contra a sua nomeação entre os dias 30 de agosto e 18 de setembro. Assembleias realizadas por docentes e técnicos também deliberaram pelo repúdio à nomeação de Recktenvald ao cargo.

A reportagem tentou contato com Recktenvald, mas ele não retornou até a última atualização deste texto. Procurado pelo UOL, o Planalto repassou os questionamentos feitos sobre o caso ao MEC.

A reportagem quis saber por quais motivos o presidente Bolsonaro decidiu pela nomeação de Recktenvald, se a presidência recebeu o pedido de destituição do reitor,

como a presidência classifica o pedido e se pretende acatá-lo. As perguntas não foram respondidas.

Em nota, o MEC informou que a competência para nomeação do reitor é do presidente da República. Disse, ainda, que as listas tríplexes são organizadas pelas próprias universidades.

"Não há hierarquia na lista tríplex, ou seja, qualquer um dos três nomes pode ser indicado para o cargo de reitor e vice-reitor", diz o texto.

O ministério afirmou, ainda, que segundo a legislação o reitor e o vice-reitor "serão nomeados pelo presidente da República e escolhidos entre professores dos dois níveis mais elevados da carreira ou que possuam título de doutor, cujos nomes figurem em listas tríplexes organizadas pelo respectivo colegiado máximo, ou outro colegiado que o englobe, instituído especificamente para este fim, sendo a votação uninominal".

topo ↕

## UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

### **Sob Bolsonaro, MEC estuda liberar curso de direito a distância**

O governo Jair Bolsonaro (PSL) pode autorizar o oferecimento de cursos de graduação em direito a distância no Brasil.

Fontes do setor do ensino superior privado ouvidas pelo UOL relataram uma movimentação inédita por parte do MEC (Ministério da Educação) em processos que solicitam a liberação de cursos desse tipo. Protocolados entre cinco e dez anos atrás, os pedidos estavam antes paralisados.

Na prática, o MEC encaminhou os pedidos da Seres (Secretaria de Regulação do Ensino Superior) para o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), órgão responsável por enviar avaliadores para a instituição e verificar se o projeto de curso, conforme solicitado, tem condições de ser implementado.

A movimentação nos processos é vista por professores e coordenadores como uma comunicação formal do ministério indicando receptividade ao credenciamento da graduação em direito na modalidade EaD (ensino a distância).

Pelo menos cinco instituições perceberam essa alteração no status do processo. Professores e coordenadores dizem ter recebido a movimentação com surpresa.

"Foi meio de repente, mas veio a partir de uma demanda do setor. O MEC não inventou isso. Era algo que estava meio adormecido e [a pasta] se manifestou favorável a dar prosseguimento", diz Ricardo Pacheco, diretor de operações EaD da Brazcubas Educação, mantenedora do centro universitário Braz Cubas —uma das instituições que tiveram a movimentação no processo.

"Foi algo que ninguém imaginava que fosse acontecer agora, porque essa briga é antiga. As instituições lutam pelo direito a distância há anos", afirma o diretor de outra instituição que teve movimentação no processo, mas pediu para não ser identificado por medo de represálias.

"A gente não sabe o que vai acontecer depois dessa primeira etapa. Pode ser até que o

MEC paralise todos os processos e isso não vá para a frente. É uma situação ainda muito incipiente", diz.

"As coisas ainda não estão absolutamente definidas. Ainda tem muito para acontecer para que isso, de fato, se torne algo prático", concorda Pacheco.

Uma das primeiras instituições a entrar com um pedido para oferecer o curso de graduação em direito a distância, a PUC Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) não percebeu alterações no processo. Mas, em conversas com o MEC, foi informada de que a possibilidade está, de fato, aberta.

"Nós fizemos uma aceleração do projeto pedagógico e entramos com outra solicitação para oferta do curso, mas também mantendo o processo antigo, para ver o que anda primeiro", diz Marcos Kutova, diretor de educação a distância da instituição.

As etapas seguintes dentro do processo para abertura de um novo curso envolvem a visita técnica de avaliadores do Inep, responsáveis por elaborar um relatório favorável ou não à abertura do curso solicitado.

Caso seja favorável, o relatório é enviado novamente à Seres, responsável por dar encaminhamento à autorização do MEC para a abertura do curso. Fica a cargo do CNE (Conselho Nacional de Educação), no entanto, dar o parecer final sobre a admissibilidade do curso.

Em meio a esse processo, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) tem espaço para se manifestar. O parecer emitido pela ordem é de caráter consultivo —mesmo assim, a resistência da OAB à graduação em direito a distância é apontada como o principal fator para que não existam cursos desse tipo no Brasil. Hoje, apenas cursos de pós-graduação em direito podem ser oferecidos na modalidade EaD.

José Alberto Simonetti, secretário-geral da OAB, demonstra preocupação com uma possível falta de fiscalização e consequente baixa qualidade na oferta de cursos de graduação em direito a distância. Para ele, o país já vive um cenário grave devido à proliferação de cursos presenciais de direito —segundo o secretário, são mais de 1.700 cursos e 900 mil acadêmicos.

Um indicador do RUF (Ranking Universitário Folha) divulgado hoje aponta que apenas 6% das escolas que oferecem curso de direito conseguem aprovar mais de 50% dos seus alunos no exame da OAB.

"Tendo essa realidade grave, com muitos cursos presenciais que são extremamente mal conduzidos, possibilitar o ensino a distância sem uma supervisão eficaz nos levará a viver o caos do direito no Brasil", afirma. Uma das maiores preocupações do setor é com a prática jurídica, que hoje é entendida como necessariamente presencial.

Os coordenadores, no entanto, discordam. "As instituições que trabalham com EaD se equiparam, desenvolveram suas estruturas, e hoje acredito que estão todas aptas a ofertar o direito a distância", diz Kutova, da PUC Minas.

João Vianney, especialista em educação a distância da consultoria Hoper Educação,

afirma que, caso a graduação em direito seja de fato liberada na modalidade a distância, a oferta inicial ainda será menor do que a demanda.

Ele estima que as mensalidades girariam em torno de R\$ 750 no início, podendo cair para a faixa dos R\$ 400 com o passar dos anos e o aumento do número de vagas. Na modalidade presencial, esse valor pode chegar a até R\$ 4.000.

A projeção da Hoper é que, em até dez anos, metade dos alunos de graduação em direito estejam matriculados na modalidade EaD.

O UOL procurou o MEC para saber se a gestão do ministro Abraham Weintraub é favorável à liberação da graduação em direito a distância e se a pasta pretende autorizar o oferecimento desses cursos já em 2020.

Em nota, o ministério respondeu apenas que as instituições que ofertam EaD serão avaliadas de acordo com a Lei nº 10.861, de 2004, que institui o Sinaes (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior).

"A avaliação in loco tem o objetivo de verificar a existência e a adequação de metodologia, de infraestrutura física, tecnológica e de pessoal que possibilitem a realização das atividades previstas no Plano de Desenvolvimento Institucional e no Projeto Pedagógico de Curso", diz o texto.

A reportagem também quis saber qual o posicionamento do ministério com relação às críticas da OAB sobre a qualidade do ensino em um eventual curso de graduação em direito a distância. O MEC respondeu que "o aumento de polos EaD está atrelado à pontuação da qualidade institucional".

"A demanda deve aumentar de acordo com a inclusão e a presença de cursos em cidades que ainda não ofertam educação a distância e facilitar ainda mais o acesso à educação superior", diz a nota enviada pelo ministério

## **A CRÍTICA - MS - TEMPO REAL**

### **MEC e Capes oferecem mais 679 bolsas de pós-graduação**

#### **Os auxílios estão vinculados a programas com nota 4 na avaliação da Capes**

Os auxílios estão vinculados a programas com nota 4 na avaliação da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O anúncio foi feito em coletiva de imprensa nesta quinta-feira (3), na sede do MEC (Ministério da Educação).

Em setembro, foram anunciadas as bolsas com notas 5, 6 e 7, as mais bem avaliadas pela Capes. "O trabalho da Capes tem sido muito focado em métodos métricas e na melhoria da gestão", disse o ministro Abraham Weintraub.

Durante o anúncio, ele explicou que, das bolsas de programa nota 4, foram avaliados todos os programas e 280 apresentaram o Qualis — indicador usado para determinar a qualidade da publicação de artigo científico: maior ou igual à média do índice da sua área de avaliação de 2017 e 2018 ou com tendência positiva na série de 2013 a 2018, o que indica uma melhoria ao longo dos anos.

O presidente da **Capes, Anderson Correia**, destacou que o critério de desbloqueio foi a nota na avaliação realizada pela instituição e que as novas bolsas atendem todo o país. “Em princípio, estávamos mantendo as bolsas com nota 5, 6 7, que são notas altas, mas não conseguimos pulverizar para o Brasil todo. Com essa abordagem [bolsas de nota 4], a gente consegue atender bem, por exemplo, a região Amazônica”, afirmou o presidente.

topo ↕

## **EL PAÍS - BRASIL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS**

**Pedro Ferreira de Souza - “Há subsídio do Estado para a saúde dos mais ricos no Brasil”**

**Pesquisador do IPEA e autor de premiada tese de doutorado sobre a história da desigualdade no Brasil analisa os caminhos de reforma tributária e o nó da distribuição de renda no país**

Pedro H.G. Ferreira de Souza é autor do mais influente estudo sobre a desigualdade brasileira nas últimas décadas. Seu doutorado pela Universidade de Brasília (UNB), *Uma História de Desigualdade: A Concentração de Renda Entre os Ricos no Brasil*, recebeu dois importantes prêmios na academia - o ANPOCs (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) e o **Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** – e se transformou em livro que é finalista no prêmio Jabuti. Pesquisador do Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (IPEA), Souza se debruça nos dados de Imposto de Renda, em contraste com as pesquisas clássicas que levavam em conta a renda declarada em pesquisas domiciliares, e traça um perfil de um país no qual o 1% mais rico concentra 25% de toda a riqueza nacional. É esse arsenal de informação sobre a desigualdade brasileira nos séculos XX e XXI, incluindo a era PT, que ele agora compartilha e estuda conjuntamente com Marc Morgan, da equipe de Thomas Piketty, que mantém uma base de dados global sobre o tema (ainda que nossa Receita seja muito mais fechada do que em outros lugares do mundo).

Com o Congresso prestes a discutir uma reforma tributária que pretende, por ora, simplificar impostos indiretos, opina que está na hora de o país encarar o debate sobre “tapar os buracos” do Imposto de Renda, acabando com isenções e deduções, e, daí aumentar as alíquotas existentes. Ainda assim, adverte: “O efeito sobre a desigualdade será bastante positivo, mas definitivamente não vai resolver todos os problemas do Brasil nem transformá-lo num país europeu”.

Pergunta. As propostas de reforma tributária na mesa focam muito mais na questão da simplificação dos impostos indiretos. Alguma chance da questão distributiva entrar? O que, em sua opinião, não pode faltar na reforma?

Resposta. Acho que, até agora, quase tudo é sobre redução da burocracia, simplificação, diminuir conflito federativo... Mas há um relativo consenso entre as pessoas que estudam esse tema sobre o que poderia ser feito para melhorar também a distribuição de renda sem causar problemas econômicos de outra ordem. O ideal seria mudar a composição da carga tributária para aumentar a tributação sobre a renda e o patrimônio e aliviar os impostos indiretos, que tem um efeito regressivo na desigualdade e também causam distorções do ponto de vista da atividade econômica. Isso tornaria a composição de nossa carga tributária mais parecida com a de países ricos.

Série inédita brasileira mostra salto da desigualdade no começo da ditadura

P. Quais são os caminhos para se chegar a isso?

R. Um ótimo começo seria resolver os problemas do Imposto de Renda, fechando os seus buracos, que são as deduções e o que entra na conta de seu rendimento tributário, que está submetido a uma alíquota padrão que vai até 27,5%. Não adianta mexer nas alíquotas sem mexer nessas coisas. Um dos problemas graves é a chamada pejetização, a pessoa que começa a receber como empresa, porque paga menos impostos, e aí depois repassa lucros e dividendos para ele mesmo sem pagar imposto adicional. A renda dos mais ricos é cada vez mais dominada por esses rendimentos que são isentos. Se você pega os dados da Receita, entre os mais ricos as alíquotas efetivas começam a cair bem no topo. Temos que ampliar a base tributável para incluir, no limite, todas as rendas, o que significaria tributar renda e capital do mesmo jeito ou do jeito mais parecido possível.

Em segundo lugar, devemos limitar ou reduzir as deduções, que estão beneficiando só quem declara Imposto de Renda. Por definição, são os 10% ou 20% mais ricos. Em alguns casos, como no caso de deduções de saúde, que não têm limite, acabam sendo muito altas. E acaba sendo uma forma de subsídio do Estado para pagar plano de saúde.

Feito isso, você poderia pensar nas alíquotas. No geral as pessoas dizem que se aumentar a alíquota vai aumentar a evasão e prejudicar a economia. Mas, na prática, temos evidências suficientes de que existe um bom espaço para aumentar para além de 27,5% sem que nada de ruim fosse decorrer. Países muito parecidos ao Brasil têm alíquotas que chegam a 35 ou 40%, um patamar razoável num futuro próximo. Um argumento bom é que poderíamos diminuir o imposto sobre pessoa jurídica, que também traz incentivos ruins para empresas não crescerem, e compensar aumentando na pessoa física. Com tudo isso conseguiríamos aumentar bastante a arrecadação do Imposto de Renda. O efeito sobre a desigualdade será bastante positivo, mas definitivamente não vai resolver todos os problemas do Brasil nem transformá-lo num país europeu.

P. O campo progressista costuma apresentar a taxação de lucros e dividendos e grandes heranças como bala de prata para os problemas.

"Um adulto com uma renda entre 4.000 e 5.000 reais por mês já está entre os 10% mais ricos. É difícil convencer quem ganha isso de que está entre os mais ricos"

R. Toda reforma complicada é sempre vendida como grande solução para algum problema. Reconheço a importância disso para se conseguir apoio, mas nenhuma medida sozinha vai resolver o problema...

P. Você é a favor de tributação de grandes fortunas?

R. Sou a favor de começarmos pelo Imposto de Renda. Já temos a institucionalidade necessária para transformá-lo num imposto bom. E é um vespeiro bem menor do que mexer nas grandes fortunas, algo que seria um passo gigantesco que a gente já não dá há muito tempo. Existem outras distorções que podemos resolver, como o imposto sobre herança. A maior parte dos Estados cobram muito pouco também. Em alguns países chega a 40%, mas no Brasil a alíquota máxima é de 8%. Tem também o IPTU, um tributo potencialmente muito bom, inclusive do ponto de vista econômico, mas a maior parte dos municípios não cobram ou cobram muito mal, com isenções, valores

desatualizados, alíquotas baixas... Quando se tenta fazer IPTU progressivo, sempre dá em judicialização. É pouco popular.

P. Quando você fala de colocar o Imposto de Renda como alvo preferencial, estamos falando de uma classe média que tem dificuldade em se achar na régua da desigualdade. Para ficar claro, quando falamos dos 10%, do 1% e do 0,1% mais ricos, de que universo estamos falando?

R. Em números de 2015 com valores atualizados pela inflação, um adulto com renda entre 4.000 e 5.000 reais por mês já está entre os 10% mais ricos. É difícil convencer quem ganha isso de que está entre os mais ricos. Mas para estar entre o 1% mais rico, teria que ganhar a partir de 20.000 a 22.000 reais por mês. No 0,1%, entre 75.000 a 80.000 reais por mês em valores atuais.

Esse 1% mais rico é composto por 1,5 milhão de pessoas e possui 25% da renda nacional. Se você faz uma ótima reforma tributária, esses 25% não vão cair para 10%, como é na França. Mas de repente vira 20%, o que não é uma revolução, mas é uma melhora significativa. Você não vai resolver todos os males, mas não tem jeito.

"Para um regime que não tem necessidade de prestar contas, é muito fácil mexer em coisas que farão a desigualdade aumentar"

P. Apesar desse consenso mínimo, a reforma da Previdência foi abordada primeiro. Da forma como está no Senado, ela terá efeitos na desigualdade?

R. São questões diferentes. A reforma da Previdência tem uma motivação clara: a gente tem uma crise fiscal e uma mudança demográfica. Do jeito que está, o Estado se limitaria a pagar o INSS. No final, a reforma que saiu da Câmara resolveu os pontos distributivos mais problemáticos. Não mexeram no BPC, mantiveram o piso de um salário mínimo e os 15 anos de contribuição mínima... No IPEA fizemos simulações com a reforma do Temer e constatamos que não iria mudar muita coisa com relação a desigualdade. Mas corrige muitas distorções importantes.

P. Sua obra também mostra que no Brasil a desigualdade aumentou nos períodos de ditadura. Que fatores estimularam esse aumento?

R. A qualidade da democracia, e também seu limite, é que você precisa negociar tudo o tempo todo e levar em conta todos os interesses que estão em jogo e que representam as pessoas. Ponto. Mas o oposto acontece na ditadura. A partir do momento que você apela para a violência e rompe a ordem, pelo menos durante algum período inicial você tem uma possibilidade muito maior de reformar tudo e refundar o país numa direção consistente. E isso você vê em vários lugares. Por um período curto, para um regime que não tem necessidade de prestar contas, é muito fácil mexer em coisas que farão a desigualdade aumentar.

P. Há setores, sobretudo no campo liberal, que defendem que acabar com a pobreza é mais importante que reduzir a desigualdade. O que você argumentaria para tentar convencê-los do debate sobre a desigualdade?

Pedro Herculano de Souza, na livraria Mandarinina, em São Paulo, onde concedeu entrevista.

Pedro Herculano de Souza, na livraria Mandarin, em São Paulo, onde concedeu entrevista. CAMILA SVENSON

R. Podemos pensar em três fatores: bem-estar, poder e Justiça. Em termos de bem-estar, temos algumas evidências, não definitivas, mas bastante sugestivas e fortes, de que a própria desigualdade pode dificultar seu crescimento no futuro. É difícil construir coalizões quando as pessoas são muito diferentes entre si. Qual interesse comum que a gente tem para seguir junto? Inclusive, se você esperar o crescimento para só depois erradicar a pobreza, vai demorar muito mais tempo. Você pode redistribuir também. Portanto, se você tem tanta preocupação com o bem-estar dos mais pobres, o jeito mais rápido é crescendo e redistribuindo.

Se você tem tanta preocupação com o bem-estar dos mais pobres, o jeito mais rápido é crescendo e redistribuindo

Em termos de poder, existe tensão em uma democracia quando você tem alto grau de desigualdade. Quando falamos em redistribuição, as pessoas logo acham que estamos falando que a desigualdade tem que ser zero. Mas não é isso. Estamos falando em seguir um padrão. Se 150.000 pessoas, que é o 0,1% mais rico, possuem 10% da renda do país, o acesso dessas pessoas aos mecanismos de poder vai ser muito diferentes do camarada que é operário ou camelô ganhando menos de um salário mínimo. Vai ter mais acesso ao político, ao juiz, vai fazer doação de campanha... Uma série de coisas que sequer estão abertas à classe média privilegiada, muito menos ao cidadão comum. Se você se preocupa com a democracia, então deve se preocupar se o cara consegue converter o capital financeiro dele em influência política. E no Brasil não faltam exemplos de como isso aconteceu.

Em termos de Justiça, muita gente boa vai falar que o mais importante é ser igual em direitos civis e políticos. Mas se você se preocupa com desigualdade de oportunidades, não existe um lugar muito desigual em que se tenha igualdade de oportunidades. Na prática, existe alta correlação entre alto grau de desigualdade de renda e grau de desigualdade de oportunidade. Não tem jeito, a pessoa com alta renda vai transformar aquele capital econômico e cultural em investimento para seu filho. Um vai aprender grego e o outro vai estar na fila do ônibus. Portanto, mesmo que você só se preocupe com desigualdade de oportunidade, você deveria se preocupar em reduzir bastante a desigualdade de resultado para que esse grau de desigualdade de oportunidade não continue existindo para as gerações futuras.

P. Acredita que nosso baixo crescimento pode forçar o Brasil a discutir uma agenda de redistribuição?

R. Vejo uma chance grande, acho que é possível, mas há vários problemas. Em tese, qual seria o melhor dos mundos? Fazer um ajuste fiscal que melhore o perfil distributivo do Estado, cortando para os mais ricos. Na prática não foi o que prevaleceu.

P. Acredita então que o ajuste fiscal atingiu mais a base da pirâmide?

R. Algumas coisas entendo por que politicamente foram feitas, mas em outras situações houve opções claras. Todo mundo gritou e quem gritou mais alto conseguiu salvar o seu, manter sua posição relativa, perder menos. Isso é bastante claro. Tem categorias que conseguem reajuste, isso e aquilo.

"Todo mundo gritou e quem gritou mais alto conseguiu salvar o seu, manter sua posição relativa, perder menos"

P. Corremos o risco de estimular um crescimento à qualquer custo?

R. Entre 1920 e 1980 passamos pelo diabo. Mas, com exceção de um período ou outro, estávamos sempre crescendo. Bem ou mal. De 1980 em diante a renda por adulto cresceu praticamente zero no longo prazo. Nos anos 2000 tivemos um crescimento super bom, mas no longo prazo vemos que a renda por adulto segue mais ou menos parecida. A Espanha tinha a mesma renda que a gente em 1950, e hoje é duas vezes maior que a nossa. Japão tinha a nossa renda em 1950, a China tinha 10 vezes menos em 2000... Dado esse quadro, quando chega rum governo dizendo que temos que vender a alma ao diabo para crescer, entendo que haja um apelo muito forte. Ainda mais em uma geração que teve uma quebra de expectativa grande como a de agora.

P. Mas o crescimento por si só pode aumentar a desigualdade.

R. Esse é o problema. As pessoas precisam se convencer de que, ok, podemos colocar o crescimento como prioridade número um, mas não pode ser, de jeito nenhum, um crescimento à qualquer custo. Tem que ser um crescimento compartilhado e fazendo todo possível para reduzir a desigualdade. Seria uma grande conquista, porque existe a mentalidade de que o crescimento vai resolver todos os problemas e que, quando a gente ficar rico, a gente distribui. Acho que esse é o maior risco à curto prazo. É difícil imaginar o Brasil pior em termos de desigualdade, mas há coisas que podem aumentar o sofrimento dos mais pobres e, no limite, nem trazer crescimento, o pior dos mundos. Por exemplo, cortar ou congelar o Bolsa Família. No Brasil, uma demissão ou uma doença na família são suficientes para que uma pessoa volte a cair na pobreza. Grande parte da população tem rendimento informal e a renda pode variar muito de um mês pro outro. O cara trabalha sem carteira, ficou doente, foi demitido, não tem seguro desemprego...

P. Apesar de todos os estudos sobre a efetividade do Bolsa Família, ainda há críticas ao programa e sua permanência é tida como derrota. É possível imaginar um país em que o Bolsa Família já não seja necessário?

R. Ainda hoje há pessoas que dizem que o importante é não dar o peixe, mas ensinar a pescar. Mas qualquer país que a gente aceita como exemplo, como ideal, tem vários programas de transferência de renda, tanto para as crianças como para evitar que famílias sejam muito pobres. E são programas que vão existir sempre, sempre haverá algum grau de assistencialismo. O Brasil pode dar muito certo e crescer durante 20 anos como a China, mas vamos continuar tendo o Bolsa Família. Sempre haverá famílias que por acidentes da vida, por decisões equivocadas ou por falta de oportunidades cairão na pobreza. E devemos viver em um país rico o suficiente para que ninguém precise passar por essa situação. E não é justo que os filhos dessa família cresçam nessa situação.

"No Brasil, uma demissão ou uma doença na família são suficientes para que uma pessoa volte a cair na pobreza"

P. Afinal, o que caracterizou os últimos 30 anos de democracia para a desigualdade?

Tivemos dois partidos mais ou menos do campo progressista, PT e PSDB, que se revezaram no poder e não tocaram no topo. É uma dívida da social-democracia brasileira?

R. Tem a ver com a forma que a transição foi feita, relativamente pacífica e acordada, mas que trouxe mudanças importantes, com ganhos em serviços públicos e bem-estar para a população. Mas, vindo de fora, o acordo político foi: vamos tentar acomodar quem estava de fora porque não há clima ou condições políticas de mexer em quem já está dentro. E acho que, bem ou mal, foi o acordo possível naquele momento. O Brasil é um país muito complicado. Hoje, por exemplo, o trabalhador industrial do ABC está mais perto dos mais ricos. E se você tributa participação nos lucros, você vai direto em sindicatos e operários que dependem muito disso. Esse é o grau de dificuldade.

Politicamente é mais fácil melhorar a vida dos mais pobres de algum jeito, seja qual for o jeito. Por outro lado é difícil promover redistribuição de fato. Ligar esses dois processos nem sempre é fácil. Se a gente conseguir crescer, então o orçamento está sempre crescendo e posso ir distribuindo para todo mundo e conciliando os interesses do jeito que dá.

P. O que significaram os anos do PT no poder, sobretudo o Governo Lula, para a distribuição de renda?

R. Se olhamos a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, vemos que melhoramos muito. Mas juntando com os dados do Imposto de Renda, vemos um crescimento no topo, um crescimento entre os mais pobres, e quem ficou no meio perdeu em termos relativos. A gente redistribuiu renda, mas não foram os mais ricos que perderam. As mudanças foram mais tímidas. Mas em termos de crescimento de renda e redução da pobreza, melhorou muito. O problema é que chegou ao fim, terminou de forma espetacularmente infeliz. Com uma recessão brutal, um retrocesso de renda e uma quebra de expectativas que acompanhavam essa melhora. É muito doloroso voltar a uma situação em que estava 10 anos antes. O Brasil não precisa de milagre econômico, não precisa de crescimento chinês. Basta ter um crescimento moderado, mas bom, com aumento de produtividade, e manter esse crescimento por 20 ou 30 anos. O problema é que a gente ou não cresce ou cresce muito e uma recessão joga a gente lá embaixo e perdemos tudo o que melhoramos em 10 anos. Se a gente conseguisse crescer o PIB per capita 1% ou 2% ao ano, em x anos nossa renda dobra. Não precisamos de milagre, apenas evitar a catástrofe.

"A pessoa com alta renda vai transformar aquele capital econômico e cultural em investimento para seu filho. Um vai aprender grego e o outro vai estar na fila do ônibus"

P. Há lutas contra outras desigualdades, como a de gênero e racial, que se fortaleceram nos últimos anos. Como conjugar essas pautas, ligadas a grupos específicos, com um projeto coletivo de diminuição da desigualdade de renda?

R. Há muitas desigualdades possíveis. Desigualdade regional e racial, por exemplo, são temas diferentes. Longe de mim querer dizer que uma certa e a outra é a errada de falar. Há todas essas dimensões importantes, e em várias temos visto melhoras, aqui e lá fora. E é excelente que esses debates estejam ocorrendo. Com todos os problemas que temos, se você é mulher e sua aspiração é ter uma carreira, é melhor hoje do que décadas atrás. Mas no caso do racismo existe uma relação mais estável, embora alguns indicadores mostrem mostram algum grau de melhora. Mas, claro, depende de como a gente mede, se é em relação aonde estávamos ou aonde queremos chegar. Entendo perfeitamente quem milite para as causas e olhe para o ideal que seria o razoável. Mas, se você olhar

para o passado, muitas coisas melhoram. Uma coisa menos controversa é a desigualdade regional, que de fato melhorou nos últimos tempos. A cidade de São Paulo já não tem a participação no PIB que tinha tempos atrás.

"A PERDA DE PODER DOS SINDICATOS FAVORECE A DESIGUALDADE"

P. Você mostra em seu livro que os países desenvolvidos só conseguiram reduzir drasticamente a desigualdade após um período de guerra...

R. Até hoje não conheço um caso bem estudado de um país com situação igual a nossa e com um governo democrático que foi melhorando gradativamente ao longo de 50 anos, devagar e sempre, até chegar ao padrão que o mundo desenvolvido está hoje. Teremos que inventar algo novo se quisermos chegar lá. Olhando para a história recente, para o século XX, é uma invenção do pós-guerra. Os países começam muito desiguais e durante um período de 30 anos, entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial, sofrem choques e crises brutais. E de repente mudou completamente. França e Japão eram muito desiguais, mas dez anos depois da guerra eram sociedades muito mais igualitárias.

P. Por quê?

R. Tem a destruição da guerra e também os picos de inflação, então quem investiu perdeu muito dinheiro. Mas além desses dois fatores, em vários lugares a barganha dos Governos foi do tipo "seu filho vai ter que morrer no campo de batalha, eu sei que preciso de legitimidade, então vamos distribuir sacrifícios de modo mais ou menos igualitário". Foi um período que expandiu tributação de rendas e de heranças com a retórica de que os mais ricos estavam dando a contribuição para a guerra. No Japão você teve reforma agrária, conselho de trabalhador nas empresas, regulamentação de salário... Quer dizer, era a ideia de que todos estão no mesmo barco com todos lutando juntos. A social-democracia é uma conquista que ajuda a diminuir a desigualdade, ou é algo conquistado por uma desigualdade mais baixa? Sempre tenho essa dúvida. Essa diminuição da desigualdade ajudou o Estado de bem-estar deslanchar, e é claro que ajudou a desigualdade a cair mais ainda no pós-guerra. Mas o fato é que todo formulador de política pública tem muito medo de fazer qualquer coisa que possa prejudicar o crescimento econômico, porque o mundo sempre resolveu os problemas crescendo. Se todo está ganhando dinheiro, então tem uma pacificação geral.

P. Em alguns países desenvolvidos a desigualdade volta aumentar. Qual é a diferença com a nossa desigualdade?

R. Os países da América Latina sempre foram muito desiguais e nunca chegaram num nível muito igualitário. No Brasil todo mundo nasce aprendendo que éramos uma colônia de exploração, nosso pecado original. Nesses países ricos existe um choque maior porque há 30 ou 40 anos atrás eram muito menos desiguais. Nos Estados Unidos, por exemplo, a mudança é muito brutal. Esses países possuem uma geração de adultos que ainda está na ativa, trabalhando, e que ainda lembra de quando tudo era mais nivelado. E os americanos e europeus também lembram que, antes da guerra, as épocas foram muito mais pobres e desiguais.

Quando começa a haver maior desigualdade salarial nos anos 80 e 90, diziam que era a mudança tecnológica, os trabalhadores qualificados cada vez mais produtivos e outros

mais obsoletos, globalização como pressão estrutural no mundo inteiro... Mas o trabalho do Piketty mostrou que em países como França ou Japão, tão desenvolvidos quanto EUA, a desigualdade não se alterou. A globalização é um condicionante estrutural, há outras coisas que favorecem a desigualdade, como a terceirização da economia, a perda de poder dos sindicatos, a perda de empregos industriais...

topo ↕

## JORNAL DA CIÊNCIA - TEMPO REAL

### **Ciências sociais contribuem para o desenvolvimento do País, confirma estudo Diagnóstico das CHSSALA traça um panorama da pesquisa nacional nessas áreas e a sua distribuição geográfica**

O relatório final do Projeto Diagnóstico das Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Letras, Linguística e Artes (CHSSALLA), a ser divulgado no início de 2020, vai derrubar alguns dos estereótipos sobre estas áreas. O principal deles é o de que tratam de temas que só interessam a elas mesmas, fechadas em suas próprias pesquisas, sem aplicabilidade ou longe dos grandes problemas do país.

“Na verdade, o que observamos foi uma diversidade muito grande de temas tratados pelos pesquisadores das CHSSALLA, relacionados diretamente, sim, com nossos grandes desafios”, afirma a economista Mayra Juruá Gomes de Oliveira, coordenadora do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), instituição responsável pela execução do projeto.

Muito além da melhoria da educação e formação dos professores, os profissionais de ciências sociais e humanas contribuem em assuntos relacionados com o desenvolvimento científico propriamente dito em áreas consideradas estratégicas ou prioritárias pelas políticas de estado, como saúde, aeroespacial, água, biomas, clima e nuclear, entre outros listados na Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI).

“Um exemplo típico é a aproximação das neurociências com a psicologia”, exemplifica a socióloga Fernanda Sobral, vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Encomendado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) ao CGEE e realizado sob orientação do Fórum de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (FHCSSA), o Projeto Diagnóstico das CHSSALLA traça um panorama da pesquisa nacional e a sua distribuição geográfica. A equipe do CGEE analisou e cruzou os dados sobre estudantes e formados em doutorados e suas pesquisas durante o período 2006-2016. Encontraram 67 mil pesquisadores que incluem docentes da Pós-Graduação mais titulados no doutorado.

Mais de 48 mil teses foram produzidas nestes dez anos por aqueles estudantes e docentes como resultado de programas, incentivos, políticas públicas, fomentadoras estaduais e regionais. O cruzamento de informações colhidas nos currículos permitiu identificar as áreas de interseção entre as ciências sociais e as demais.

“Por exemplo, temos um certo número de teses produzidas sobre violência na sociologia, mas também na educação, antropologia, nas letras”, destaca o presidente do FHCSSA, Mário Cezar Silva Leite. Professor Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, Leite acredita que os dados constituem

argumentos suficientes para contestar os critérios de cortes estipulados pelo governo sobre o orçamento das bolsas de estudos e programas de fomento científico.

Alegando falta de verbas, o governo atual decidiu cortar as bolsas de estudo da **Capes** e do CNPq em cursos classificados como 3 e 4, preservando os 5, 6 e 7. “Assim vamos acabar com a produção não dos grandes, do que já está assentada, consolidada, mas com os programas 3 e 4 que estão na grande maioria os espalhados pelo país”. Essa também é a preocupação da Fernanda Sobral, que é Colaboradora Sênior do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB).

O Projeto CHSSALLA revelou um início de descentralização na formação de doutores pelo país, com boa parte dos estudantes de novos cursos de doutorado em outras regiões – notadamente o Nordeste – permanecendo nos locais onde se formaram, ao invés de migrar para o Sudeste como foi o processo histórico até então. Mas o corte das bolsas dos cursos 3 e 4 pode interromper essa tendência ainda incipiente.

“O fortalecimento da ciência em outras regiões que não apenas o Sudeste é super importante para o desenvolvimento do país”, sentencia Sobral. Ela destaca ainda a contribuição das CHSSALLA para o subsídio a políticas públicas. “Outra coisa que se fala muito na política atual é que as ciências humanas não dão retorno imediato, econômico ou em produtos”, diz a vice-presidente da SBPC. “O que percebemos é que elas podem não estar dando resultado em dólar, mas estão retornando em termos de subsídios para uma série de políticas públicas”.

Os dados utilizados no estudo foram extraídos de bases oficiais do governo federal como as plataformas Sucupira e Lattes, e desenhado em duas etapas. A primeira prevê um panorama descritivo da pesquisa realizada nas grandes áreas, buscando traçar os perfis dos acadêmicos, das pesquisas e das fontes de financiamento. Na segunda está sendo realizada uma análise dos dados levantados da produção científica para a produção do relatório sobre a contribuição para os objetivos da Estratégia Nacional da Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI). Nos dias 23 e 24 de setembro foram apresentados os principais resultados do diagnóstico na sede da SBPC em São Paulo, para as sociedades científicas que compõem o Fórum.

Janes Rocha – Jornal da Ciência

topo

## SÍNTESE - TEMPO REAL

### **TRF4 - Estudante que acumulou duas bolsas por erro administrativo não é obrigado a ressarcir UFSC**

Um estudante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que acumulou duas bolsas por erro administrativo da universidade e comprovou a ausência de má-fé não pode ser obrigado pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** a devolver os valores recebidos. Com esse entendimento, a 4ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) negou provimento a um recurso da **CAPES** que requeria o ressarcimento retroativo de quantia paga pela instituição.

O estudante acumulou durante um ano bolsa do programa de pesquisa paga pela **CAPES** enquanto cursava mestrado em Educação Científica e Tecnológica e bolsa de tutoria na modalidade educação a distância paga pelo Fundo Nacional de

Desenvolvimento da Educação (FNDE). O caso ocorreu em 2014.

Dois anos depois, a **CAPES** notou a irregularidade e passou a cobrar do estudante o pagamento retroativo dos valores. O universitário então ajuizou ação com pedido de tutela antecipada contra a **CAPES** requerendo que a fundação se abstivesse de cobrar o ressarcimento referente à bolsa de mestrado durante o período da cumulação e que não incluísse o nome do autor em qualquer tipo de cadastro de inadimplentes.

O juízo da 4ª Vara Federal de Florianópolis julgou o pedido procedente e declarou a irregularidade da cobrança. Dessa forma, a fundação apelou ao tribunal, que negou provimento ao recurso por unanimidade e manteve a sentença.

O relator do acórdão, desembargador federal Rogerio Favreto, destacou em seu voto que, apesar de a acumulação das bolsas no caso em questão ser vedada, uma exceção constante na Lei nº 11.502/07 induziu os gestores da universidade a entenderem que o autor teria direito a acumular os benefícios.

O magistrado ainda afirmou que ficou comprovada nos autos a existência de boa-fé por parte do estudante ao assinar documento declarando ter ciência da impossibilidade de cumulação, sobretudo porque havia elementos para se presumir a regularidade do recebimento de mais de uma bolsa.

Logicamente, a partir de quando é notificada a irregularidade, o bolsista deve deixar de receber as bolsas até então acumuladas, mas tal interpretação não pode ser adotada retroativamente para se determinar o ressarcimento de valores já recebidos sob a aparência de regularidade, aos quais deve ser aplicada a presunção de boa-fé, concluiu Favreto.

A decisão da 4ª Turma foi proferida em sessão de julgamento realizada no fim de setembro (24/9).

50287739020164047200

Fonte: Tribunal Regional Federal da 4ª Região

[topo](#)

## **VOZ DA BAHIA - TEMPO REAL**

### **Pesquisadora baiana cria inseticida natural para combater o mosquito da dengue**

Preocupada com o aumento de 667% no número de casos de dengue na Bahia, entre janeiro e agosto deste ano, uma cientista baiana buscou formas de combater as larvas do mosquito. Em seus estudos, foi desenvolvido um novo tipo de inseticida, feito a partir uma planta conhecida como Nim.

De acordo com ela, o objetivo principal é intensificar a luta contra as doenças transmitidas pelos mosquitos que acometem principalmente as regiões mais pobres da Bahia e que, muitas vezes, não podem pagar pelo inseticida devido ao custo.

Segundo a criadora do novo “bioinseticida”, Layse Lima, concluinte do mestrado em ecologia e evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), para desenvolver este produto, bastou triturar 400g da semente e acrescentar um litro de água.

“Dessa forma, qualquer um pode ter um bioinseticida em casa, de forma prática e barata. Outras partes desta mesma planta já são utilizadas com o mesmo viés, entretanto, a partir da criação de um óleo, do qual é necessário um processo mais longo e que custa mais caro.”, explicou.

A pesquisadora conta que a inspiração para o trabalho veio das visitas domiciliares que realizava pelo Centro de Controle de Zoonoses de Santo Amaro, onde a maioria dos moradores acumulava água que gerava focos de pragas dos mosquitos. “A situação é mais complicada do que parece, nessa região não basta somente remover os acúmulos de água, pois realmente há a necessidade de mantê-los em determinados reservatórios, visto que o local não possui abastecimento diário”, alertou.

Layse conta que o produto já foi testado e teve uma eficácia de 76,6% de morte de larvas após a exposição ao extrato das sementes. Além da eficácia e da praticidade, o produto tem outro adicional que é o fato de não ser tóxico. “A princípio, a quantidade utilizada em formulados para eliminar as larvas de mosquito não é tóxica para nenhum mamífero, mas estamos aprimorando os estudos para nos certificar da quantidade adequada para que a substância continue sendo inofensiva aos humanos”, afirmou.

O projeto recebeu apoio da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)** e foi desenvolvido em parceria com o professor Gilberto Mendonça, também da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

(correio)

topo ↕

## **AGÊNCIA ESTADO - TEMPO REAL**

### **Ministro entrega ônibus escolares comprados na gestão anterior e diz fazer muito com pouco**

#### **Em evento com presença de prefeitos e deputados, Abraham Weintraub disse que nova gestão está fazendo faxina no MEC e acertando o rumo da educação**

SÃO PAULO - Em um grande evento com a presença de prefeitos, deputados estaduais e federais, o ministro Abraham Weintraub entregou nesta segunda-feira, 7, 180 ônibus escolares para 144 municípios paulistas. Os veículos, no entanto, foram comprados no ano passado durante a gestão Temer em uma grande licitação para mais de 2 mil unidades.

Com uma plateia de cerca de 100 pessoas, o ministro fez mais um discurso em que criticou governos petistas e disse que a nova gestão federal está "fazendo uma faxina" no Ministério da Educação e mostrando que é possível fazer "muito com pouco dinheiro". "Esses ônibus não são do governo federal ou dos municípios. Ele veio do povo, do dinheiro suado do povo. A gente está mostrando que com pouco dinheiro ainda se faz muito nesse País", disse.

O ministro Abraham Weintraub Foto: TABA BENEDICTO/ESTADÃO

A compra dos ônibus foi feita pelo programa Caminho da Escola, criado em 2007 e que já distribuiu veículos para diversos municípios. As unidades entregues nesta segunda-feira são ainda insuficientes para atender a demanda por transporte escolar no Estado de São Paulo, que apenas na rede estadual de ensino tem mais de 3,8 milhões de alunos.

A licitação e o empenho do recurso foram feitos em novembro do ano passado, quando o MEC era comandado por Rossieli Soares, agora secretário de educação de São Paulo. "A economia com essa licitação foi de mais de 23% do valor original porque fizemos a compra em larga escala. Espero que a gente continue nesse caminho, brigando por mais recurso para a educação e pela eficiência", disse.

Ao lado de Rossieli durante a cerimônia, Weintraub afirmou que sua equipe tem encontrado "muita coisa errada e desperdício" no MEC, "mesmo depois de vocês terem feito uma faxina inicial".

Mais uma vez com um discurso inflamado, Weintraub disse que em sua gestão o dinheiro público volta para os contribuintes e não para "safado comprar triplex", disse que não se deve mais "falar em educação pública, mas ensino. Quem dá educação é a família". Também afirmou que há "grupos empresariais muito piores" que se aproveitavam do "rumo errado para o qual o País caminhava".

O tom agressivo de sua fala tem agradado os mais próximos do presidente Jair Bolsonaro. O deputado federal Jair Bolsonaro inclusive aproveitou os dois minutos de fala que teve durante o evento para recomendar aos presentes que sigam o ministro no Twitter - onde é conhecido por frases polêmicas e por fazer piadas contra o PT. "Ele inaugurou um novo estilo de ministro, que não se preocupa tanto com os modos e liturgia do cargo. E, sim, com resultados", disse.

topo ↕

## CONGRESSO EM FOCO - TEMPO REAL

### **Relatora discute Fundeb com governadores e minimiza impacto orçamentário**

A deputada federal Professora Dorinha (DEM-TO) disse nesta segunda-feira (7) que tão logo tenha recebido todas as sugestões ao seu relatório sobre o Fundo Desenvolvimento da Educação Básica vai marcar uma reunião com o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), para encaminhar a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 15 2015.

"Estou amadurecendo o texto, a hora que eu tiver as impressões e as posições com notas das formas das instituições, eu tenho condições de sentar com o presidente Rodrigo Maia e a gente costurar", disse a relatora ao Congresso em Foco.

Dorinha participa nesta terça-feira (7) da reunião com governadores em Brasília (DF), na qual vão discutir reforma tributária e temas similares. O relator da reforma tributária na Câmara, deputado Aguinaldo Ribeiro (PP-PB), também estará presente.

O texto da deputada do DEM na comissão especial aumenta a participação da União no Fundeb dos atuais 10% para 40% gradativamente até 2030.

O tema preocupa o governo federal e há temor de a economia vinda com a reforma da Previdência seja anulada. O índice defendido pelo Ministério da Educação é de 15%.

Para a relatora na comissão especial, é infundada a possibilidade do aumento da participação da União do Fundeb prejudicar a economia com a reforma previdenciária.

"Se multiplicar por quatro a partir do primeiro ano se fosse 40%, o que não é, vai demorar 11 anos para chegar nele, mesmo assim não daria nem metade do valor

apontado, não tem como ser R\$ 800 bilhões”, declarou.

Professora Dorinha afirma que a prioridade é garantir a continuidade do fundo e que vai apoiar o texto que for consenso na Câmara.

“Logicamente não vamos votar um texto que passe na comissão e vá com muitos problemas para o Plenário. A gente sabe como funciona, não estou no meu primeiro mandato. Vamos tentar consertar, o que não vai impedir de o Senado alterar, que não vai impedir de ter destaque em Plenário”, disse.

A congressista completou:

“A questão é tentar ter um texto o mais maduro possível. Se observarmos o texto que está na página, até agora o governo se debruçou praticamente só sobre o percentual. Eu coloco gradativo e ano a ano, isso pode ser construído, ter uma proposta de revisão, pode ser colocado mais tempo, vai ter que diluir mais. Com esse texto – e eu não tenho paixão – quero garantir primeiro o Fundeb porque ele é estratégico, tem vários estudos que mostram que a gente fecharia municípios inteiros sem oferta de educação, dependendo do desenho”.

Dorinha reclamou da pouca participação da União na contribuição para a manutenção do fundo.

“Todo mundo tem a impressão que o Fundeb é federal, o Fundeb são fundos estaduais, o governo federal só complementa em nove estados, sete do Nordeste e dois do Norte, os outros estados nunca viram um centavo do governo federal. Enquanto o governo coloca em torno de R\$ 13 bilhões, os estados, além de manterem suas redes, redistribuem R\$ 22 bilhões. Qual o modelo tributário que nós temos? Onde está concentrado o dinheiro? É preciso olhar os números”.

topo 

## **CORREIO WEB - TEMPO REAL**

### **UFG é a primeira pública a oferecer curso de inteligência artificial**

### **Turma começará em 2020 em Goiânia. Universidade selecionará estudantes pelo Sisu. Campo é um dos mais promissores do mercado de trabalho**

O filtro de spam do seu e-mail, os mecanismos de busca na internet, programas antifraude do cartão de crédito. Tudo isso funciona com a ajuda da inteligência artificial (IA). A ferramenta está cada vez mais presente no dia a dia das pessoas e também das empresas. Pensando nisso, a Universidade Federal de Goiás (UFG) inova ao oferecer graduação na área. Trata-se da primeira instituição de ensino superior pública a ter um curso de inteligência artificial. A primeira turma goiana está prevista para começar no primeiro semestre de 2020. Os 40 estudantes serão selecionados por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que se baseia nas notas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

O curso ocorre no período integral, no campus Samambaia, em Goiânia. Anderson Soares, professor de inteligência artificial do Instituto de Informática da UFG e presidente da comissão de elaboração do curso, explica que a graduação vem para suprir um deficit que existe no mercado de trabalho. Ele observa que, geralmente, a formação das pessoas que trabalham na área vem de programas de pós-graduação, e isso acaba restringindo a quantidade de profissionais disponíveis. Existem quatro tipos principais

de inteligência artificial: robótica, processamento de linguagem natural, análise visual e aprendizagem de máquina. Os setores que mais têm utilizado a tecnologia são marketing digital, varejo e distribuição, marketplace, segurança e logística.

Para além desses ramos, as possibilidades de atuação são muito amplass. “Existe o uso de IA em praticamente qualquer setor, sobretudo os mais digitalizados. Mas o que mais tem se destacado é a aplicação na saúde, na automação de processos e na inteligência preditiva”, assinala o professor. Ele destaca também que a tecnologia tem sido usada no monitoramento de grandes plantações do agronegócio, indústria bastante forte no Centro-Oeste. O principal objetivo do novo curso da UFG, segundo Anderson, é oferecer a formação adequada para que os profissionais possam atender as demandas e ocupar novos postos de trabalho que estão sendo criados.

## Tecnologia que fascina

Estudante do 3º ano do ensino médio no Colégio Einstein, em Goiânia, Lucas Fernandes, 18 anos, está se preparando para o Enem e já havia se decidido por cursar engenharia de software. Com o anúncio do novo curso, a graduação em inteligência artificial se tornou a primeira opção do jovem. “Até o ano passado, esse tema só era abordado dentro de cursos de ciência da computação, onde só se via a teoria. Agora, com essa novidade da UFG, fiquei bem empolgado.” Ele espera que o curso dê uma boa base tanto acadêmica quanto prática para atuar na área. “Eu estou esperançoso e animado, espero sair de lá com uma boa bagagem. Esse mundo da IA me fascina por envolver muita tecnologia e ainda filosofia e sociologia”, acrescenta, entusiasmado. |

O interesse principal de Lucas é a área de desenvolvimento de software atrelado à inteligência artificial, mas ele também considera interessantes projetos que são desenvolvidos no campo da saúde. Rafael Teixeira, 28, doutorando pelo programa de pós-graduação em ciência da computação da UFG, desenvolve tratamento preventivo a doenças crônicas a partir do uso de inteligência artificial em seu trabalho de pesquisa. Ele avalia que a área tem muito potencial, mas ainda enfrenta resistência de profissionais. “Acredito que pela origem filosófica da medicina, ainda exista essa dificuldade”, diz. Ele explica que a tecnologia pode facilitar na identificação e na prevenção de doenças. “É como se fosse um médico treinado para atender a milhões de pessoas. A gente joga os dados em uma IA e ela consegue avaliar vários casos de uma vez só”, esclarece o pesquisador.

## Perfil profissional

Robert Duque-Ribeiro, diretor-executivo e líder de Applied Intelligence da Accenture, sinaliza que é necessário que o profissional formado na área tenha não só o conhecimento técnico para desempenhar as tarefas de programação e execução das ideias, mas, principalmente, deve saber pensar e desenvolver soluções a partir do uso da ferramenta. A empresa que ele representa oferece serviços de estratégia empresarial, consultoria, digital, tecnologia e operações na América Latina. Robert espera que as formações em IA não sejam voltadas apenas para processos técnicos, mas estimulem também as habilidades criativas do profissional.

“Quando eu recruta pessoas, dificilmente vou selecionar alguém que não tem mais do que um diploma e em quem não vejo vontade de buscar coisas novas.” Ele explica que o conhecimento não precisa necessariamente ser na mesma área de atuação. “Pode ser em

algo completamente diferente”, observa. O professor da UFG Anderson Soares comenta que essas habilidades também são esperadas dos estudantes que pretendem ingressar no curso. “Esperamos pessoas que gostem de tecnologia, que tenham interesse em aprender o processo e os fundamentos da IA, mas, principalmente que gostem de resolver problemas.”

## Potencial econômico

Em 2017, a Accenture fez uma análise de cinco economias sul-americanas e constatou que a IA tem o potencial de aumentar as taxas de crescimento no continente em até um ponto percentual por ano até 2035. No Brasil, a pesquisa estimou que a tecnologia pode aumentar o valor acrescentado bruto — diferença entre o valor da produção e o valor de consumo — em até US\$ 432 bilhões no mesmo período. O setor público é o ramo com maior potencial de crescimento, em áreas como saúde e mobilidade urbana.

## Outros cursos

Em Brasília, o Centro Universitário Iesb tem uma graduação em ciência de dados e inteligência artificial, iniciada em fevereiro de 2018. Segundo o e-MEC ([emec.mec.gov.br](http://emec.mec.gov.br)), portal do Ministério da Educação (MEC) que informa os cursos autorizados pela pasta, o Centro Universitário UniDomBosco oferece bacharelado na área a distância desde abril deste ano. A Escola de Matemática Aplicada da Fundação Getulio Vargas (Emap/FGV) começará a primeira turma do curso de ciência de dados e inteligência artificial em fevereiro de 2020. Assim como a UFG, há outras instituições que iniciarão formações em inteligência artificial, ainda sem data prevista: a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) abrirá curso tecnológico a distância em big data e inteligência artificial; enquanto o Centro Universitário Curitiba (UniCuritiba) e o Centro Universitário Claretiano lançarão bacharelados em inteligência artificial presenciais.

topo ↕

## G1 - TEMPO REAL

**Está cheio de doutor sem emprego, mas é difícil encanador passar fome, diz Weintraub ao defender ensino técnico**

**Ministro voltou a criticar universidades federais, que passam por bloqueio de verbas.**

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, voltou a criticar as universidades federais e defendeu o ensino técnico em evento nesta segunda-feira (7) em São Paulo.

“A escola pode ensinar um ofício. Aí vem o preconceito desses intelectualóides que acham que escola técnica não é boa porque ensina ofício. Tem que ser doutor. Está cheio de doutor sem emprego, mas é difícil ter um bom encanador passando fome ou na fila do Bolsa Família. É difícil um eletricista, um técnico bom, que não consegue se virar”, disse Weintraub.

O Brasil registrou 12,6 milhões de desempregados no trimestre encerrado em agosto, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com Weintraub, o governo federal vai lançar nesta terça-feira (8) um novo programa nacional para incentivar o ensino técnico no Brasil. “Nossa meta até o final do governo é aumentar em 80% o número de alunos no ensino técnico”.

O ministro deu as declarações durante a entrega de 180 ônibus escolares a 144 municípios do estado de São Paulo no programa do Ministério da Educação (MEC) chamado “Caminhos da Escola”. O investimento de R\$ 40,7 milhões foi liberado por meio de emendas parlamentares de deputados federais.

Weintraub voltou a afirmar que a prioridade do governo Jair Bolsonaro (PSL) é a educação infantil e criticou as universidades federais, que já passaram por dois grandes contingenciamentos de verbas desde abril, que somam R\$ 6,1 bilhão.

“Tenho sofrido críticas porque falo que a Educação tem que ser prioritária para creches e pré-escola e não para universidade federal. Mas cada universidade federal custa mais de R\$ 3 bilhões por ano. Com uma delas a gente põe todas as crianças na creche na pré-escola”, diz.

Na semana passada, o MEC anunciou a liberação de R\$ 1,99 bilhão da pasta que será destinado, principalmente, para universidades e institutos federais. Ao todo, R\$ 3,8 bilhões ainda seguem bloqueados.

O ministro disse ainda que assumiu o MEC após “décadas de destruição, bagunça e barbúrdia” e que sua gestão está redefinindo gastos do “recurso escasso”.

“É uma turma [das universidades federais] que recebia bilhões como se não houvesse amanhã e pede mais R\$ 50 milhões, R\$ 60 milhões, enquanto está faltando ônibus para crianças”.

Weintraub afirmou que manterá, no entanto, o orçamento das universidades federais para o ano que vem, mas não detalhou se haverá mais contingenciamento de verbas.

“A gente não quer aumentar [o recurso]. A gente quer manter. Inclusive está no orçamento que foi enviado para o Congresso que a gente mantém o orçamento delas”.

Para obter mais recursos, segundo o ministro, as universidades devem recorrer ao Future-se, programa do MEC que pretende aumentar a participação privada no orçamento das federais. A proposta ainda está sob consulta pública, mas já levantou críticas de que pode ferir a autonomia de gestão.

Entenda o que já se sabe sobre o Future-se e o que falta esclarecer

“No Future-se, quem quiser mais recurso pode buscar na iniciativa privada. A consulta pública é feita justamente para escutar a sociedade, fechar uma nova proposta e encaminhar para o Congresso. O Congresso soberano vai decidir o que fazer”, diz.

topo ↕

## **R7 - TEMPO REAL**

**Ciência é campo de resistência e de combate às desigualdades na AL, diz pesquisador colombiano**

**Essa é uma das reflexões do pesquisador colombiano em educação José Fernandes Patiño Torres**

Estados nacionais com instituições enfraquecidas e crises financeiras impuseram a países latino-americanos desafios para gerir a ciência. Essa é uma das reflexões do pesquisador colombiano em educação José Fernandes Patiño Torres, radicado no Brasil e professor de psicologia da Universidade Federal de Tocantins (UFT). Para ele, a

ciência vive momento de crise, mas é campo de resistência e de combate às desigualdades.

O professor esteve no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) durante o Simpósio Internacional de Pesquisa e XVI encontro de Iniciação Científica. “A ciência pode ser um campo muito interessante porque pode confrontar as posições mais estabelecidas. Estou falando que a ciência não implicaria necessariamente em ter fins sociais diante dos conflitos coletivos. De toda forma, acho que a ciência deve se tornar protagonista”. Ele salienta que, no ano passado, o país concedeu 99 mil bolsas, mas teve um revés neste ano com o corte de recursos para educação de mais de R\$ 3,8 bilhões.

100 mil bolsas

Além disso, ele contextualiza que a maior parte dos alunos criam processos de subjetivação não apenas em salas de aula, principalmente nos projetos de iniciação científica. “Temos um investimento importante no Brasil, por exemplo, em processos formativos. As políticas e pesquisas são fundamentais para a sociedade. Argentina e México não tiveram a mesma oportunidade”.

A coordenadora de programas acadêmico do CNPQ, Lucimar Batista de Almeida, lamentou que a restrição orçamentária para bolsas de pesquisa. “O intuito do CNPQ é formar cidadãos em qualquer área. Tínhamos mais de 100 mil bolsas de pesquisa, mas com os planos do governo federal tivemos que recuar”.

Patiño Torres disse que, entre os desafios contemporâneos, há um cenário de democracias ameaçadas em todo o mundo. “Por outro lado, nunca houve tanta acumulação de bens simbólicos. A gente vive um corte orçamentário na pesquisa. Eu penso que temos um cenário crítico em relação a orçamentos que podem complicar as experiências das novas gerações.

## **CORREIO DA BAHIA - BA - BRASIL**

### **Pesquisadora baiana cria inseticida natural para combater o mosquito da dengue Produto já foi testado e teve uma eficácia de 76,6% de morte de larvas**

Preocupada com o aumento de 667% no número de casos de dengue na Bahia, entre janeiro e agosto deste ano, uma cientista baiana buscou formas de combater as larvas do mosquito. Em seus estudos, foi desenvolvido um novo tipo de inseticida, feito a partir uma planta conhecida como Nim.

De acordo com ela, o objetivo principal é intensificar a luta contra as doenças transmitidas pelos mosquitos que acometem principalmente as regiões mais pobres da Bahia e que, muitas vezes, não podem pagar pelo inseticida devido ao custo.

Segundo a criadora do novo “bioinseticida”, Layse Lima, concluinte do mestrado em ecologia e evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), para desenvolver este produto, bastou triturar 400g da semente e acrescentar um litro de água.

“Dessa forma, qualquer um pode ter um bioinseticida em casa, de forma prática e barata. Outras partes desta mesma planta já são utilizadas com o mesmo viés, entretanto, a partir da criação de um óleo, do qual é necessário um processo mais longo e que custa mais caro.”, explicou.

A pesquisadora conta que a inspiração para o trabalho veio das visitas domiciliares que realizava pelo Centro de Controle de Zoonoses de Santo Amaro, onde a maioria dos moradores acumulava água que gerava focos de pragas dos mosquitos. “A situação é mais complicada do que parece, nessa região não basta somente remover os acúmulos de água, pois realmente há a necessidade de mantê-los em determinados reservatórios, visto que o local não possui abastecimento diário”, alertou.

Layse conta que o produto já foi testado e teve uma eficácia de 76,6% de morte de larvas após a exposição ao extrato das sementes. Além da eficácia e da praticidade, o produto tem outro adicional que é o fato de não ser tóxico. “A princípio, a quantidade utilizada em formulados para eliminar as larvas de mosquito não é tóxica para nenhum mamífero, mas estamos aprimorando os estudos para nos certificar da quantidade adequada para que a substância continue sendo inofensiva aos humanos”, afirmou.

O projeto recebeu apoio da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)** e foi desenvolvido em parceria com o professor Gilberto Mendonça, também da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

topo ↕

## **GAZETA DE PIRACICABA - TEMPO REAL**

### **Plástico biodegradável**

#### **Pesquisadores da Esalq e da Poli da USP desenvolvem produto de amido**

Desenvolver um produto resistente, transparente, economicamente viável e biodegradável, capaz de desaparecer, em uma semana, se for jogado na natureza. Esses foram desafios da pesquisa que resultou na elaboração de um plástico feito a partir do amido da mandioca, com uso de uma nova tecnologia que utiliza o ozônio, gás que gera como resíduo, após o uso, o oxigênio. Todo o estudo com base no Conceito Tecnologia Verde foi realizado por pesquisadores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) e da Escola Politécnica (Poli/USP).

"Unimos a nossa experiência de cinco anos de estudos de diferentes técnicas de modificar o amido - que pode ser da mandioca, arroz, milho e batata - e suas possíveis aplicações, no laboratório do Grupo de Estudos de Engenharia de Processos (Ge2P) da Esalq, com a expertise de 15 anos de pesquisas realizadas no Laboratório de Engenharia de Alimentos (LEA), coordenado pela professora Carmen Cecília Tadini, da Poli, na produção de plásticos de diferentes fontes", explicou o professor-coordenador do Ge2P, Pedro Esteves Duarte Augusto.

Por quase dois anos, os pesquisadores trabalharam na produção do novo plástico, que ao final do processo se mostrou mais resistente que outros plásticos biodegradáveis, cerca de 30%, e transparente.

"O desafio de elaborar um produto diferente é importante porque nas embalagens o consumidor precisa ver o produto. Esse plástico biodegradável não serve para embalar alimentos úmidos, mas todos alimentos secos e produtos, como arroz, feijão, a película que vai em uma embalagem com papelão e sacolas, esse material pode ser utilizado. Também não conseguimos que ele possa ser aplicado em usos que exigem resistência, como para-choque de carro, teclado de computador e outros produtos feitos de plástico duro", afirmou.

O plástico está presente em praticamente todos os momentos do dia a dia. Está nas

embalagens, nos veículos, equipamentos eletrônicos, utensílios domésticos. É difícil lembrar, em um dia inteiro, um momento sem ficar em contato com esse produto, que por ser descartado erroneamente também é responsável pela poluição ambiental.

O plástico geralmente é feito a partir do petróleo - pode demorar centenas de anos para se decompor na natureza. Por esse motivo, a busca por fontes alternativas tem ocorrido em todo o mundo e o amido se mostrou eficaz.

## Nova tecnologia

Para o professor, o mérito desse estudo foi a sua inovação tecnológica ao usar o ozônio. "O amido foi modificado quimicamente por uma reação pela aplicação do ozônio. Essa interação produziu moléculas diferentes que resultaram em um plástico mais resistente e transparente. E o ozônio é um gás considerado amigável para o Meio Ambiente", comentou Augusto.

O Ge2P já desenvolveu, em suas pesquisas, trabalhos utilizando tecnologias como ultrassom e irradiação com amidos, mas com a modificação com ozônio, os resultados foram no sentido de que o produto obtido permite diversas aplicações. A descoberta não vai resolver o problema do planeta com relação à poluição do plástico, mas é um passo importante para reduzir os impactos.

"Já solicitamos o registro da patente e basta alguma empresa se interessar em produzir e levar o produto para o mercado. Nosso papel, enquanto pesquisadores é apresentar algo que é possível ser preparado e os estudos vão continuar, por pelo menos mais dois anos", relatou o professor.

De acordo com o coordenador, a maior parte da pesquisa foi liderada pela pesquisadora boliviana, engenheira química de Alimentos Carla Ivonne La Fuente Arias, que desenvolve o pós-doutorado no Ge2P, em parceria com o LEA e com Bolsa da Fapesp.

"O estudo para o Pós-Doutorado e a aproximação com o grupo coordenado pelo professor Pedro teve início quando ele fez parte da minha banca de qualificação no doutorado. Essa nova pesquisa trata-se de uma Tecnologia Verde, amigável com o Ambiente. Esse é o foco, modificá-lo com o ozônio de maneira a melhorar suas propriedades na forma nativa. Produzimos assim esse plástico biodegradável e, mesmo ainda na etapa inicial, já obtivemos um produto de boa qualidade", disse.

A pesquisadora informou que a próxima etapa da pesquisa será realizada na Poli e será sobre a viabilidade da produção em escala semi-industrial. Na Esalq são realizadas as etapas de ozonização, secagem e caracterização das amostras de amido. Na Poli, Carla prepara e caracteriza o plástico biodegradável.

## Quantidade

De acordo com o professor Pedro, com um quilo de mandioca é possível produzir 300 gramas de plástico biodegradável. A mandioca foi o alimento escolhido porque produz grande quantidade de amido.

"Poderíamos usar o milho, que também tem grandes quantidades de amido, a batata e o arroz. Mas, selecionamos a mandioca porque é um produto típico do Brasil e queríamos demonstrar que é possível utilizar outras fontes, que não o milho ou a batata, por exemplo", comentou o professor.

O estudo ainda não avaliou as possíveis destinações dos resíduos da mandioca que sobram da produção do plástico biodegradável. "Sobram as fibras da mandioca no processo e elas podem ter usos para outras finalidades. As pesquisas são importantes por isso, porque sempre surge pergunta que precisa de estudos para ser respondida", observou.

Ao todo, seis integrantes do Ge2P da Esalq, que conta com cerca de 20 membros da graduação até o Pós-Doutorado participaram da pesquisa. O trabalho teve, ainda, a participação das pesquisadoras Andressa de Souza, Bianca Maniglia e Nanci Castanha e foi financiado pela Fapesp, com bolsas da fundação, da **Capes** e do CNPq. (Com informações de Caio Albuquerque/Esalq)

topo ↕

## GOVERNO DE SP - TEMPO REAL

### **Unesp firma parceria com a Universidade da Califórnia em diversas áreas Workshop em São Paulo aproximou pesquisadores das instituições em setores como imunogenética e evapotranspiração**

Representantes da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e da Universidade da Califórnia (UCDavis), em Davis, nos Estados Unidos, participaram de uma reunião em São Paulo para discutir interesses comuns de pesquisa, em biologia de vetores, imunogenética, produtos farmacêuticos vegetais, câncer e evapotranspiração.

O workshop contou com a participação do assessor-chefe de Relações Externas da Unesp, professor José Celso Freire Júnior, dos assessores da Pró-Reitoria de Pesquisa, Paulo Noronha, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Maurício Bacci, e de dez pesquisadores e de dez alunos de doutorado e pós-doutorado.

#### Ações

A UCDavis contou com a presença do vice-reitor de Assuntos Globais, Michael Lazzara, e cinco pesquisadores. Já existem três iniciativas de parceria em andamento entre as duas instituições que foram estabelecidas por meio do projeto **Capex PrInt** Unesp. A ideia também é submeter propostas conjuntas para editais Fapesp/National Institute of Health (NIH), USA, e Sprint Fapesp.

“Temos três pontos como ações concretas do evento. O primeiro é a assinatura de um acordo de cooperação formal. O segundo é a decisão de organizar o Dia da Unesp, na Davis, no começo de 2020, com financiamento do PrInt. O terceiro é tentar construir uma aliança global, envolvendo alguns dos nossos parceiros comuns na área de produção animal”, explica o professor José Celso Freire Júnior.

“Nosso programa ‘Educação Global para Todos’ é o que chamamos de uma das grandes ideias da UCDavis. Ele olha para o futuro como forma de impulsionar o desenvolvimento da universidade. Nosso objetivo é criar experiências globais de aprendizagem para 100% dos nossos alunos, sejam acadêmicos ou profissionais e, portanto, para fazer isso, as parcerias são uma parte, realmente, importante”, salienta Michael Lazzara, vice-reitor de Assuntos Globais da UCDavis.

“Estamos muito felizes porque acreditamos que podemos desenvolver várias oportunidades para mobilidade de alunos e estágios. A Unesp será uma grande parceira no projeto”, avalia Michael Lazzara, vice-reitor de Assuntos Globais da UCDavis.

## Linhas de financiamento

O professor Walter Leal, da UC Davis, também destacou a importância da iniciativa para as duas instituições. “Nós já estamos, então, desenhando maneiras de como vamos angariar recursos para trabalharmos juntos. Existe já algumas linhas de financiamento envolvendo a Fapesp e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. Trabalharemos nessas aplicações”, diz.

“O evento foi muito importante porque colocou os pesquisadores já financiados pelo **Capes** PrInt e que têm redes de pesquisa internacional em contato com os pesquisadores de Davis e com os pesquisadores da própria Unesp, para organizar, lá em Davis, no próximo janeiro, um Unesp Day”, enfatiza o professor Maurício Bacci, assessor da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Unesp.

“O plano estratégico de internacionalização da Unesp tem três pilares. Um é formar as pessoas para o mundo global. O segundo representa a pesquisa. O terceiro consiste na questão das parcerias. Estamos tentando requalificar as parcerias, buscando instituições parceiras para desenvolver a nossa internacionalização”, aponta professor José Celso Freire Júnior.

topo ↕

## SEGS - PORTAL NACIONAL - TEMPO REAL

### Capex abre seleção para financiar dez projetos de pesquisa entre Brasil e Portugal

Uma seleção da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível**

**Superior (Capex)** vai liberar R\$ 3,2 milhões para projetos de pesquisa conjunta entre estudantes do Brasil e de Portugal. Os interessados podem se inscrever até 29 de outubro.

“O novo edital foca em áreas específicas que apresentam relevância e impacto tanto para o Brasil quanto para Portugal. A intenção é fortalecer e dar ainda mais visibilidade para as pesquisas desenvolvidas nos projetos selecionados”, explica Andrea Vieira, coordenadora-geral de programas da **Capex**.

Serão selecionados dez projetos com, no máximo, dois anos de duração nas seguintes áreas de conhecimento: Ciências do Espaço, Ciências do Mar, Alterações Climáticas, Inteligência Artificial, Computação Avançada e Medicina Oncológica.

O objetivo é fortalecer a cooperação entre as instituições de ensino superior e de pesquisa dos dois países, fomentar o intercâmbio científico entre grupos de pesquisa e desenvolvimento de ambas as nações e a mobilidade de professores e estudantes de pós-graduação no nível de doutorado.

Cada projeto receberá até R\$ 328 mil. Por ano, serão R\$ 40 mil para custeio de até duas missões de trabalho, R\$ 10 mil para os recursos de manutenção do projeto e R\$ R\$ 278 para bolsas. O apoio financeiro será repassado ao longo da vigência do projeto.

Seleção – Os critérios de participação para cada modalidade (doutorado-sanduíche, pós-doutorado e professor visitante júnior e sênior) e para comprovar o nível de proficiência em língua estrangeira estão especificados no edital, que pode ser acessado no site da **Capex**. O resultado será divulgado até 31 março de 2020 e a previsão para início das atividades dos projetos é abril de 2020.

Assessoria de Comunicação Social, com informações da **Capes**

topo ↕

## **SEGS - PORTAL NACIONAL - TEMPO REAL**

### **Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos do Itai está com inscrições abertas**

Candidatos devem se inscrever até 31 de outubro; processo seletivo inclui prova escrita, entrevista e análise de currículo

Está aberto o processo seletivo do curso de mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos do Instituto de Tecnologia de Alimentos (Itai), vinculado à Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. As inscrições são gratuitas e devem ser feitas até 31 de outubro presencialmente, pelo próprio candidato ou procurador, ou via postal.

São 10 vagas oferecidas, com início das aulas em março de 2020. A prova escrita ocorrerá em 18 de novembro, abrangendo Química de Alimentos, Microbiologia de Alimentos, Conservação de alimentos e Embalagem para Alimentos – a bibliografia sugerida está disponível no edital de abertura de inscrições. Os aprovados na prova escrita serão entrevistados e terão os currículos analisados entre 21 e 22 de novembro, conforme agendamento a ser realizado no dia 19. O resultado final será divulgado em 3 de dezembro.

Para se candidatar, é preciso entregar formulário de inscrição preenchido e carta de recomendação, dentre outros documentos detalhados no edital. As inscrições devem ser feitas de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 17h, na Secretaria de Pós-Graduação do Itai, localizado na Av. Brasil, 2880, no Jardim Chapadão, em Campinas. Para inscrição pelos Correios, será considerada a data de postagem até 31 de outubro – CEP 13070-178 e Caixa Postal 139.

Aprovado pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, o curso de mestrado do Itai teve início em março de 2015 e abrange duas linhas de pesquisa. Outras informações podem ser consultadas na página do Programa de Pós-Graduação do Itai, pelo telefone (19) 3743-1762 ou pelo e-mail [pos@ital.sp.gov.br](mailto:pos@ital.sp.gov.br).

#### Sobre o Itai

O Instituto de Tecnologia de Alimentos (Itai) promove atividades de pesquisa, desenvolvimento, assistência tecnológica, inovação e difusão do conhecimento nas áreas de embalagem e de processamento, conservação e segurança de alimentos e bebidas. Fundado em 1963 e situado em Campinas/SP, o Itai é vinculado à Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA), e conta com unidades técnicas especializadas em produtos cárneos, de panificação, cereais, chocolates, balas, confeitos, laticínios, frutas, hortaliças, engenharia de processos industriais e embalagens; 15 plantas-piloto especializadas em processamento de alimentos e bebidas e de avaliação do desempenho de embalagens; e 35 laboratórios de análise e ensaios, além do Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) e da Plataforma de Inovação Tecnológica, especializada em estudos de tendências de mercado e de prospecção de oportunidades e demandas de inovação. É certificado na norma NBR ISO 9001 e possui ensaios acreditados na norma ISO/IEC 17025 pela Cgcre/Inmetro.

Outras informações estão disponíveis no site <http://www.ital.agricultura.sp.gov.br>.

topo ↕

## **R7 - TEMPO REAL**

### **Provas do Supletivo e do Enceja começam segunda-feira na Funase**

#### **Os socioeducandos fazem provas importantes para a trajetória educacional**

A partir desta segunda-feira (7), os socioeducandos da Funase fazem provas importantes para a trajetória educacional. Eles começam com as questões do supletivo, promovido pela Secretaria Estadual de Educação e Esportes (SEE) e atenderá quase mil socioeducandos. Já na terça (8) e na quarta (9), será a vez do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos – Pessoas Privadas de Liberdade (Enceja PPL), coordenado pelo Ministério da Educação (MEC).

As avaliações acontecem nos 11 Centros de Atendimento Socioeducativo (Case) e nos oito Casas de Semiliberdade (Casem) administrados pela Funase em todas as regiões do Estado. Nas últimas semanas, os socioeducandos participaram de aulões preparatórios promovidos por professores que atuam nas escolas da rede estadual de ensino existentes nas unidades de internação da Funase.

Este foi o ano em que o interesse dos alunos pelas avaliações aumentou. Só o Supletivo, por exemplo, deve ter 904 adolescentes e jovens da Funase participantes, número 49,4% maior que os 605 inscritos em 2018. Já o Enceja PPL deve ter 507 socioeducandos fazendo provas, número maior que os 427 da edição passada.

topo ↕

## **R7 - TEMPO REAL**

### **Estado de São Paulo adere ao programa de escolas militares**

#### **Anuncio foi feito pelo governador João Doria (PSDB). MEC deve liberar R\$ 54 milhões para o projeto em 2020, sendo R\$ 1 milhão por escola**

O estado de São Paulo decidiu aderir ao Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares do MEC (Ministério da Educação). De acordo com o governador João Doria, a decisão ocorreu após esclarecimentos prestados pelo ministério ao secretário de Educação do estado.

“Nós pedimos uma análise mais profunda do secretário de Educação, Rossieli Soares, que foi ministro da Educação, e de forma muito conscienciosa. Hoje de manhã, o secretário me disse que é possível a aprovação. Portanto São Paulo vai aderir”, disse Doria aos jornalistas quinta-feira (3), durante passagem por Brasília.

O MEC vai liberar R\$ 54 milhões para o programa em 2020, sendo R\$ 1 milhão por escola. O dinheiro será investido no pagamento de pessoal em algumas instituições e na melhoria de infraestrutura, compra de material escolar e reformas, entre outras intervenções.

As escolas em que haverá pagamento de pessoal são as que fizerem parceria com o MEC e o Ministério da Defesa, que contratará militares da reserva das Forças Armadas para trabalhar nos estabelecimentos. A duração mínima do serviço é de dois anos, prorrogáveis por até dez, podendo ser cancelado a qualquer tempo. Os profissionais vão receber 30% da remuneração que recebiam antes de se aposentar.

Os estados poderão ainda destinar policiais e bombeiros militares para apoiar a

# CLIPPING



administração das escolas. Nesse caso, o MEC repassará a verba ao governo, que, em contrapartida, investirá na infraestrutura das unidades, com materiais escolares e pequenas reformas.

Os militares irão atuar como monitores, acompanhando os alunos e fazendo contato com as famílias.

